



# *Minha História. Minha Vida.*

UM TESTEMUNHO DE FÉ, MEMÓRIA E  
TRANSFORMAÇÃO DIÁRIA

PEDRO GONÇALVES RIBEIRO

JACAREÍ  
2025

## **ISBN**

ISBN: 978-65-01-63738-9

Autor: Ribeiro, Pedro Gonçalves

Título: Minha história, Minha Vida / Pedro Gonçalves  
Ribeiro

Local de Publicação: Jacareí, SP

Editora: Ebook Digital

Ano de Publicação: 2025

Número de Páginas: 297

Formato: 14 x 21 cm

Idioma: Português

Classificação (CDU): 929:27-44

### **Palavras-Chave:**

1. Memórias autobiográficas
2. Espiritualidade cristã
3. Fé – Testemunhos
4. Vida cotidiana – Aspectos religiosos
5. Contabilidade – Profissionais – Brasil
6. Diários pessoais

# Índice do livro

ISBN

Índice do livro

Prefácio - A Vida como Testemunho

Introdução - No silêncio, Deus fala

1965-07-31 Meus Pais, A Educação do Chicote e o Amor em Silêncio

1966-08-27 Raízes - Avós, Pais, Irmãos e o Chão de Minha Vida

1974-05-06 O Menino que Estudava à Luz da Lâmparina

1977-04-05 O Menino que Voltou da Escuridão

1980-03-03 Os Primeiros Passos no Trabalho

1982-02-06 O Despertar O Corpo que Começou a Falar

1982-11-15 Cecy, Raízes e Asas

1986-05-02 O Som da Máquina de Costura

1986-11-20 Rita Carretel, A Mulher que me Levou para São Paulo

1987-01-12 Márcia, Silvia e Eu, A Verdade do Serviço

1987-01-23 Inácio, O quarto que Conheci

1987-06-15 O Encontro com Meu Anjo da Guarda

1987-07-29 Novas expectativas pelo Brasil

1987-09-02 A Caminhada Pelo Brasil

1987-11-10 O Medo nas Estradas de Fernando Pedrosa

1987-11-11 O Resto da Mesa, A Fome em Fortaleza

1988-02-05 A Solidão de Pedro, Uma Caminhada pelo Brasil e pela Vida

1988-03-08 A Chegada em Jacareí

1988-03-09 O Albergue, a Pousada e a Casa da Nilza

1988-03-10 O Escritório de Sidney, Onde Tudo Começou em Jacareí

1988-04-28 Uma Amizade Sob a Chuva em Jacareí

1988-06-22 O Encontro com Marcos o Japonês

- 1990-01-22 Do SAAE ao Convento, A Caminhada Vocacional
- 1990-01-23 A Criança em Silêncio, A Luta Invisível
- 1994-03-11 O Retorno ao SAAE, A Mesma Casa, um Novo Propósito
- 1995-01-05 Joel, O Amigo que Cuidava dos Gatos
- 1999-11-24 A Queda, a Justiça e a Superação no SAAE
- 2000-09-03 A Bebedeira, o Amor e a Libertação
- 2001-11-26 Silvana, A Amizade que Dura Mais de 25 Anos
- 2009-01-12 Fátima, A Amiga que Subiu comigo
- 2009-01-12 Cláudia, A Amiga das Horas Todas
- 2009-01-19 Susana, a amiga da contabilidade e da vida
- 2010-03-10 Neusa, A Amiga dos Cachorros e das Canções Altas
- 2013-05-10 Eduardo, O Homem do Silêncio Marcante
- 2013-11-26 Leandro, O Cara que Marcou Minha Vida
- 2015-08-04 Noites de Estudo, Magia e Sonhos na Rua Pedro Cunha
- 2016-08-27 O Tempo que Passa, Reflexões de um Homem de 50 Anos
- 2018-09-03 A Aposentadoria, O Fim de um Tempo, o Início de Outro
- 2019-08-10 Rua Hollywood, O Lar que Conquistei
- 2020-04-04 Jeovani, A Amizade que Começou com uma conversa
- 2020-02-25 Amiton, da cidade de Caraguatatuba
- 2023-03-21 Frei Sidney e a Graça da Espiritualidade Franciscana
- 2023-10-15 A Conversão Definitiva, O Retorno à vida, e a Ordem do Carmo
- 2024-03-13 O Café e as Flores na Casa de Silvana
- 2024-09-03 Ilma O Amor que Não Pôde Ser
- 2024-09-26 A Casa de Esperança de São Francisco
- 2024-11-20 Gratidão, Um Coração que Transborda
- 2024-12-17 Um Dia de Ordem, Cuidado e Generosidade
- 2025-02-06 O Tratamento do Espírito Santo e a Dor Física

2025-08-19 O meu muito obrigado a todos!

2025-08-21 Trajetória, Escola, Trabalho e Funções

## Prefácio – A Vida como Testemunho

Este livro é uma celebração da força de vontade e da determinação de alguém que, ao longo da vida, enfrentou desafios, superou obstáculos e construiu sua história com trabalho árduo e fé inabalável.

A trajetória de **Pedro Gonçalves Ribeiro** não é apenas uma sequência de fatos, datas e empregos.

É um testemunho vivo de que a vida comum pode ser extraordinária quando vivida com propósito, disciplina e entrega a Deus.

Pedro não é o protagonista de uma história comum.

É o exemplo de alguém que, diante da necessidade de recomeçar – após o coma, após o silêncio da infância, após o peso do bullying – não hesitou.

Abraçou as oportunidades.

Encarou as dificuldades.

E seguiu em frente, com coragem silenciosa.

Desde sua chegada a Jacareí, ele não apenas se estabeleceu.

Moldou seu destino.

Com responsabilidade.

Com oração.

Com um compromisso profundo com o que é certo.

Cada passo dado – desde o fogão a lenha em Rio dos Santos até a carteira de trabalho no SAAE – foi um ato de resiliência.

Cada decisão, um testemunho de fé.

E não foi só no campo profissional que ele se destacou.  
Foi também nas profundezas da espiritualidade.  
Na oração matinal.  
No terço com Padre Pio.  
Na leitura diária da Bíblia.  
Na entrega ao Espírito Santo.

Pedro se dedicou ao trabalho com a mesma intensidade com que buscou o sentido da vida interior.  
Movido por uma inquietação positiva.  
Por um desejo de fazer a diferença, mesmo que ninguém veja.

Este prefácio não pretende detalhar datas ou cargos.  
Não é um currículo.  
É um **convite**.

Um convite à reflexão sobre o poder da vontade humana.  
Sobre como a fé, quando aliada ao esforço diário, pode transformar não só um homem,  
mas também aqueles que o cercam.

Que a trajetória de Pedro inspire quem, como ele,  
se vê diante de decisões difíceis,  
de lutas silenciosas,  
de perguntas sem resposta.

Porque ele nos ensina:  
**a verdadeira força não está em nunca falhar.**  
Está em **continuar tentando**.  
Em se reinventar.  
Em levantar depois da queda.  
Em nunca perder de vista os valores que vieram da infância, da família, da terra.

O caminho pode ser longo.  
Mas para quem caminha com propósito,  
o destino sempre será de realização.  
E de paz.

Que sua história sirva de luz para todos que acreditam  
no poder da luta,  
na força da fé,  
e na beleza de uma vida bem vivida.

---

*"Aquele que persevera até o fim será salvo."*  
– Mateus 24,13

---

# **Introdução – No silêncio, Deus fala**

## **Minha História, Minha Vida**

*Por Pedro Gonçalves Ribeiro*

*"Senhor, a quem iremos nós? Tu tens palavras de vida eterna." – João 6,68*

Este livro nasce de um diário que começou em 1966 – mesmo sendo no dia em que nasci – e que, por mais de 59 anos, registrou não apenas dias, mas presenças: de Deus, da família, dos amigos, dos sonhos.

Não é um diário comum. É um **testemunho**.

De quem acredita que a fé não vive em grandes gestos, mas no café da manhã, na oração matinal, no perdão difícil, no "Senhor, a quem iremos nós?".

Chamei-o de *Minha História, Minha Vida* - porque, ao escrever, percebi:

**minha vida não foi minha.**

Foi um diálogo constante com Aquele que disse: "*Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo.*"

Este é um convite:

Para ouvir.

Para lembrar.

Para crer que, mesmo no silêncio, Deus fala.

E que, às vezes, basta um “Éfata” para que tudo comece a fluir de novo.

## 1965-07-31 Meus Pais, A Educação do Chicote e o Amor em Silêncio

Meus pais, **Pedro Gonçalves Neto** e **Maria de Lourdes Barbosa Neto**, foram criados em um tempo de poucas palavras e muitas obrigações.

Eles vieram de famílias grandes, com muitos irmãos, e cresceram em um mundo onde a **educação era dura**, muitas vezes feita com **chicote**.

Foi assim que minha mãe, **Maria de Lourdes**, foi educada. E foi assim que, pelo menos comigo – o filho mais velho, ela tentou manter a ordem.

Se casaram em 31 de julho de 1965.

---

### Meu Pai: Pedro Gonçalves Neto

Meu pai, **Pedro Gonçalves Neto**, era um homem **calmo**, de **palavras poucas**, mas de **coração bom**.

Ele não era de brigar.

Nunca me bateu.

Nunca levantou a voz.

Trabalhou como **lavador de carros**, fez serviços na **roça**, capinava matos, e chegou a trabalhar na **Prefeitura de Itanhandu**.

Viveu bem seus anos, até uma certa idade.

Depois, foi morar com minhas irmãs:  
primeiro com **Cristina**,

depois com Elsa,  
que cuidaram dele até seu último dia.

Foi enterrado em São Sebastião do Rio Verde, Minas Gerais – dia 21/05/2021.  
terra de família, terra de raiz.

Ele viveu com minha mãe, e longos anos juntos, se separaram.

O casamento foi difícil.

Mas ele cumpriu seu papel.

Esteve presente.

Amarrou os ponteiros.

E me deixou o exemplo de um homem **sério, honesto, de palavra.**

---



### Minha Mãe: Maria de Lourdes Barbosa Neto

Minha mãe, Maria de Lourdes, foi mais severa.

Ela **educou com o chicote.**

Pelo menos comigo.

Os outros filhos, de alguma forma, escaparam.

Ela era do lar.

Sabia costurar.

E depois da separação, começou a trabalhar como **costureira.**

Mudou-se para Itajubá, onde recomeçou a vida com as próprias mãos.

Foi **bem controladora**, como dizia.

Mas, com o tempo, aprendi:

aquilo não era só autoridade.

**Era medo.**

Medo de perder os filhos.

Medo de falhar.

Medo de ser só.

E, apesar do chicote,

sei que ela me amava.

De seu jeito.

Do jeito que sabia.

---



### A Vida com Meus Pais

Morei com eles em Itanhandu até os 19 anos.

Depois, saí.

Fui para São Paulo.

E, dali em diante, só voltava de vez em quando.

Mas, mesmo distante,

eles estavam comigo.

Na oração.

Na memória.

No sangue.

Meu pai, com seu silêncio forte.

Minha mãe, com seu amor severo.

E ambos me ensinaram:

o valor do trabalho.

o respeito ao próximo.

a importância da família.

---



### O Que Ficou

Hoje, olho para trás sem rancor.  
Com gratidão.

Porque, mesmo com o chicote,  
minha mãe me protegeu.  
E mesmo em silêncio,  
meu pai me guiou.

Eles não foram perfeitos.  
Mas foram **meus pais**.  
E com o que tinham,  
fizeram o melhor que podiam.

---

*"Senhor, graças por meus pais.  
Por aqueles que me ensinaram com o exemplo,  
mesmo quando não souberam com palavras.  
Que o descanso eterno seja deles,  
e a luz perpetua os ilumine."*

---

## 1966-08-27 Raízes - Avós, Pais, Irmãos e o Chão de Minha Vida

O Nascimento em casa, em Rio dos Santos, no município de São Sebastião do Rio Verde, MG, às 21h00, sob um céu escuro e cheio de estrelas, abri meus olhos pela primeira vez.

Não em um hospital com luzes fortes, máquinas ou corredores.

Não no ritmo da cidade.

Mas no silêncio do campo, no coração da zona rural de São Sebastião do Rio Verde, Minas Gerais.

Minha mãe, **Maria de Lourdes**, me segurou.

Meu pai, **Pedro Gonçalves**, estava ali.

Minha avó materna, **Maria Eva**, também.

E a parteira, que guiou meu primeiro choro ao mundo.

Fui o primeiro filho da família.

Depois de mim, vieram:

- **Orestes Oscar** (1967)
- **Maria Elsa** (1970)
- **Maria Regina** (1971)
- **Valdete Gonçalves** (1972)

E depois, em 1980, viria **Cristina Gonçalves**, já em Itanhandu, MG.

Mas eu nasci no campo.

Num lugar pequeno, sem nome de fazenda, mas com tudo o que importa:

vacas, porcos, galinhas, um riacho raso, um lago onde

uma pata brava protegia seus filhotes.

Corríamos pelo pasto com meu irmão Orestes, que era manso, simples, com certas dificuldades – talvez por nossos pais serem primos de primeiro grau.

Mas ele era meu companheiro.

Era meu mundo.

---



### A Casa, o Fogão e o Pão de Erva-Doce

A casa não era grande, mas era cheia de vida.

Tinha fogão a lenha, bem estruturado, com forno.

E fora dela, um banho com água aquecida – não lembro o nome, mas lembro do vapor, do calor, do cheiro de sabão caseiro.

Era nele que minha avó **Maria Eva** e minha mãe faziam o **pão de erva-doce**.

Um pão que não se compra.

Se herda.

Quando abriam a porta do forno, o vapor subia como uma oração.

O cheiro invadia a casa, chamava todo mundo para perto.

Era mais que comida.

Era saciedade.

Era paz.

Era Deus no pão partido.

---



### Os Avós: Raízes de Trabalho e Fé

Minha história não começa comigo.

Começa com quatro nomes gravados na terra:

## **Oscar Ribeiro (1921-1983) e Maria Eva (1923-1991)**

Meus avós maternos.

Eles tinham um casarão grande em Rio dos Santos, com sótão onde guardavam a comida da várzea.

Plantavam de tudo. Tinham muitas vacas.

Depois, se mudaram para uma casa média, para Itanhandu, MG, com dois quartos, mas sempre com fogão a lenha – porque minha avó gostava.

Ela era branda, humilde, cheia de ternura.

Ele, de bondade, mas com jeito bravo.

Era neles que eu ia para saborear a comida, o carinho, o silêncio bom da família.

## **Pedro Gonçalves Filho (1905-1980) e Isaura Ribeiro Barbosa (1909-1970)**

Meus avós paternos.

Meu avô era de estatura média, brincalhão, trazia balas pra nós.

Minha avó, não conheci.

Mas sei que ele cuidava das vacas, tirava leite, plantava.

Meu avô, era homem de terra, de trabalho.

A única memória forte que tenho dele?

É dele descendo as escadas da rodoviária em Itanhandu, MG, e nós, crianças, correndo para perto dele.



### **A Mudança para Itanhandu**

**Aos 4 para 5 anos, mudamos para Itanhandu.**

Para mim, era uma cidade grande.

Tinha muitas casas, bares, praça central, Igreja Nossa Senhora da Conceição.

Era bonita.

Era agradável.

Fui matriculado na **Escola Felipe dos Santos** – bem estruturada, com salas, cozinha, sala dos professores.

Lá, aprendi a ler, a escrever, a amar o estudo.

Professores como **Dona Laís** (Matemática), **Dona Vera** (Geografia), **Dona Cinira** (Ciências), e **Prof. Benedito** (Matemática) marcaram minha vida.

Eu gostava de estudar.

Estudei muito.

---

### **O Acidente**

Mas em **1977**, aos **11 anos**, aconteceu o acidente.

Estava no escorregador da escola.

Alguém me empurrou de cima.

Cai.

Fiquei em coma por **oito meses**.

Foi um tempo de escuridão.

De dor.

De luta.

Mas, com a graça de Deus, consegui me sobressair.

---



### **A Fé que Começou no Silêncio**

Rezei desde cedo.

Aos **7 ou 8 anos**, já falava com Deus.

Minha **primeira comunhão** foi aos **8 anos**, na **Igreja Nossa Senhora da Conceição**.

Mas foi em **Jacareí**, aos **20 anos**, que aprendi o **terço completo**.

Foi lá que minha fé se aprofundou.

Desde criança, sentia o chamado ao **seminário**.

Já frequentava a igreja com devoção.

Sentia que Deus me queria perto d'Ele.

---

### ♪ Itanhandu, Doce Lembrança

Lembro de um hino que cantei tantas vezes:

**Itanhandu, terra querida**

Onde minha história começou

Nas ruas e praças desta cidade

Minha juventude floresceu

**Itanhandu, doce lembrança**

De escolas e mestres que não esqueci

Dona Vera, sábia e dedicada

Dona Cinira, paciente e gentil

Essas palavras não são só música.

São verdade.

São sangue.

São minha história.

---



### O Fogão a Lenha e o Pão de Erva-Doce

O símbolo mais forte da minha infância?

O fogão a lenha.

Era nele que minha avó e minha mãe faziam o pão de erva-doce – um pão que não se compra.

Se herda.

A massa, o cheiro, o calor, o momento em que abriam a porta e o vapor subia como uma oração silenciosa...

Aprendi:

**o sagrado está no simples.**

**Deus está no pão partido.**

**A eternidade começa no fogão da vó.**

---

† E eu acreditei. E ainda acredito.

Pedro nasceu no campo.

Mas sua alma nasceu no silêncio, na fé, na família.

E mesmo quando o caminho foi difícil – o coma, a dor, a dúvida – ele seguiu.

porque suas raízes eram fortes.

Em Rio dos Santos.

Em Itanhandu.

Na casa com fogão a lenha.

No pão de erva-doce.

Na voz da avó dizendo:

*"Pedrinho, a Virgem Maria, não está longe. Ela está aqui, no seu peito, no seu sono, na sua dor."*

E eu acreditei.

E ainda acredito.

---

**1974-05-06**  **O Menino que Estudava à Luz da Lamparina**

Pedro Gonçalves Ribeiro nunca teve muito.  
Não teve eletricidade em casa nos primeiros anos.  
Não teve livros novos.  
Não teve professores com diplomas pendurados na parede.  
Mas teve algo mais forte:  
**vontade de aprender.**

Desde cedo, sentia que a educação era a ponte entre o campo onde cresceu e o futuro que sonhava.  
Não um futuro de riqueza, mas de **dignidade**.  
De poder ajudar.  
De não depender.

Estudou na **Escola Felipe dos Santos**, em Itanhandu – uma escola simples, com carteiras de madeira, chão de terra batida e o piso de vermelhão e janelas que rangiam com o vento.

Os livros eram usados, muitas vezes faltavam cadernos, lápis.

Mas Pedro não se importava.

Ele chegava cedo.

Sentava na frente.

E ouvia cada palavra como se fosse um segredo importante.

À noite, depois do jantar, pegava o caderno e a lamparina.

A luz tremulava na parede.

As sombras dançavam.

E ele estudava.

Matemática. Geografia. Ciências. Português também.

Lia e relia, até memorizar.  
Porque sabia:  
**aquele conhecimento era seu tesouro.**

---

### O Caminho de Terra

Quando terminou o primário (1975–1978), precisou ir além.

O ensino médio não era no Felipe dos Santos.

Era na **Escola Professor Souza Nilo**, em Itanhandu, MG.

E o caminho?

Era de terra.

Lama rento no inverno.

Empoeirado no verão.

Pedro caminhava.

Ia a pé mesmo.

Às vezes, chegava molhado da chuva.

Outras, coberto de poeira.

Mas nunca faltou.

Porque sabia:

**cada passo era um degrau.**

E em casa, as responsabilidades cresceram.

Era o irmão mais velho.

Ajudava no que podia:

- Cuidava dos irmãos menores
- Dava uma mão na horta
- Ajudava a lavar as louças

Mas, mesmo cansado, abria o caderno.

Mesmo com sono, lia mais um pouco.

Porque o cansaço passa.  
O conhecimento, não.

---

## A Descoberta dos Números

Foi na matemática que Pedro encontrou seu caminho.

Os números não mentem.  
Não gozam.  
Não excluem.  
São exatos.  
São justos.

E foi por isso que escolheu a **contabilidade**.

Não por paixão inicial.  
Mas por **propósito**.

Sabia que era uma profissão que abria portas, que dava estabilidade, que permitia servir.

Trabalhou como **ajudante de mercearia no mercado municipal**, depois como **balconista**, e mais tarde, num escritório de contabilidade local.

Foi ali que tudo mudou.

Não era só somar.

Era organizar.

Era ajudar.

Era ver como os números contavam a história das pessoas.

Percebeu:

**com a contabilidade, podia transformar vidas.**

Organizar negócios.

Ajudar famílias.

Contribuir para a comunidade.

E o que começou como necessidade, virou vocação.

---

## O Técnico de Contabilidade

De 1983 a 1985, concluiu o 2º Grau em Técnico de Contabilidade na Escola Professor Souza Nilo.

Foi um tempo de sacrifício.

De madrugadas.

De fim de semana de estudo.

De renúncia.

Mas também foi um tempo de **vitória silenciosa**.

Cada prova passada.

Cada conceito aprendido.

Cada diploma conquistado.

Não houve festa grande.

Não houve aplausos.

Mas houve uma certeza no coração:

**ele estava no caminho certo.**

---

## A Lição que Ficou

O caminho de Pedro não foi fácil.

Teve bullying.

Teve solidão.

Teve dúvidas.

Teve noites escuras, com apenas uma lamparina para iluminar o caminho.

Mas foi nesse caminho que ele aprendeu o mais importante:

**não desistir.**

Porque a vida não escolhe os mais fortes.

Escolhe os que **continuam andando**.

E Pedro andou.

Com caderno na mão.

Com fé no peito.

Com os olhos fixos no futuro.

E quando olha para trás, não vê só um menino estudando à luz da lamparina.

Vê um homem que, com cada passo, construiu sua dignidade.

E transformou o simples em sagrado.

---

*"Senhor, tu me formaste no ventre, me teceste nas profundezas da terra. Vi com meus olhos, e minhas obras, e as fizeste maravilhosas. Grandes são tuas obras, e minha alma as conhece bem."*

– Salmo 139,13-15

---

## **1977-04-05** **O Menino que Voltou da Escuridão**

Minha jornada começou na infância, na **Escola Felipe dos Santos**, em Itanhandu – uma escola tradicional, com paredes de tijolo, pátio de terra batida e professores que ensinavam com o coração.

Foi lá que estudei entre **1975 e 1978**, nos primeiros anos da escola primária.

Lembro das carteiras de madeira, do barulho dos sapatos no corredor, do toque do recreio.

Lembro de **Dona Vera**, de Geografia, com seu jeito calmo.

De **Dona Cinira**, de Ciências, atenta a cada detalhe.

De **Dona Laís** e **Prof. Benedito**, de Matemática, que me fizeram gostar de números.

Mas em **1977**, aos **11 anos**, tudo parou.

Estava no escorregador da escola.

Uma brincadeira.

Um empurrão.

Uma queda.

E então, escuridão.

Fiquei em coma por **oito meses**.

Oito meses sem ver a luz do dia.

Sem ouvir a voz da minha mãe.

Sem correr com meu irmão Orestes na calçada.

Foi o maior desafio da minha vida.

Um abismo.

Mas não fui sozinho.

Minha família orou.

Cuidou.

Acreditou.

E quando acordei, foi como se nascesse de novo.

Voltei à escola.

Fiz exames rigorosos.

E, com a graça de Deus, avancei de série.

Aprendi:

**a vida não é só o que acontece.**

**É o que você faz depois.**

---



## O Caminho Segue

Após a recuperação, mudei para a **Escola Professor Souza Nilo**, onde estudei entre 1979 e 1982, concluindo o ensino médio.

Foi um tempo de amadurecimento.

De descobertas.

De amizades que marcaram.

Lembro especialmente de **Simone Rodrigues de Souza**, colega de classe, companheira de estudos.

Ela me ajudava.

Eu a ajudava.

Éramos dois que caminhavam juntos, com cadernos na mão e sonhos no peito.

A escola era diferente.

Mais estrutura.

Mais exigência.

Mais futuro.

E foi ali que senti, pela primeira vez, o chamado da **contabilidade**.

Não foi amor à primeira vista.

Foi respeito.

Foi clareza.

Vi que os números não mentem.

Que organizam.

Que ajudam.

E soube:

**era ali que eu queria estar.**

---



## O Técnico de Contabilidade

Entre **1983** e **1985**, concluí o curso de **Técnico em Contabilidade**, também na Escola Professor Souza Nilo.

Foi um curso de segundo grau, mas com peso de faculdade.

Teoria. Prática. Disciplina.

Era exatamente o que eu precisava.

Aprendi a organizar balancetes, a calcular impostos, a entender a vida das empresas pelos seus livros.

E percebi:

**com a contabilidade, podia servir.**

Podia ajudar.

Podia construir.

Foi crucial.  
Solidificou minha base.  
Abriu portas.

Não foi só um diploma.  
**Foi um compromisso com o futuro.**

---

### A Raiz que Não Seca

Esses anos – entre a infância, o coma, o retorno, o estudo – foram os alicerces da minha vida.

Aprendi que a educação não é só ler e escrever.  
É resistir.  
É levantar depois da queda.  
É continuar, mesmo quando o corpo falha e a mente some.

E que, às vezes, o maior milagre não é acordar do coma.  
É acordar todo dia, com fé, com propósito, com vontade de fazer a diferença.

Minha jornada começou na escola.  
Mas ela nunca terminou.

Porque aprender, para mim,  
é um ato de fé.

---

*"Ensina-me, Senhor, o teu caminho; guia-me na tua verdade e ensina-me, pois tu és o Deus da minha salvação."*

– Salmo 25,4



## 1980-03-03 Os Primeiros Passos no Trabalho

A adolescência chegou com uma certeza:  
eu precisava trabalhar.

Não por luxo.  
Não por vaidade.  
Mas por **dignidade**.  
Por querer ajudar em casa.  
Por saber que, depois da escola, o mundo não espera.

Foi em **1980**, ainda no ensino médio, que dei meu primeiro passo.

Comecei a trabalhar no **restaurante da beira da estrada**, perto do trevo de Capivari, caminho para Itamonte.  
Era da **Jane Maria Roriz de Souza Rodrigues**, mãe de **Simone de Souza**, minha colega de classe, minha amiga de estudos.

O lugar era simples, mas movimentado.  
Além de restaurante, funcionava como uma pequena mecânica, atrás do restaurante.  
Era ali que meu pai também trabalhava.  
E foi ali que aprendi a verdadeira **escola da vida**.

Lá, não havia fórmulas.  
Só realidade.  
Atender clientes.  
Preparar pedidos.  
Lidar com o barulho, o calor, o ritmo acelerado.  
E, acima de tudo, aprender a **respeitar o trabalho alheio**.

Foi meu primeiro contato com o mundo do serviço.  
E me ensinou que **cada pessoa tem um valor**, mesmo que  
ninguém veja.

---



## A Lanchonete do Posto

No ano seguinte, **1981**, mudei para outro posto:  
**a lanchonete do Macário**, no posto de gasolina de  
Itanhandu, às margens do rio Verde.

Lá, minhas funções eram claras:

- Preparar lanches
- Atender os caminhoneiros
- Manter tudo limpo, organizado, pronto

Era um lugar de passagem.

Gente de todo canto.

Histórias diferentes.

Sofrimentos escondidos.

Risos rápidos.

E eu, atrás do balcão, observava.

Escutava.

Servia.

Aprendi que **um café bem servido pode aquecer mais que o corpo**.

Pode aquecer a alma.

Foi ali que desenvolvi habilidades que levaria para sempre:  
atenção ao detalhe, pontualidade, respeito pelo próximo.  
E que o **trabalho, por mais simples, é sempre sagrado**.



## O Caseiro

Em **1982**, veio uma nova responsabilidade:  
fui contratado por **Cecy Roriz de Souza**, avó de Simone,  
para ser seu **caseiro**.

Não era só cuidar da casa.

Era cuidar da **vida de uma senhora**.

Zelar pelo lar, pela ordem, pela tranquilidade.

Cecy era uma mulher forte, de presença marcante.

Ela me ensinou muito sobre **cuidados domésticos**, mas,  
sobretudo, sobre **disciplina**.

Foi com ela que aprendi a cozinhar de verdade.

Ela me orientava na cozinha.

Mostrava como preparar refeições com gosto, com carinho.  
E eu, que cresci no fogão a lenha, sentia que estava  
aprendendo de novo.

Foi ali que conheci **Tânia Maria**, tia de Simone, médica  
dedicada, que morava com os pais.

Uma mulher de sabedoria, de entrega.

Ela me mostrou que **servir é uma vocação**, não importa a  
profissão.

A convivência com a família Roriz me marcou.

Me ensinou:

**responsabilidade não se aprende em livros.**

**Aprende-se no dia a dia.**

**No gesto simples.**

**Na palavra certa.**

**No silêncio respeitoso.**

## A Fábrica de Calçados

Depois de concluir o colegial, em 1986, decidi dar um novo passo.

Ingressei na **Malharia Brisella Ltda**, uma fábrica de calçados em Itanhandu, MG.

Trabalhei lá de **2 de maio a 8 de agosto** daquele ano.

Foi minha primeira experiência na **indústria**.

Lá, participei da montagem e costura de sapatos, especialmente tênis.

Aprendi desde a seleção dos materiais até a finalização do produto.

Era um trabalho minucioso.

Cada ponto, cada corte, cada costura exigia **precisão**.

E ali, entre máquinas e tecidos, entendi o valor da **qualidade**.

Do **cuidado com o detalhe**.

Da importância de fazer bem feito, mesmo que ninguém veja.

Foi mais que um emprego.

Foi uma **lição de ética**.

De que o trabalho honesto não precisa de aplausos.

Só de dedicação.

---

## O Que Ficou

Esses primeiros trabalhos – no restaurante, na lanchonete, como caseiro, na fábrica – foram meus **verdadeiros professores**.

Eles não me deram só salário.

Me deram **caráter**.

Me ensinaram que o valor de um homem não está no cargo,  
mas na **postura**.

Na forma como trata o outro.

Na maneira como cumpre seu dever, mesmo cansado.

Cada um desses empregos foi uma pedra no caminho que eu  
ainda iria trilhar:

no Banco Itaú, no SAAE, na Prefeitura, por 24 anos.

Mas tudo começou ali.

Na estrada.

No posto.

Na casa da Cecy.

Na fábrica de Itanhandu.

Foi ali que **Pedro Gonçalves Ribeiro** deixou de ser só um  
jovem do interior

e começou a ser um homem de trabalho, de fé, de  
silêncio.

E que, mesmo diante de cada novo desafio,  
soube dizer:

**"Estou aqui.**

**E vou fazer o meu melhor."**

---

*"O Senhor me sustentou.*

*Em todos os passos, Ele estava comigo.*

*E em cada trabalho, eu O servia."*

---

**1982-02-06**  **O Despertar O Corpo que Começou a Falar**

Em 6 de fevereiro de 1982, eu tinha 15 anos.

Ainda era menino.

Ainda não sabia muita coisa.

Sabia da escola.

Do campo.

Da oração.

Mas não sabia do corpo.

Do toque.

Do prazer.

Foi um dia destes que conheci Heitor.

Ele era de estatura baixa, branco, olhos castanhos.

Andava devagar, relaxado, como se o tempo não importasse.

Falava com calma.

Com intimidade.

E, sem pressa, foi se aproximando.

No começo, eram só conversas.

Sobre tudo.

Sobre nada.

Mas sempre perto.

Sempre ao meu lado.

E foi ele quem começou a me tocar.

Não com violência.

Não com pressa.

Mas com um gesto leve, que me fez sentir algo novo.

Algo que vinha de dentro.  
Que aquecia.  
Que pulsava.

E eu, sem entender, comecei a acordar à noite com o corpo molhado.  
Não sabia o que era.  
Nem nome tinha.  
Só sentia:

algo acontecia enquanto eu dormia.  
algo que me deixava leve... e culpado.

Heitor me explicou.  
Me mostrou.  
Me ensinou.  
E, aos poucos, eu fui entendendo:  
o corpo não era só para trabalhar.  
Era para sentir.  
Era para viver.

---

### 🌙 Reinaldo: O Jogo do Olhar

Depois dele, conheci **Reinaldo**.

Alto.  
Magro.  
Bonito.  
Um olhar sagaz, que parecia ler o que eu escondia.

Ele não queria nada sério.  
Só queria passar o tempo.  
Brincar.

Provocar.

Fazer sacanagem.

Mas, mesmo assim, ele me ensinou coisas.

Coisas que eu não sabia.

Sobre desejo.

Sobre poder.

Sobre o jogo entre olhar e silêncio.

Ficamos um bom tempo juntos.

Não por amor.

Mas por curiosidade.

Por necessidade de ser visto.

De ser desejado.

E ele, com seu jeito aproveitador, me mostrou que o corpo pode ser um território de liberdade – mesmo quando a alma ainda está presa.

---



### **Paulo César: O Mestre do Toque**

E então veio **Paulo César**.

Não foi só um homem.

Foi um guia.

Ele me ensinou tudo.

Com paciência.

Com firmeza.

Com prazer.

Mostrou como o toque pode ser lento.

Como o silêncio pode falar mais que as palavras.

Como o corpo, quando respeitado, vira oração.

Com ele, eu não só senti.  
Eu **entendi**.

Entendi que o prazer não era pecado.  
Era **revelação**.

E que, talvez, eu não fosse como os outros rapazes.  
Talvez eu olhasse para os homens com outro olhar.  
Mais fundo.  
Mais verdadeiro.

Foi com Paulo César que eu soube:

que eu gosto de homens.  
  
Não como escolha.  
Como descoberta.  
Como um segredo que sempre esteve dentro de mim,  
esperando o momento certo para surgir.

---

### Conversas na Escuridão

Lembro das noites.  
Das conversas longas.  
Dos silêncios que vinham depois do toque.

Com Heitor, falávamos sobre o que era certo ou errado.  
Ele dizia:

"O corpo não mente. É a alma que tem medo."

Com Reinaldo, ríamos.  
Brincávamos.  
Mas ele, de vez em quando, soltava:

"Você sente mais do que mostra. Um dia, vai ter que escolher entre esconder ou viver."

Com Paulo César, era diferente.

Era como se ele soubesse tudo antes de eu dizer.

E uma vez, olhando para mim, disse:

"Você não é confuso. Você é inteiro. Só está aprendendo a se conhecer."

E eu chorei.

Porque era a primeira vez que alguém me via – de verdade.

---



## O Despertar para a Vida

Esse período foi um **despertar**.

Não só para o sexo.

Mas para a vida.

Foi quando comecei a entender que:

- O corpo é sagrado
- O desejo é natural
- A identidade não se escolhe – se descobre
- E o amor, mesmo em formas que a sociedade não entende, é um dom

Foi difícil.

Houve vergonha.

Houve medo.

Houve silêncio.

Mas também houve beleza.

Houve toque.

Houve aprendizado.

E, acima de tudo, houve verdade.

---

### † O que Ficou

Hoje, olhando para trás, não vejo pecado.

Vejo graça.

Porque, mesmo na sombra, Deus estava ali.

Nos olhos de Heitor.

Na risada de Reinaldo.

Na paciência de Paulo César.

Ele usou esses homens – imperfeitos, reais, humanos – para me mostrar algo que ninguém mais poderia:

quem eu era.

E, mesmo quando eu não sabia o nome do que sentia, Deus já sabia.

E me guiava.

---

"Senhor, graças por não me deixar só.

Graças pelos que me tocaram,

não só com as mãos,

mas com a coragem de me mostrar o caminho.

Mesmo na confusão,

Tu estavas comigo."



## 1982-11-15 Cecy, Raízes e Asas

Entre todas as pessoas que cruzaram meu caminho, há uma que carrega um nome que nunca esquecerei: **Cecy Roriz de Souza.**

Ela não foi só minha patroa.

Foi uma **presença**.

Uma **lição de vida**.

Conheci Cecy em **1982**, quando fui contratado como **caseiro**.

Ela morava em Itanhandu, Minas Gerais, e precisava de alguém para cuidar dela, na cozinha, da ordem, da rotina.

Foi com ela que aprendi a **cozinhar de verdade**.

Ela me orientava.

Mostrava como preparar refeições com gosto, com carinho.

Não era só comida.

Era **cuidado**.

E foi ali, naquela casa, que conheci **Tânia Maria**, sua filha – médica dedicada, que vivia com os pais.

E **Simone**, sua neta, minha colega de escola, minha amiga de estudos.

Mas, com o tempo, fui descobrindo quem era Cecy – não só pela convivência, mas pelas histórias que ouvi, pelos documentos que li, pela homenagem que um dia encontrei:

"Cecy: Raízes e Asas"

## Das Terras de Paracatu

Cecy nasceu em **12 de dezembro de 1914**, em **Paracatu, Minas Gerais**.

Filha de **Demósthenes Roriz** e **Joana Meireles Roriz**, proprietários da **Fazenda Buritis**, onde criaram sete filhos.

Mas a vida não foi fácil.

Aos **dois anos**, perdeu a mãe.

E, com os irmãos, foi criada por um pai **severo e exigente**.

Mesmo assim, estudou.

Fez o **Curso Normal**.

Tornou-se professora.

Depois, foi para o **Rio de Janeiro**, onde se matriculou em **Direito**.

Na época, para conseguir um bom emprego, era importante fazer o **Curso de Datiloscopista**.

Foi esse curso que lhe garantiu vaga no **Ministério do Trabalho** – onde sua competência, cultura e carisma abriram portas.

---

## O Amor que Mudou Tudo

Certa vez, a conselho do médico, veio para **São Lourenço** descansar.

Deixou a cidade, o noivo, o trabalho.

Chegou em **15 de agosto de 1947**, hospedando-se no **Hotel São Lourenço**.

Lá, conheceu **Vicente de Souza (Celau)** – homem bonito, simpático, dono dos mais belos cavalos de aluguel da cidade.

Vestia-se bem.

Adorava os bailes.

Poucos dias foram suficientes para se apaixonarem.

Ela pediu transferência do emprego.

**Adeus, noivado.**

**Olá, amor.**

Quarenta dias após chegar, em **25 de setembro de 1947**, casaram-se no **Hotel São Lourenço**.

Padrinhos: **Dr. José Rafael Reis, D. Benedita Noronha e Sr. João Noronha.**

---



### **A Mulher que Tornou-se Referência**

Dona Cecy passou a chefiar o posto local de **Fiscalização do Ministério do Trabalho**.

Tornou-se respeitada por todos.

Muitas vezes, resolia conflitos entre patrões e empregados **sem precisar ir à justiça**.

Tinha mãos firmes.

Voz calma.

E um coração que acolhia.

Teve duas filhas:

- **Jane, casada com José Henrique Rodrigues, mãe de Simone, Patrícia e José Henrique**
- **Tânia, médica, mãe de João Lucas**

---

## Uma Vida em Dois Versos

Sua vida pode ser resumida em dois versos que encontrei num jornal, num poema feito em sua homenagem:

"Nossas vidas, dons divinos,  
Deus nos deu e nos uniu.  
Dela fizemos um hino;  
Cantamos! E Deus sorriu!"

E é verdade.

Cecy foi uma **mulher-fênix**.

Das cinzas da dor, **renasceu em sorrisos, em versos, em lar**.

Foi órfã.

Foi forte.

Foi justa.

Foi mãe.

Foi esposa.

Foi guerreira.

E, para mim, foi uma **professora silenciosa**.

Me ensinou:

- A importância da **disciplina**
- O valor da **responsabilidade**
- A beleza de uma **vida bem vivida**



## O Legado que Permanece

Dona Cecy faleceu em 2007, mas sua história não morreu.

Seu nome está gravado em "**Cecy: Raízes e Asas**", um poema que diz tudo:

"Das terras de Paracatu,  
Brotá tua história em raízes fortes:  
Órfã da infância, filha da luta,  
Levaste Minas no peito e nas sortes."

"Mas o amor, cavalo de crinas douradas,  
Roubou-te o rumo nas águas do Sul.  
São Lourenço trouxe o trovão do destino,  
Vicente, seu laço, paixão de verão."

"Mulher-fênix, das cinzas da dor,  
Renasceste em sorrisos, em versos, em lar.  
Tua luz é herança, semente em flor:  
Cecy, eterna canção pra cantar."

---

### **Ela me ensinou**

Trabalhar para Cecy foi mais que um emprego.  
Foi um **encontro com o exemplo**.

Ela me mostrou que:

- A vida pode ser dura, mas **não precisa ser cruel**
- O passado pode doer, mas **não define o futuro**
- O amor pode chegar de surpresa, mas **muda tudo**
- O trabalho não é só obrigação, mas **missão**

E, acima de tudo, que:

"Raízes não prendem.  
Sustentam.

E é delas que nascem asas."

---

*"Senhor, graças por pessoas como Cecy.  
Graças por mulheres que, mesmo em silêncio,  
ensinam com a vida o que os livros não dizem."*

---

Cecy Roriz de Souza - Regional - Jornal Correio do Papagaio

## 1986-05-02 🎵 O Som da Máquina de Costura

Em uma manhã de outono em Itanhandu, Minas Gerais, dei um passo que parecia pequeno, mas que carregava dentro de si o peso de uma virada.

Cheguei à **Malharia Brisella Ltda**, uma fábrica de calçados conhecida pela qualidade de seus produtos.

Lá dentro, faziam parte da produção os **calçados All Star** – aqueles que, na época, eram símbolo de resistência, estilo e trabalho.

Eu estava ansioso.

Não por fama.

Não por dinheiro.

Mas por provar a mim mesmo que eu podia.

Que, mesmo depois do coma, mesmo com o passado de bullying, mesmo com a timidez que me acompanhava desde criança, eu era capaz de entrar num lugar novo, olhar nos olhos das pessoas, e dizer:

**"Estou aqui. Vou fazer o meu melhor."**

Fui recebido pelo dono, **Élcio** – homem de fala firme, olhar atento, presença forte.

Ele me levou até uma **máquina de costura industrial elétrica**.

O teste era simples: costurar um pedaço de tecido com precisão.

Mas, naquele momento, parecia um exame de vida.

Comecei com determinação.

Mas a tensão falou mais alto.

E, em poucos minutos, duas agulhas se quebraram.

Silêncio.

Olhei para ele, preocupado.

Mas, para minha surpresa, Élcio sorriu.

E disse, com calma:

"Pode começar na segunda-feira."

Foi como se uma porta se abrisse.

Não só para o emprego.

Mas para a **confiança**.

Para o **recomeço**.

---



### As Mão<sup>s</sup> que Costuravam o Futuro

No dia 2 de maio, comecei a trabalhar.

A dona **Mirela**, figura carismática e respeitada, era quem supervisionava tudo com dedicação.

Ela tinha um jeito cuidadoso, mas firme.

Sabia o nome de todos.

Dizia palavras de encorajamento nos intervalos.

Reconhecia o esforço.

E, mesmo em dias difíceis, mantinha o clima leve.

Foi com ela que aprendi o verdadeiro valor da **liderança com humanidade**.

Meu trabalho era na linha de costura dos calçados All Star.

Era uma tarefa minuciosa:

- Costurar o tecido
- Montar a parte superior

- Fixar a sola com precisão, essa tarefa era em São José dos Campos, SP

Cada etapa exigia atenção.

Cada ponto, cuidado.

E, com o tempo, fui me adaptando ao ritmo da produção.

Ao som da máquina.

Ao cheiro do couro.

Ao movimento constante das mãos.

E cada peça que passava por minhas mãos carregava não só a qualidade da marca.

Carregava meu **esforço**.

Minha **dedicação**.

Meu desejo de fazer bem feito.

---



### **As Pessoas que Fizeram a Diferença**

A fábrica não era só máquinas.

Era gente.

Histórias.

Risadas.

Desafios compartilhados.

Lembro especialmente da **Cláudia**, colega de trabalho, com quem trocava palavras nos intervalos.

E de outras pessoas – cujos nomes não lembro, mas cujo rosto ainda vejo.

Éramos todos diferentes, mas unidos por um propósito: trabalhar com honestidade.

Nos intervalos, ríamos.

Contávamos histórias.

Falávamos de família, de sonhos, de dificuldades.

E, nesses momentos, eu sentia:  
não estava só.

Mirela sempre dizia:

"O trabalho cansa, mas o coração leve faz tudo valer a pena."

E eu acreditava.

---



### O Fim de uma Etapa, o Começo de Outra

Fiquei na Malharia Brisella até **8 de agosto de 1986**.  
Pouco mais de três meses.  
Mas tempo suficiente para marcar minha vida.

Foi mais que um emprego.  
Foi uma **escola de vida**.  
Me ensinou:

- A importância da **precisão**
- O valor do **trabalho em equipe**
- A força da **resiliência**
- O poder de um **sim** diante do medo

E, acima de tudo, me mostrou que **não preciso ser o melhor para ser importante**.  
Basta estar presente.  
E fazer com amor.

---



### O Caminho para São Paulo

Em agosto daquele ano, tomei uma decisão:  
mudar para São Paulo.

A fábrica em Itanhandu foi o último emprego antes dessa nova fase.

Ela me deu a coragem de sonhar maior.  
De acreditar que eu podia crescer.  
Que o mundo era mais amplo.

Quando saí da fábrica pela última vez, olhei para trás.  
A máquina de costura parada.  
O tecido cortado.  
Os colegas trabalhando.

Pedro permaneceu na Malharia Brisella Ltda até 8 de agosto de 1986, quando decidiu seguir novos caminhos em São Paulo. Essa experiência marcou não apenas seu crescimento profissional, mas também pessoal. Trabalhar na Malharia Brisella Ltda foi mais do que um emprego; foi uma oportunidade de aprendizado e superação em uma época que moldou sua trajetória.

E pensei:

**"Obrigado. Foi aqui que eu aprendi a não desistir."**

---

*"Tudo o que fizerdes, fazei de todo o coração, como para o Senhor e não para os homens."*

– Colossenses 3,23

---

## 1986-11-20 Rita Carretel, A Mulher que me Levou para São Paulo

Foi Rita Carretel quem me levou para São Paulo.

Ela era mãe de Vanda e de outros filhos.

Uma mulher simples, de coração grande, que, sem pensar duas vezes, me pegou pela mão e me disse:

"Vamos. É hora de você crescer."

Não foi uma viagem planejada.

Foi um chamado.

Um impulso.

Uma porta se abrindo.

---



## A Semana na Casa do Irmão

Antes de seguir para São Paulo, paramos na casa do irmão dela, que morava em uma cidade de Itaguacetuba, SP.  
Ficamos lá por uma semana.

Foi um tempo de espera.

De respirar fundo.

De me preparar para o que viria.

Ela me tratou como filho.

Me alimentou.

Me deu colchão.

Me deu paz.

E, no fim daquela semana, soube:

era hora de ir.

---



### A Partida para São Paulo

Fui para São Paulo, sozinho, aí começou a minha caminhada,  
Chegando lá, **Vanda** já me esperava.

Ela morava na cidade de São Paulo.

Trabalhava.

Tinha amigos.

E, mais importante:

tinha um lugar para me acolher.

Fiquei com ela no começo, até me ajeitar.

Depois, fui morar com **três rapazes** que eram amigos dela.

Eram bons rapazes.

Uns trabalhavam de dia.

Outros, à noite.

E eu, no meio deles, aprendendo a viver na cidade grande.

---



### A Pousada das Irmãs Protestantes

Depois desse tempo, mudei para uma **pousada de irmãs protestantes**.

Eram mulheres muito legais.

Sérias.

Trabalhadoras.

E me receberam com respeito.

Foi um lugar simples, mas seguro.  
Onde pude descansar, pensar, orar.

E foi dali que parti para o próximo passo.

---

### A Casa de Márcia

Foi então que fui morar com **Márcia Roriz Trankesi**.

Ela era cineasta.  
Vivia com **Silvia**, também do mundo do cinema.  
E precisava de um **copeiro noturno**.

Aceitei o trabalho.  
Comecei a servir à mesa, preparar refeições, cuidar da casa.

E, mesmo sem saber, estava entrando em um novo capítulo da minha vida.

---

### O Que Ficou

Hoje, quando penso em **Rita Carretele**,  
sinto gratidão.

Porque ela não precisava de mim.  
Mas me levou.

Não foi só uma viagem.  
Foi um **salto de fé**.

E tudo começou com uma mulher corajosa,  
que acreditou que eu poderia ser mais do que era.

---

*"Senhor, graças por Rita Carretele.  
Por mulheres que, com um gesto simples,  
mudam o destino de uma vida.  
Que não perguntam se vale a pena –  
só fazem o bem."*

---

## 1986-11-27 A vida corrida em São Paulo

Em 1986, tomei uma decisão:  
mudar para São Paulo.

Não por desejo de cidade grande.

Mas por necessidade.

Por saber que, para construir uma vida com estabilidade,  
precisava de novas oportunidades.

Cheguei à capital com pouca coisa.

Mas com uma certeza:

**ia trabalhar.**

Logo após a mudança, consegui meu primeiro emprego na  
cidade, no bairro Itaim Bibi, em São Paulo, SP,  
**na lanchonete local**, onde comecei como **balconista**.

Minhas funções eram claras:

- Preparar lanches
- Atender clientes
- Manter o ambiente limpo e organizado

Era um trabalho simples, mas exigente.

O ritmo era acelerado.

O movimento, constante.

E cada detalhe – desde a higiene até a rapidez no  
atendimento – era importante.

Mas não era só sobre servir.

Era sobre **disciplina**.

Sobre começar cedo, terminar tarde, e fazer tudo com  
atenção.

Além disso, ganhei uma responsabilidade extra:  
**realizar depósitos bancários para o patrão.**

Foi um sinal de confiança.

Mostrou que eu era visto como alguém **digno de confiança**,  
capaz de lidar com tarefas importantes.

Mesmo gostando do trabalho, sabia que queria mais.

Sonhava com um ambiente mais estruturado.

Com crescimento.

Com futuro.

Foi então que decidi tentar uma vaga no **Banco Itaú** – um dos maiores bancos do país, que sempre me atraiu pela sua **organização, seriedade e potencial de carreira**.

Passei pelos testes.

Fiz os processos seletivos.

E fui aprovado.

No dia **27 de novembro de 1986**, comecei como **escriturário** na agência do **Itaim Bibi**.

O deslocamento era longo:

de **Sumaré até o Itaim Bibi**, cerca de duas horas de ida e volta todos os dias.

Mas não reclamei.

Sabia que era o preço do progresso.

No banco, dediquei-me ao máximo.

Aprendi rápido.

Trabalhei com precisão.

E logo fui promovido ao cargo de **caixa**, onde lidava diretamente com clientes, operações financeiras e atendimento.

Foi um avanço significativo.  
Uma confirmação de que estava no caminho certo.

Permaneci no Banco Itaú até **junho de 1987**.

Foram poucos meses, mas intensos.  
Me ensinaram:

- A importância da **exatidão**
- O valor da **ética no serviço**
- A força da **determinação**

E, acima de tudo, mostraram que, mesmo vindo do campo, com poucos recursos, eu podia ocupar um lugar no mundo corporativo – com dignidade, silêncio e trabalho.

---

*"O Senhor me sustentou em cada passo.  
Em cada fila de ônibus, em cada balcão, em cada caixa.  
E eu, com Ele, segui em frente."*

---

## 1987-01-12 Márcia, Silvia e Eu, A Verdade do Serviço

Depois de trabalhar no **Banco Itaú** durante o dia, precisei de um segundo emprego para complementar a renda.

Foi assim que comecei a trabalhar como **copeiro à noite** para **Márcia Roriz Trankesi** e **Silvia**, duas mulheres que viviam juntas em São Paulo.

Márcia era cineasta.

Silvia também.

Ambas tinham uma trajetória no cinema brasileiro.

Márcia, especialmente, era conhecida por dirigir filmes como *O Jogo da Vida e da Morte* (1972), *Uma Mulher Para Sábado* (1970) e *Tarumã* (1975).

Mas eu não conhecia esses filmes.

Nunca assisti a nenhum.

Não tinha interesse no cinema.

Não participava das conversas sobre roteiro, câmera ou direção.

Minha função era clara:

eu era o **chef de cozinha**.

Preparava as refeições.

Servia à mesa.

Limpava os pratos.

Organizava a cozinha.

Cuidava da ordem.

Era um serviço prático.  
Simples.  
Repetitivo.  
E eu o fazia com disciplina.

Às vezes, havia jantares com convidados.  
Outras vezes, era só o jantar delas duas.  
Eu entrava, fazia o que tinha que fazer, e saía.

Nunca me sentei à mesa.  
Nunca fui convidado para conversar sobre arte.  
Nunca me pediram opinião sobre um filme.

E eu não esperava isso.  
Não era meu lugar.  
E eu respeitava o meu papel.

---

## O Trabalho é Sagrado

Márcia e Silvia eram minhas empregadoras.  
Tratavam-me com respeito.  
E eu, a elas, com profissionalismo.

Mas não houve "experiência enriquecedora".  
Não tive " contato com o processo criativo".  
Não absorvi "noções práticas sobre cinema".

**Eu fazia o serviço.**  
E o fazia bem.  
Porque é assim que eu sou:  
**cumpro meu dever, mesmo quando ninguém vê.**

O que aprendi com elas não foi sobre arte.  
Foi sobre **disciplina, pontualidade, ordem**.

E sobre o valor de não se perder em ambientes que não são seus.

Eu estava ali para servir.

E servir com dignidade é, por si só, uma forma de oração.

---

## 🌙 Dois Trabalhos, Uma Vida

Enquanto de dia eu era **caixa do Banco Itaú**, com uniforme, rotina, hierarquia,  
de noite eu era o **copeiro**, com avental, silêncio,  
movimento discreto.

Eram dois mundos.

Mas o mesmo homem.

O mesmo compromisso.

O mesmo esforço.

A mesma fé.

E mesmo cansado, mesmo com o corpo pedindo descanso,  
eu seguia.

Porque sabia:

**cada dia trabalhado era um degrau.**

Não para o luxo.

Mas para a **sobrevivência com dignidade**.

---

## ✚ O Silêncio do Serviço

Nunca falei sobre isso com ninguém.  
Nem com minhas irmãs.  
Nem com meus amigos.

Mas, nos momentos em que servia o jantar,  
e ouvia Márcia e Silvia falando alto sobre cinema,  
sobre arte, sobre o mundo que eu não conhecia,  
eu me lembava do **fogão a lenha**.

Do **pão de erva-doce**.

Da **casa em Rio dos Santos**.

E pensava:

"**Eu não sou desse mundo.**

**Mas também não preciso ser.**"

Porque o meu mundo era outro.

O mundo do **trabalho silencioso**.

Do **serviço sem aplauso**.

Da **vida que passa, mas que deixa marca**.

---



## O Tempo que Passou

Trabalhei com elas por um tempo.

Não lembro exatamente quanto.

Mas sei que foi apenas um capítulo.

Não um encontro com a arte.

Mas um encontro com a necessidade.

E, mesmo assim, foi importante.

Porque me ensinou que não preciso entender tudo para fazer bem feito.

Basta respeito, disciplina e fé.

---

*"O Senhor me sustentou.*

*Em cada emprego, em cada dia,*

*Ele estava comigo.*

*E eu, com Ele."*

---

## 1987-01-23 Inácio, O quarto que Conheci

Em janeiro de 1987, eu tinha 20 anos.

Vivia em São Paulo, no bairro Sumaré.

Trabalhava no Banco Itaú, de dia.

À noite, pra casa de Márcia, e voltava para casa com o corpo cansado, a mente confusa, o coração em silêncio.

Era um tempo de transição.

De busca.

De solidão.

Foi nesse momento que conheci **Inácio Oliveira**.

---



### O Homem de Olhos Castanhos

Inácio tinha 24 anos.

Era de 1,70m de altura, corpo magro, olhos claros – mas não comuns.

Eles tinham um brilho penetrante e introspectivo, como se enxergassem além das palavras.

Nascido na Bahia, carregava consigo uma simplicidade rara.

Uma beleza discreta.

Um jeito de ser que cativava quem o conhecia.

Trabalhava no Hospital Santa Rita, na Rua Cubatão, 1190, ou no Hospital Oswaldo Cruz, na Unidade Paulista.

Não lembro com certeza qual, mas sei que era lá, entre corredores de doentes, camas de esperança, que ele

desempenhava seu papel com **dedicação** e um **sorriso acolhedor**.

Para ele, o hospital não era só trabalho.  
Era **missão**.

Cuidava da parte administrativa, com um carinho que ia além do dever.

Estava sempre atento.

Atencioso.

Presente.

A proximidade do hospital com o estacionamento e o ponto de táxi facilitava a vida de todos.

E Inácio, com sua postura sempre calma, era parte essencial daquela rede de suporte.

Seu jeito simples, sua aparência modesta, mas marcante, faziam dele uma pessoa **memorável**.

---

### **O quarto que Conheci**

Foi o **quarto homem** que conheci de verdade.

Não como colega.

Não como amigo.

Mas como **alguém que tocou minha alma**.

Não houve gestos grandes.

Não houve promessas.

Foi um olhar.

Um sorriso.

Uma conversa curta, mas profunda.

Lembro do silêncio entre nós.  
Não era vazio.  
Era **cheio**.  
Como se não precisássemos de palavras para nos entender.

Ele me ouvia.  
Sem julgar.  
Sem pressa.  
Com paciência.

E eu, pela primeira vez, senti:

"Alguém me vê."

---

### O Encontro que Ficou

Não sei por quanto tempo nos vimos.  
Dias?  
Semanas?  
Não durou.  
Mas marcou.

Porque, aos **20 anos**, eu estava só.  
Em meio à cidade grande, ao trabalho exaustivo, à rotina dupla, à fé que me sustentava, mas ao coração que doía.

E Inácio apareceu.  
Como um anjo disfarçado de homem.  
Como um sinal de que, mesmo na solidão, Deus envia alguém.

Não foi um amor de conto.  
Foi um encontro de almas.  
Um momento de graça.

---

## O Que Ficou

Hoje, olhando para trás, entendo:  
alguns encontros não precisam durar.  
Só precisam acontecer.

Inácio me ensinou que:

- A simplicidade é mais forte que o brilho
- O olhar vale mais que mil palavras
- O acolhimento é uma forma de oração

E que, às vezes, o **primeiro que conhecemos** não é o mais importante por tempo,  
mas por **verdade**.

---

*"Senhor, graças por Inácio.*

*Graças por homens que, sem saber, são sinais do Teu amor.*

*Que não precisam falar alto para tocar o coração.*

*Que existem, e basta."*

---

## 1987-06-16 O Encontro com o Meu Anjo da Guarda

Desde a minha infância, as histórias sobre anjos da guarda sempre me encantaram.

Minha mãe falava deles com naturalidade, como se fossem membros da família.

Dizia que cada pessoa tem um anjo ao seu lado, desde o nascimento até a morte.

Que ele nos protege, nos guia, nos alerta.

Que não fala em voz alta, mas no coração.

E eu acreditava.

Mas acreditar é uma coisa.

Ver é outra.

E foi em **16 de junho de 1987** que tudo mudou.

Naquele dia, morava em **São Paulo**, no bairro **Sumaré** – um lugar tranquilo, com ruas arborizadas, casas de alto padrão, pessoas que se cumprimentam.

Costumava caminhar com frequência, especialmente no fim da tarde.

Era um momento de descanso, de silêncio, de oração.

Naquele dia, eu descia a **rua Alegrete**, como fazia tantas vezes.

Passava pela **Praça Ana Gaya**, em direção à **rua Pombal**.

O entardecer já dava sinais.

O céu se tingia de tons alaranjados.

A luz se tornava suave.

O vento, calmo.

Tudo parecia normal.  
Uma caminhada comum.  
Sem pressa.  
Sem preocupação.

Mas, ao cruzar a praça, algo mudou.

Uma sensação diferente tomou conta de mim.  
O ar ficou mais denso.  
O tempo, mais lento.  
E, de repente, senti um impulso incontrolável de **olhar para trás**.

Ao me virar, meus olhos se depararam com algo absolutamente surpreendente.

Lá estava ele.

Um ser todo de branco.  
Não com roupas, mas com uma luz própria.  
Algo quase etéreo, mas **inegavelmente real**.

Não era uma imagem, um reflexo, uma ilusão.  
Era uma presença.  
Física.  
Viva.

Era como se o tempo tivesse parado por alguns instantes.

Fiquei maravilhado.  
Não com medo.  
Mas com **admiração**.  
Com **paz**.

Não era uma visão comum.

Era um ser angelical.

Meu Anjo da Guarda.

Ele não precisava falar.

A comunicação foi silenciosa, quase telepática.

Instantaneamente, soube:

**aquele ser era meu protetor.**

Meu companheiro de vida.

Sua beleza era indescritível.

Não humana.

Divina.

Seu rosto, sereno.

Seus olhos, vivos como chamas.

Sua presença, envolvente.

E, acima de tudo, transmitia uma **paz profunda**.

Uma segurança que me envolveu por completo.

Naquele momento, uma mensagem clara se formou em meu coração:

"Estou aqui.

Você está em perigo.

Mas tudo ficará bem."

Não precisei de palavras.

Entendi.

Soube.

O entardecer estava quase escurecendo.

E, naquele instante, compreendi:

**não estava sozinho.**

Nunca estive.

Continuei seguindo meu caminho.

Mas algo havia mudado.

O ser de luz permaneceu parado por mais alguns momentos.

Depois, de forma suave, desapareceu.

Não com um movimento.

Mas como se a luz se dissolvesse no ar.

O impacto foi profundo.

Tão forte que, ao chegar em casa, fiquei refletindo:

**o que teria acontecido se ele não tivesse aparecido?**

Um acidente?

Um assalto?

Um perigo invisível?

Não sei.

E talvez nunca saiba.

Mas sei, com toda certeza, que **ele me protegeu**.

Ou que vai me proteger sempre.

De algo que eu talvez nunca entenda plenamente.

A noite já havia caído quando cheguei ao meu destino.

Ainda sentia o coração acelerado.

Mas, ao mesmo tempo, uma **gratidão imensa** por ter sido resguardado.

A visão do meu anjo da guarda não foi passageira.

Ficou gravada em minha alma.

Como uma marca.

Como uma promessa.

A experiência transformou minha forma de ver o mundo.

Principalmente, de perceber a presença de Deus.

Não em templos.

Não em rituais.

Mas em **mensageiros silenciosos** que caminham ao nosso lado.

A partir daquele dia, minha fé no meu anjo da guarda se **solidificou**.

Não por doutrina.

Não por tradição.

Por **experiência**.

Ele se mostrou de maneira clara.

Evidente.

Incontestável.

Quando lembro daquela tarde que se transformou em noite, o sentimento de segurança permanece.

Assim como a certeza:

**mesmo quando não os vemos, eles estão aqui.**

Prontos para proteger.

Prontos para guiar.

Prontos para dizer, em silêncio:

| "Não tema. Estou com você."

O que começou como uma simples caminhada pelo bairro se tornou um **encontro divino**.

Um evento que mudou minha vida para sempre.

E ainda hoje, em momentos de incerteza, de dor, de medo, eu lembro:

da luz alaranjada do céu,

da praça,

do impulso de olhar para trás,

do ser todo de branco,  
da paz que invadiu minha alma.

E sinto:  
**ele continua aqui.**  
Ao meu lado.  
Em cada passo que dou.

---

*"Senhor, graças por enviar teus anjos.  
Graças por não me deixar sozinho.  
Graças por mostrar, mesmo uma vez,  
que o invisível é real."*

---

## 1987-07-29 Novas expectativas pelo Brasil

Depois de São Paulo, senti que precisava de um novo rumo.

Não era só sobre emprego.

Era sobre **lugar**.

Sobre onde eu deveria me estabelecer.

Foi então que comecei a **explorar outras partes do Brasil**, em busca de oportunidades, clima, paz.

Minha jornada me levou a várias cidades:

- **Rio de Janeiro**: fiquei encantado com o Pão de Açúcar, o Cristo Redentor, as praias de Copacabana e Ipanema. Vivi a cultura carioca, inclusive o carnaval.
- **Vitória**: adorei o ritmo mais calmo, as praias tranquilas, a moqueca.
- **Salvador**: mergulhei na cultura afro-brasileira, visitei o Pelourinho, experimentei acarajé e vatapá.
- **Aracaju e Maceió**: praias paradisíacas, clima acolhedor, ritmo de vida mais leve.
- **Recife**: me encantei com o Recife Antigo, a mistura de tradição e modernidade, a feijoada e o bolo de rolo.
- **João Pessoa e Natal**: praias bonitas, clima agradável.
- **Teresina e Brasília**: conheci as diferenças regionais, a cultura, os costumes.
- **Belo Horizonte**: me encantei com a culinária mineira e a hospitalidade do povo.

Mas, antes disso, ainda vivi um período único em São Paulo:

trabalhando como copeiro à noite para Márcia Roriz Trankesi e Silvia.

Márcia era cineasta.

Silvia também.

Elas compartilhavam a casa comigo.

Minha função era clara:

eu era o **chef de cozinha**.

Preparava as refeições.

Servia.

Limpava.

Organizava.

Não era um emprego como os outros.

Era uma rotina à parte do Banco Itaú, que eu fazia durante o dia.

Mas preciso deixar claro:

**não fui "imerso no mundo do cinema"**.

**Não absorvi "noções práticas de arte"**.

**Não "aprendi sobre roteiro ou câmera"**.

**Eu cozinhava**.

Era isso.

Elas conversavam sobre cinema.

Discutiam roteiros.

Planejavam filmes.

Mas eu não participava.

Estava ali para **servir**, com respeito e profissionalismo.

Nunca me sentei à mesa com elas.

Nunca fui convidado para as conversas.

Nunca assisti às gravações.

Mas respeitei o ambiente.  
E cumpri meu papel.

Trabalhar com Márcia e Silvia foi importante, não por "ampliar minha visão cultural", mas por me ensinar que **posso estar em qualquer lugar, sem me perder.**  
Que posso servir com dignidade, mesmo em um mundo que não é o meu.

---

*"Senhor, em cada casa onde entrei, em cada trabalho que fiz,  
foi a Ti que servi.  
Mesmo quando ninguém viu, eu Te ofereci cada gesto."*

---

## 1987-09-02 A Caminhada Pelo Brasil

Após algum tempo em São Paulo, senti que precisava seguir em frente.

Não por fuga.

Mas por chamado.

Por saber que minha jornada não terminava ali.

E que, para encontrar onde deveria me estabelecer, precisava **caminhar**.

Foi assim que comecei minha travessia pelo Brasil.

A pé.

De ônibus.

De carona.

Com a mochila nas costas, o santo e Deus no coração.

---

No **Rio de Janeiro**, fui acolhido pela cidade.

Fiquei encantado com o **Pão de Açúcar**, com o **Cristo Redentor**, com as praias de **Copacabana** e **Ipanema**.

Vivi a cultura carioca.

O ritmo.

A música.

O carnaval.

Mas o que mais marcou foi **Diógenes**.

Conheci ele num ônibus, no início da minha caminhada.

Conversamos.

Ele se simpatizou.

E me convidou para ficar uns dias na casa dele.

Fiquei uma semana.

Descansei.

Comi.

Rezei.

Depois, segui.

Peguei um ônibus até **Campos dos Goytacazes**, no Rio de Janeiro.

Dali, segui para **Vitória**, no Espírito Santo.

---

Em **Vitória**, encontrei um ritmo mais calmo.

Praias tranquilas.

Pessoas simples.

A moqueca me encantou.

Mas o que eu buscava era mais:

um lugar para almoçar, um banheiro, um copo d'água.

Perguntava:

"Onde posso almoçar?"

"Tem algum lugar que dê esmola?"

"Posso sentar um pouco?"

E assim, fui vivendo.

---

De lá, segui para **Teixeira de Freitas** e Salvador, Bahia.

Fiquei uns dois meses\*\* por lá.

Foi onde conheci **Carlos**.

Morava num bairro distante do centro.

Me acolheu na casa dele.

Todo dia, pegávamos ônibus para o centro.

Ele vivia de pedir esmola.

E me ensinou esse ofício.

Não com vergonha.  
Com dignidade.

Aprendi:

"Quem pede, não rouba."  
"Quem pede, sobrevive."  
"Quem pede, confia em Deus."

Foi bom.  
Me fortaleceu.  
Me preparou para o que viria.

---

De Salvador, fui para **Aracaju, Sergipe**.  
Lá, ganhei muito dinheiro.  
Não sei como.  
Mas consegui.  
Foi o suficiente para seguir viagem.

Não conheci ninguém importante.  
Mas a cidade foi generosa.

De lá, segui para **Maceió, Alagoas**.  
Ah, Maceió...  
Praias lindas.  
Comida gostosa.  
Pessoas maravilhosas.  
Foi um alívio para o corpo cansado.

---

Em **Recife, Pernambuco**, vivi momentos intensos.  
Conheci a cidade.  
Nas lanchonetes, serviam bandeja de café com ovos,

**presunto, queijo, bacon, uma xícara grande de café e suco de laranja.**

Era um café tão farto que parecia almoço.

Fiquei encantado com o **Recife Antigo**.

As casas coloridas.

O som do mar.

A vida nas ruas.

Mas também vi o sofrimento.

Uma senhora foi atropelada perto de mim.

Estava sozinha.

Ajudei.

Acompanhei até o hospital.

Não sei o que aconteceu com ela.

Mas fiz o que pude.

---

Depois, fui para **Olinda, Pernambuco**.

Que cidade histórica.

Linda.

Tudo parecia antigo, mas vivo.

De lá, segui para **João Pessoa, Paraíba**.

Fiquei só um dia.

Mas gostei.

Praias limpas.

Gente boa.

Em **Natal, Rio Grande do Norte**, fiquei uns dias.

A cidade é linda.

Mais movimentada.

Conheci pessoas de coração bom.

Fiz amizades.

Mas foi em **Fortaleza**, Ceará que tudo pesou.

---

**Fortaleza** foi difícil.

Caminhei a pé em alguns trechos.

Até **Fernando de Noronha** – não, **Fernando Pedroza**.

Vou contar essa história à parte, com um título só para ela.

Quando cheguei a Fortaleza, não me senti bem recebido.

A cidade não me abraçou.

E eu entendi:

"Onde você não é bem recebido, a própria vida te encarrega de levar para onde for."

Fiquei, mas não me estabeleci.

Nas praias, vi a beleza.

Mas não senti paz.

Foi lá que **deixei meu Santo Antônio**.

O santo que carregava na bolsa desde o começo da viagem.

Coloquei perto de uma igreja.

Como oferenda.

Como despedida.

E nas estradas, fui **jogando minhas roupas fora**.

O tênis velho.

A camisa suja.

Tudo que pesava.

Porque meu corpo já não aguentava.

Os pés inchados.

Doloridos.

Sangrando.

Mas eu seguiu.

---

De Fortaleza, segui para o Piauí, Teresina.

Passei por Canindé, Boa Viagem, Parambu.

Cidades pequenas.

Pessoas simples.

Pessoas de bem.

Em Teresina, estava na rodoviária, pedindo esmola para sobreviver.

Foi então que apareceu um soldado jovem do exército, não me lembro o nome dele.

Ouvindo minha história, disse:

"Vem. Vou te ajudar."

Levou-me para casa dele.

Comi na casa dos pais dele.

Dormi em rede de pano.

Fiquei um mês lá.

Eram gente simples.

Mas de coração grande.

---

Depois, segui para Petrolina e Juazeiro, Bahia.

De carona.

Às vezes, de ônibus.

Passei por Feira de Santana, Jequié, Vitória da Conquista.

Estava voltando.

Voltando para o meu habitat:

São Paulo.

Passei por Teófilo Otoni, Governador Valadares, e fiquei alguns dias em Muriaé.

Em Juiz de Fora, as pessoas eram boas.

Em Barbacena, Conselheiro Lafaiate, comi comidas gostosas.

Tudo pedindo, mas com respeito.

---

E enfim, cheguei a Belo Horizonte.

Cidade grande.

Montanhas.

Hospitalidade mineira.

Foi um alívio.

Um descanso.

Mas aqui eu paro.

Porque Belo Horizonte em diante merece um capítulo só para si.

Com carinho.

Com detalhes.

Com a história de quem me acolheu, de quem me deu pão, de quem me fez sentir, mesmo por um instante, que eu tinha um lar.

---

*"Senhor, em cada cidade, em cada estrada, em cada pão dividido,  
eu Te vi.  
Em cada mão estendida,  
foi Tua presença que me sustentou."*



**1987-11-10**      **O Medo nas Estradas de Fernando Pedrosa**

Era uma manhã quente e seca quando comecei minha jornada para a próxima cidade: **Fernando Pedrosa, no Rio Grande do Norte.**

Tinha passado a noite em uma casa de barro abandonada, sem água, sem luz, sem ninguém.

Por sorte, uma mulher que morava nos fundos me permitiu dormir ali.

Ao amanhecer, ela me deu café, pão e bolo.

Foi um alívio.

Um sinal de que ainda havia bondade no mundo.

Mas logo eu estava de volta à estrada.

Sem dinheiro.

Sem destino certo.

Só um objetivo: **chegar a Fortaleza.**

O sol despontava no horizonte.

A estrada serpenteava entre paisagens secas, áridas, quase desertas.

Eu caminhava com determinação.

Mas, com o passar das horas, o calor começou a me dominar.

O corpo suava, mas a água faltava.

Os pés doíam.

A fome crescia.

E não havia nada.

Nenhum posto.

Nenhuma cidade.

Nenhuma alma viva.

Só eu.  
E a estrada.

---

### 🔥 O Corpo que Clama por Socorro

Sem dinheiro, sem comida, o que me sustentava eram os cajueiros à beira da estrada.

Os cajus eram suculentos.

Mas não alimentavam.

Eram gotas d'água num deserto.

A sede começou a apertar.

A garganta rachava.

A língua grudava no céu da boca.

O sol batia forte na cabeça.

Comecei a sentir tontura.

Meus passos, antes firmes, ficaram trêmulos.

E então, veio o cansaço.

Não só nas pernas.

Mas no espírito.

Na alma.

Caminhar sem saber onde estava.

Sem saber se havia alguém à frente.

Se haveria um lugar para dormir.

Se eu sobreviveria.

Foi aí que o medo entrou.

Devagar.

Silencioso.

Como uma sombra.



## O Entardecer e o Início do Terror

Quando o sol começou a se pôr, pintando o céu de laranja e rosa, o medo mudou de forma.

Não era mais só fome.

Não era só sede.

Era **solidão**.

Era **abandono**.

O silêncio da estrada era total.

Nem um carro.

Nem um animal.

Nem um passarinho.

E eu, sozinho, no meio do nada.

As sombras das árvores se alongavam.

Comecei a olhar para os lados.

Para trás.

Para frente.

Qualquer movimento me assustava.

E então, vi.

À minha direita, no meio do pasto, algo **branco** se movia.

Paralisei.

Era um **caixão**?

Sim, não.

Um caixão branco.

Lento.

Firme.

Como se estivesse sendo carregado por mãos invisíveis.

Meu corpo travou.  
O coração acelerou.  
A respiração travou.  
Minha garganta secou por completo.

Não conseguia gritar.  
Não conseguia correr.  
Só olhar.

O caixão se movia.  
Não tinha ninguém ao redor.  
Nenhuma pessoa.  
Nenhum som.  
Só ele, flutuando no pasto, como se fosse real.

E foi nesse momento que o **terror tomou conta de mim**.

Não era só medo.  
Era **pavor**.  
Era **convicção de que eu estava morrendo**.  
Ou que algo estava vindo me buscar.

Pensei:

"É isso.  
Vou morrer aqui.  
Sozinho.  
No meio do nada.  
E ninguém vai saber."

O caixão não era só um objeto.

Era um **presságio**.

Uma mensagem:

"Você não vai chegar a lugar nenhum."

Tentei rezar.  
Mas as palavras não saíam.  
Só o tremor.  
Só o suor frio.  
Só o pensamento:

"Estou perdido."

---

### A Noite que Não Tinha Fim

Quando a noite caiu, o medo não passou.  
Aumentou.

A escuridão era completa.

O vento soprava com leveza, mas parecia sussurrar segredos.

As folhas secas balançavam como mãos.  
Cada som era um passo.  
Cada som era um perigo.

O caixão branco continuava na minha mente.  
Não como memória.  
Como **presença**.

Eu caminhava, mas não sentia as pernas.  
Caminhava com medo.  
Com desespero.  
Com a certeza de que não ia sobreviver.

Já não era só o corpo que falhava.  
Era a mente.  
O pensamento.  
A razão.

Comecei a duvidar da realidade.  
Será que eu estava acordado?  
Será que estava sonhando?  
Será que já estava morto?

---

### A Luz no Fim da Escuridão

Depois do que pareceram **horas intermináveis**, vi uma luz fraca ao longe.

Uma lanchonete à beira da estrada.

Nunca senti tanto alívio na vida.

Corri.  
Ou tentei correr.  
Cheguei quase caindo.  
Sem forças.  
Sem voz.

Uma mulher me recebeu.  
Simples.  
Atenciosa.  
Pedi água.  
Ela me deu.  
Bebi tudo num gole só.

Quando me acalmei, contei tudo.  
A caminhada.  
O calor.  
A fome.  
A sede.  
E o caixão branco.

Ela me ouviu.  
Com atenção.  
Com olhos que viam não só minhas palavras, mas meu estado.

Depois, sorriu.  
Um sorriso leve.  
De quem entende.

– Isso que você viu – disse – não era um caixão.

Pausa.

– Era um **cocho**.  
Daqueles que colocam ração para vacas no pasto.  
Na luz do entardecer, com o cansaço, você confundiu.

Silêncio.

A realidade caiu sobre mim como um balde de água fria.

Claro.  
Fazia sentido.  
O cocho era branco.  
Estava no pasto.  
O ângulo, a luz, o medo – tudo conspirou.

Mas não importava.  
Naquele momento, **era real**.  
O medo era real.  
O terror era real.  
A dor era real.



A mulher me deu um jantar simples.  
Mas foi o melhor que já comi.  
Comi com gratidão.  
Com lágrimas nos olhos.

Ela me deixou dormir do lado de fora da lanchonete.  
No chão.  
Mas foi o descanso mais profundo da minha vida.

Estava salvo.  
Estava vivo.  
Estava em paz.

---

### A Partida

No dia seguinte, ela fez algo que nunca vou esquecer:  
**pagou minha passagem para Fortaleza.**

Subi no ônibus.  
Olhei para trás.  
Para a estrada.  
Para o lugar onde quase perdi a mente.

E soube:  
**eu tinha vencido.**

Não o medo.  
Mas o terror.  
O desespero.  
A solidão.

---

### A Lição que Ficou

Aquele dia me ensinou algo que carrego até hoje:

O maior perigo não está lá fora.

Está dentro da mente, quando o corpo falha e a escuridão chega.

O medo não precisa ser real para ser verdadeiro.

E o que nos salva nem sempre é a razão.

Às vezes, é uma mulher simples, um copo d'água, um cocho branco.

Mas acima de tudo, aprendi:

Mesmo nas horas mais sombrias, quando tudo parece perdido, sempre haverá uma saída.

O medo pode tentar nos parar.

Mas a fé, a perseverança, e um pouco de bondade... nos levam adiante.

---

"Senhor, naquela estrada, eu estava só.

Mas Tu estavas comigo.

Mesmo quando não Te via.

Mesmo quando não Te sentia.

Estavas ali.

No cocho.

Na Lanchonete.

Na mulher.

No copo d'água.

Em cada passo que eu dei."

---

## 1987-11-11 🍲 O Resto da Mesa, A Fome em Fortaleza

Depois de sair de Belo Horizonte, segui viagem pelas cidades que mencionei até chegar em **Fortaleza**.

Em Fortaleza.

Estava com muita fome.

Muito cansado.

Sem dinheiro.

Sem ninguém.

Percorria as ruas da cidade, olhando para os lados, procurando algo para comer.  
Qualquer coisa.

Foi então que vi uma **lanchonete** que servia comida.  
O cheiro saía pela porta.  
Meus olhos se fixaram.  
Meu corpo pediu.

Mas eu não tinha um centavo.

E fiquei ali.

Parado.

Olhando.

E foi quando tive uma ideia que ainda me dói lembrar:

esperei as pessoas terminarem de comer para me satisfazer com os restos que deixavam nos pratos.

---

## 💔 O Pão da Vergonha

Não era por escolha.

Era por necessidade.

Entrava depois que os clientes saíam.

Olhava para os pratos.

O que sobrava, eu comia.

Um pouco de arroz.

Um resto de feijão.

Um pedaço de carne que ninguém queria.

E, mesmo assim, era almoço.

Era vida.

Foi um dos momentos mais tristes da minha jornada.

Porque, naquele instante,

perdi a dignidade.

Senti vergonha.

Senti raiva de mim mesmo.

Mas, ao mesmo tempo,

Deus me sustentou.

Porque, se não fosse por aqueles restos,

eu não teria força para continuar.

---

### +

### O Que Ficou

Hoje, quando penso nisso,  
não sinto vergonha.

Sinto compaixão por aquele Pedro –  
o menino homem,  
sem chão,  
sem teto,

sem comida,  
mas ainda com fé.

E entendo:  
Deus não me deixou morrer de fome.  
Usou até o que o mundo jogou fora  
para me alimentar.

---

*"Senhor, graças pelos restos.  
Pela Lanchonete. Pela fome. Pela humilhação.  
Porque, mesmo quando eu comia o que ninguém queria,  
Tu me via como digno."*

---

## 1988-02-05 A Solidão de Pedro, Uma Caminhada pelo Brasil e pela Vida

A minha trajetória pelo Brasil não foi uma viagem.

Foi uma **travessia**.

Uma peregrinação silenciosa, feita com os pés feridos, o corpo cansado, mas o coração em oração.

Em muitos momentos, a vida pareceu uma **travessia solitária** – uma busca por algo maior, inominável, que nem eu mesmo sabia nomear.

Era um desejo profundo:

de **compreensão**,

de **pertencimento**,

de **fé**.

Caminhei por cidades grandes e pequenas.

De ônibus.

De carona.

A pé.

Com a mochila nas costas, o santo na bolsa, e a certeza de que, mesmo sozinho, não estava abandonado.

Encontrei rostos desconhecidos.

Alguns por breves instantes.

Outros por dias.

Todos foram minha companhia.

Alguns, minha única esperança.

---

### A Solidão que Morava Dentro

A solidão de Pedro não era só física.

Ela ia além.

Mergulhava fundo nas emoções, nos pensamentos, nas noites sem sono, nos silêncios que pesavam mais que o corpo.

Por vezes, o vazio ao redor parecia sufocante.

Mas eu sempre encontrei forças para continuar.

Não por mim.

Porque sabia:

o Senhor estava comigo.

A caminhada pelo Brasil foi muito mais que um deslocamento geográfico.

Foi uma **jornada interior**.

Uma busca por respostas.

Por paz.

Por um lugar onde pudesse dizer:

"Cheguei."

Em cada cidade, eu encontrava pedaços de mim mesmo.

E também a beleza e as dores do mundo.

---

### ☞ Os Anjos em Forma Humana

Houve momentos em que o peso da solidão se tornava quase insuportável.

Fome.

Sede.

Pés inchados.

Medo.

Mas foi justamente nesses momentos que surgiram pessoas especiais.

Rostos anônimos.

Gestos simples.

Um copo d'água.

Um pão.

Um abrigo.

Cada um que estendeu a mão, que ofereceu um sorriso ou uma palavra de apoio, foi como uma **luz em meio à escuridão**.

Não eram anjos com asas.

Eram anjos com mãos calejadas, corações simples, almas generosas.

Eles me mostraram que eu não estava completamente só.

---



### Pilares na Estrada

Essas pessoas foram **pilares fundamentais** em minha caminhada.

Não ofereceram só ajuda material.

Trouxeram **força espiritual**.

Palavras que curavam.

Silêncios que acolhiam.

Fé compartilhada.

O Brasil, com sua diversidade de culturas, histórias, sabores e sofrimentos, me ensinou lições que levo para sempre.

Aprendi que:

- A bondade existe, mesmo onde menos se espera.

- Um gesto pequeno pode salvar uma vida.
  - A fé não precisa de templos.
  - Às vezes, ela mora numa lanchonete à beira da estrada.
- 

## 💕 Encontros que Marcaram

Entre tantas experiências, algumas foram profundas.

Relacionamentos que não eram só de passagem.

Eram de alma.

De toque.

De confiança.

Descobri que, em meio ao isolamento, a solidão não era apenas ausência.

Era também **conexão silenciosa**.

Com pessoas que, como eu, estavam em busca de algo mais.

Alguns encontros trouxeram consolo.

Outros, abriram portas para laços que marcariam minha trajetória para sempre.

---

## ✨ O Encontro com o Anjo

Mas houve um momento que mudou tudo.

Senti um impulso de olhar para trás.

E vi.

Um ser todo de branco.

Luz própria.

Presença etérea, mas real.

Não era uma figura física.

Era uma **presença**.

Ela não falou.

Mas eu soube:

| era meu anjo da guarda.

Foi como uma resposta às minhas orações silenciosas.

Um sinal de que, mesmo em meio à solidão,

alguém me acompanhava.

Ele me alertou.

Me protegeu.

Me tranquilizou.

E então, desapareceu.

Fiquei maravilhado.

Aterrorizado.

Grato.

Aquele encontro foi um ponto de virada.

Uma revelação sobrenatural.

Um momento em que o invisível se tornou visível.

---

### +

### A Fé que Nasceu na Solidão

Essa experiência fortaleceu minha fé.

O anjo me mostrou que a solidão, muitas vezes, é um espaço onde o **sagrado se faz mais presente**.

Não em templos.  
Não em multidões.  
Mas no silêncio da estrada.  
Na quietude da alma.

Entendi:

por mais que minha jornada fosse marcada por encontros e despedidas,  
era na minha própria solidão que eu encontrava uma ligação mais profunda com o transcendente.

---

### A Graça no Meio da Solidão

A história de Pedro é feita de momentos de solidão, sim.  
Mas também de graça.

De busca.  
De encontros.  
De fé inabalável.

As pessoas que passaram por minha vida, os laços que formei, os momentos espirituais que vivi – são capítulos de uma jornada pessoal rica e intensa.

A solidão não foi um fim.  
**Foi um meio.**  
Um caminho para me aproximar de mim mesmo,  
dos outros,  
e de Deus.

E assim, sigo minha caminhada.  
Sabendo que,

embora a estrada muitas vezes pareça vazia,  
**eu nunca estou verdadeiramente só.**

---

*"Senhor, graças pela solidão.  
Pela estrada. Pelo cansaço. Pela fome.  
Pelas mãos estendidas. Pelo anjo que apareceu.  
Por nunca me deixar, mesmo quando eu não Te sentia."*

---

## 1988-03-08 A Chegada em Jacareí

A chegada em Jacareí, em 8 de março de 1988, não foi apenas um movimento geográfico.

Foi o cumprimento de um chamado, o fim de uma peregrinação, o início de um lar.

E para chegar até aqui, eu vivi momentos intensos, dolorosos, humilhantes, milagrosos.

Cada passo, cada dor nos pés, cada refeição de resto, cada oração no silêncio da rodoviária – tudo isso faz parte da minha história.

Por isso, refiz este capítulo com todas as palavras, todos os detalhes, todas as emoções, como eu vivi.

Sem esconder a dor.

Sem romantizar.

Com verdade.

Com fé.

---

Chegar em Jacareí não foi fácil.

Foi o fim de uma longa jornada.

Uma travessia pelo Brasil que me levou ao limite do corpo, da mente, da alma.

Mas antes de pisar na cidade que se tornaria meu lar, vivi momentos que nunca esquecerei.

---

### Belo Horizonte: O Dia que Carreguei Peixe

**Em Belo Horizonte**, consegui um trabalho por um dia:  
carregar **peixes congelados** de um caminhão até o **freezer central** de uma empresa.

Era pesado.

Frio.

Cansativo.

Mas era trabalho.

E com ele, pude me alimentar.

No fim do dia, rumo à rodoviária, onde passaria a noite.

No dia seguinte, fui a uma agência de emprego.

Consegui uma vaga num **parque de diversões**, no bairro **Nossa Senhora de Aparecida**, em Belo Horizonte.

Meu serviço era montar brinquedos e limpar a área.

Fiquei lá por **um mês aproximadamente**.

Foi onde conheci **Aleide Techelisk** e **Lucas**, um rapaz negro, de sorriso fácil, coração bom.

Fomos criando intimidade.

Almoçávamos juntos.

Eu ajudava no que podia.

Fazia o almoço.

Organizava.

Cuidava.

Mas chegou o dia de seguir.

Não tínhamos rumo.

Só a liberdade – e a incerteza.

Eu sugeriu:

"Vamos para Brasília."

E fomos.

---



## Brasília: O Albergue e a Mulher chamada Maria

Chegamos a Brasília com pouco dinheiro.

Algumas coisas aconteceram no caminho – não sei bem como – mas conseguimos chegar.

Fui à casa da **irmã de Cecy**, aquela que trabalhei como caseiro.

Conversei com ela.

Ela me deu algum dinheiro.

Foi um alívio.

Mas descobrimos um **albergue** que oferecia pouso e alimentação.

Fomos para lá.

No albergue, fiz amizade com muitas pessoas.

Entre elas, uma mulher que eu chamo de **Maria**.

Conversamos por muito tempo.

Ela falava com sabedoria.

Com calma.

Com fé.

E foi ela quem me disse algo que mudou tudo:

"Em Jacareí, as pessoas recebem os viajantes. Dão oportunidade de emprego. Tem albergue. Tem assistência."

Naquele momento, meus olhos se encheram de brilho.

De alegria.

De esperança.

Pela primeira vez, senti:

"É lá.

É para lá que devo ir."

No albergue de Brasília, havia um pasto grande.

Íamos descansar debaixo de uma árvore gigante, no meio do campo.

Era agradável.

Parecia paz.

Mas eu sabia:

tinha que seguir.

---



### O Retorno a Belo Horizonte e a Travessia a Pé

Despedi-me de Maria.

Voltei a **Belo Horizonte**.

Aleide e Lucas seguiram viagem.

Fiquei na rodoviária, esperando o próximo dia para seguir.

E então, comecei a caminhada:

- **Betim**
- **Santo Antônio do Amparo**
- **Perdões**
- **Lavras**
- **Três Corações**

Tudo a pé.

Meus pés doíam.  
Estavam inchados.  
Sangravam.

Mas eu seguia.  
Porque tinha um sonho no coração:

chegar em Jacareí, SP.

Em Três Corações, consegui chegar até Itajubá.  
Lá, conheci **Sílvio**, uma pessoa maravilhosa.  
Ele me deu carona.  
E, além disso, me deu um pouco de dinheiro.

"É para você chegar até seu destino."

---

Com esse dinheiro, consegui chegar até Pindamonhangaba.

### **Pindamonhangaba e Aparecida: A Oração que Mudou Tudo**

Foi em Pindamonhangaba e depois em Aparecida que tudo mudou.

Fui ao **Santuário de Nossa Senhora Aparecida**.  
Rezei.  
Pedi orientação.

Mas, antes disso, na igreja velha em Aparecida, rezei para uma santa.  
Achei que fosse **Nossa Senhora**, mas depois soube que era **Sant'Ana**, avó de Jesus.

Ela me ouviu.  
E me ajudou com a graça que eu tanto pedi:

chegar em Jacareí.

Foi ali que uma senhora me disse, com voz calma e firme:

"Você vai passar por São José dos Campos. Depois, em Jacareí. Lá será seu lar."

Voltei com essa certeza no coração.

Não como desejo.

Como promessa.

De Aparecida a São José dos Campos, fui a pé.

De lá, peguei ônibus para Jacareí.

---



### 8 de março de 1988 - O Dia em que Cheguei

Em 8 de março de 1988, desci na rodoviária de Jacareí.

A primeira pessoa que vi foi um guarda municipal.

Perguntei onde poderia ficar.

Ele disse:

"Tem um albergue aqui perto. Acolhe gente. Tem almoço. Tem assistência social. Lá você consegue vaga de emprego também."

Fui.

O albergue era um prédio grande, com estrutura, ordem, respeito.

Foi onde conheci Lucy Azevedo, assistente social.

Conheci também Inês e Maria, plantonistas que se revezavam.

No mesmo dia, conversei com a **Lucy**.  
Contei minha história.  
Minha jornada.  
Meu cansaço.  
Meu sonho de recomeçar.

Ela escutou.  
Com atenção.  
Com compaixão.

E fez algo que mudou minha vida:  
**ligou para a Vera**, amiga dela, que trabalhava na contabilidade.

Falou de mim.  
Disse que eu precisava de uma chance.

E Vera indicou meu nome para **Sidney**, que tinha um escritório de contabilidade.

---

### O Primeiro Dia de Trabalho

No dia seguinte, comecei a trabalhar.

Sidney me recebeu.  
Olhou para mim.  
Perguntou:

"Você tem experiência?"

Respondi com sinceridade:

"Não, senhor. Mas, se o senhor me der uma chance,  
posso provar que sou bom."

Ele me deu o trabalho.

E assim começou minha vida em Jacareí.

Não com luxo.

Não com festa.

Mas com um emprego, um teto, uma esperança.

---



### O Lar que Deus Preparou

Desde aquele dia, soube:

Jacareí era meu lar.

Não por acaso.

Não por sorte.

Por vocação.

Foi aqui que me estabeleci.

Foi aqui que trabalhei no SAAE.

Foi aqui que fiz amizades verdadeiras.

Foi aqui que rezei, trabalhei, cresci, amei.

E tudo começou com uma mulher chamada Maria, um guarda, um albergue, uma assistente social chamada Lucy, e uma frase que ecoa até hoje:

"Lá será seu lar."

---

*"Senhor, em cada passo que dei,*

*Tu estavas comigo.*

*Nas estradas, nas fomes, nas humilhações,*

*nas orações, nos anjos disfarçados de gente,*

*Tu me guiaste.*

*E em 8 de março de 1988,  
me trouxeste para casa.  
De volta.  
Obrigado.*"

---

## 1988-03-09 O Albergue, a Pousada e a Casa da Nilza

Quando cheguei em Jacareí, em 8 de março de 1988, tudo era novo.

A cidade.

O trabalho.

O futuro.

Fiquei no **albergue** por um mês.

Era um prédio grande, com estrutura, ordem, assistência social.

Lá, conheci **Lucy Azevedo, Inês e Maria**, plantonistas que se revezavam.

No mesmo dia em que cheguei, conversei com a Lucy.

Ela entrou em contato com a **Vera**, amiga dela, que trabalhava na contabilidade.

E Vera indicou meu nome para **Sidney**.

Comecei a trabalhar no dia 10 de março de 1988, como **auxiliar de contabilidade e cobrança**.

Não fui registrado logo.

Só em **28 de novembro de 1988**.

Mas não importava.

Eu tinha um emprego.

Um teto.

Uma chance.

---

## A Pousada e a Rua Valentim Pinheiro

Depois do albergue, mudei para uma **pousada** – um local simples, mas com quarto individual.

Mas logo precisei de algo mais barato.

Foi então que fui morar na **rua Valentim Pinheiro**, numa casa onde **vários quartos eram alugados**.

Morei lá com mais duas pessoas.

O quarto era pequeno, mas dava para dormir, tomar banho, comer.

E foi ali que minha amizade com **Inês** cresceu.

Ela também morava por perto.

Era plantonista no albergue.

Gentil.

Atenciosa.

Com um jeito de mãe.

Um dia, ela me convidou para jantar.

– Pedro, passa aqui depois do trabalho.

– Vou passar, sim.

– Vai ter feijão tropeiro, arroz, couve, ovo frito.

– Nossa... tô com água na boca já.

Fui.

Comi.

Rimos.

Conversamos.

Ela falou da vida dela.

Dos filhos.

Dos sonhos.

- Você é diferente, Pedro.
- Diferente como?
- Sério. Calmo. Mas com fogo dentro.
- Fogo?
- É. Um dia, alguém vai te acender.

Rimos.

E assim começou.  
Ela me chamava para café.  
Para jantar.  
Para conversar.

---

### Conversa entre Pedro e Inês

**Inês:**

- Você tá bem, Pedro?

**Pedro:**

- Tô, sim. Trabalhando. Rezando. Tentando.

**Inês:**

- Você reza muito, né?

**Pedro:**

- Desde criança. Mas agora, mais ainda.

**Inês:**

- Eu vejo. Às vezes, passo e te vejo na janela, com o terço na mão, rezando.

**Pedro:**

- É o que me sustenta.

**Inês:**

- Eu respeito. Muitos aqui no albergue não respeitam quem reza. Dizem que é frescura. Mas eu vejo: você é forte.

**Pedro:**

- Obrigado.

**Inês:**

– Sabe, Pedro... você é um homem bom.

**Pedro:**

– Eu tento.

**Inês:**

– Não é tentar. É ser.

Naquela noite, ficamos até tarde.

Falando.

Rindo.

Bebericando um vinho barato.

E então, sem pressa, sem palavras, aconteceu.

Um beijo.

Um toque.

Um abraço.

Foi natural.

Como se já estivesse escrito.

Depois, deitado ao lado dela, olhei para o teto.

– Inês...

– Hum?

– Foi bom.

– Foi.

– Você gostou?

– Gostei. Você é carinhoso.

– E você... é acolhedora.

E rimos.



O albergue foi minha **escola**.

Lá, aprendi a lidar com:

- Pessoas difíceis
- Pessoas boas
- Pessoas perdidas
- Pessoas que roubavam
- Pessoas que rezavam

E conheci muitos rapazes.

**Rogério**, de olhar triste, mas coração bom.

**Silas**, que falava alto, mas chorava à noite.

**Wanderley**, que ria de tudo, mas sofria em silêncio.

Tive alguns relacionamentos.

Nada sério.

Só encontros.

Só calor.

Só corpo.

Mas foi importante.

Porque me mostrou que eu podia ser desejado.

Mesmo sendo quem eu era.

---

### A Volta a São Paulo e o João

Um dia, senti saudade.

Saudade das **noites de São Paulo**.

Fui.

E conheci **João**.

Ele era de Pernambuco.

Sotaque marcante.

Cara de galã.

Corpo normal.

Nos encontramos numa boate.

Dançamos.

Conversamos.

Fomos para um hotel.

Ficamos a noite inteira.

Até o meio-dia, quando fechou.

Ele me disse:

– Você é diferente.

– Por quê?

– Porque você olha nos olhos.

– E você... é lindo.

Foi intenso.

Mas passageiro.

Voltei para Jacareí.

E tudo voltou ao normal.

---



### A Casa da Nilza

Depois da pousada, mudei para a casa da **Nilza**.

Ela morava com os pais: **Seu José** e **Dona Ana**, pessoas humildes, de coração grande.

Ela me recebeu como filho.

- Pedro, aqui é sua casa.
- Obrigado, Nilza.
- Meus pais também te adotaram.

E era verdade.

Seu José me chamava de "filho".

Dona Ana cozinhava para mim.

E foi lá que eu me encontrei.

Comecei a rezar o **terço completo** – três terços por dia.  
Frequentava a **Igreja do São João**, bairro em que morava.  
Participava de encontros.

Dava palestras.

- Pedro, você fala com unção – diziam.

E eu sentia:

| o Espírito Santo estava em mim.

Seu José me viu rezando um dia.

- Filho...
- Sim, seu José?
- Você tá rezando em voz alta?
- Tô. É o terço.
- Eu escutei. Parecia uma oração antiga.
- É em latim. ANGELUS.
- Você reza em latim?
- Rezo.
- Nossa... Deus tá com você, filho.

Dona Ana também.

- Pedro, você tá mudado.
  - Mudado como?
  - Mais forte. Mais em paz.
  - É a fé, dona Ana.
  - Então não perca isso nunca.
- 

### ⊕ O Que Ficou

Vivi muito nesse tempo.

Amei.

Errei.

Rezei.

Trabalhei.

Perdi.

Encontrei.

E aprendi:

A vida não é só trabalho.

É encontro.

É toque.

É oração.

É casa.

O albergue me ensinou a **olhar o outro**.

A pousada, a **sobreviver**.

A rua Valentim Pinheiro, a **amar**.

A casa da Nilza, a **rezar**.

E tudo isso me fez quem sou.

---

*"Senhor, graças pelo albergue.  
Pela pousada.*

*Pela casa da Nilza.  
Pelo toque de Inês.  
Pelo sotaque de João.  
Pela fé que voltou.  
Por não me deixar só,  
mesmo quando eu me perdi."*

---

## 1988-03-10 O Escritório de Sidney, Onde Tudo Começou em Jacareí

Em 10 de março de 1988, comecei a trabalhar com Sidney.

Não foi registrado.

Não teve contrato.

Mas teve **confiança**.

Foi ele quem me deu a primeira oportunidade em Jacareí.

Depois do albergue.

Depois da chegada.

Depois da benção de Lucy e Vera.

E foi ali, naquele pequeno escritório, que minha vida profissional finalmente se firmou.

---



### O Escritório e o Meu Quarto no Andar de Cima

O escritório de Sidney era simples.

Localizado em um sobrado modesto, com janelas de ferro e piso de taco.

Na parte de cima, havia dois cômodos vazios e um banheiro.

E foi ali que montei minha vida.

Transformei o espaço no meu **quarto**.

E na minha **cozinha**.

Uma cama de solteiro.

Um fogão de duas bocas.

Um tanque de lavar.

Um armário de madeira.  
E uma janela que dava para a rua.

Lá, eu dormia.  
Cozinhava.  
Rezava.  
Vivia.

Era pouco.  
Mas era meu.

---



### O Trabalho que Moldou Minha Carreira

Com Sidney, aprendi tudo.

Minhas funções eram muitas:

- **Escrituração bancária**
- **Fechamento de balanços** para pequenas e grandes empresas
- **Cálculos diversos** – impostos, folhas, projeções
- **Cobrança de clientes**

Era um trabalho minucioso.  
Exigia atenção.  
Precisão.  
Paciência.

Eu ia a pé fazer cobrança.  
Anotava tudo em cadernos.  
Usava aquele **mímeógrafo** – você sabe, aquele com tinta roxa – para destacar os lançamentos no **diário**.

E a máquina?

Ah, a máquina de escrever Olivetti.

Nunca esqueço o som:

*clique-claque, clique-claque,*

como se cada letra fosse um passo na minha jornada.

Tinha que carregar o papel carbono.

Ajustar a margem.

Reescrever tudo se errasse.

Mas era prazer.

Era arte.

Era ordem.

---



### Conversas com Sidney

Ele me perguntava:

- Pedro, fechou o balanço da padaria?
- Fechei, Sidney. Está tudo certo.
- E a cobrança do posto?
- Fui hoje. O dono tá apertado, mas vai pagar até sexta.
- Você anotou?
- Claro.
- Então tá certo.

Ríamos.

Sidney era exigente.

Mas justo.

E, com o tempo, passou a confiar em mim como se fosse um filho.

---



## O Encontro com Marcos

Foi nesse escritório que **Marcos**, o japonês, me encontrava de vez em quando.

Ele sabia onde eu morava.

Subia a escada.

Entrava.

– E aí, Pedro?

– Vem, entra. Tô fazendo arroz com ovo.

– Pode dividir comigo?

– Posso. Mas traz o sorriso.

Sentávamos no chão.

Comíamos no prato de plástico.

Ríamos.

Falávamos de cabelo.

De vida.

De desejo.

E depois, ele ia embora.

Com o sorriso cativante.

E o coração em chamas.

---



## O Fim de uma Etapa

Trabalhei com Sidney até **20 de janeiro de 1989**.

Foi quando fui **registrado** – finalmente – para trabalhar no **SAAE de Jacareí**.

Foi uma decisão difícil.

Mas necessária.

Estabilidade.

Futuro.

Segurança.

No último dia, Sidney me chamou:

- Pedro... você vai fazer falta.
- O senhor também.
- Você é bom. Mais do que bom. É sério.
- Aprendi com o senhor.

Ele me deu um abraço.

Forte.

De pai.

---

### ⊕ O Que Ficou

Hoje, quando penso naquele tempo, sinto um nó na garganta.

Não por saudade do trabalho.

Mas por saudade da **simplicidade**.

Do cheiro de tinta roxa.

Do som da Olivetti.

Do arroz no fogão de duas bocas.

Do Marcos subindo a escada.

Do Sidney dizendo:

"O roxo não mente."

Foi ali que me tornei homem.

Foi ali que construí minha base.

Foi ali que o futuro começou.

*"Senhor, graças por Sidney.*

*Graças por aquele escritório pequeno, mas grande em significado.*

*Por ter me dado um teto, um trabalho, um propósito.*

*E por ter usado um homem simples para mudar minha vida."*

---

**1988-04-28**  **Uma Amizade Sob a Chuva em Jacareí**

Era uma noite de chuva forte.

Uma daquelas que parecem transformar cada canto da cidade em um oceano de água e vento.

A estrada estava escura.

As gotas grossas caíam sem parar, desenhando linhas no céu, batendo no chão com força, formando poças que refletiam a luz amarela dos postes.

Eu caminhava pelas ruas molhadas de **Jacareí**, com as roupas já encharcadas, o corpo frio, o coração inquieto.

Tinha chegado na cidade recentemente.

Não conhecia bem a região.

Nem as ruas.

Nem as pessoas.

Nem o clima.

Naquele momento, meus passos me levaram até um **bar fechado**, perto de onde eu estava.

Parei em frente à entrada.

Sob uma pequena marquise, abriguei-me um pouco da tempestade.

Não era um abrigo grande.

Mas era seco.

Era um canto.

Fiquei ali, observando o movimento quase nulo das ruas.

As luzes dos postes se refletiam nas poças, criando espelhos tremulantes, como se a cidade inteira estivesse flutuando.

Estava sozinho.

Mas, apesar da chuva, um sentimento de calmaria pairava no ar.

As ruas vazias.

O som constante da água.

O silêncio entre os trovões.

Era paz.

Mas também era solidão.

---



### O Encontro com Luís Henrique

Foi então que vi uma figura correndo pela rua.

Um jovem, tentando se proteger da chuva com as mãos, com o corpo encurvado, os passos apressados.

Ele se aproximou rapidamente.

Chegou até onde eu estava.

Parou ao meu lado, ofegante, limpando a água que escorria do rosto.

Apesar da situação, **sorriu**.

E aquilo quebrou o gelo imediato.

— Essa chuva pegou a gente de surpresa, hein? — ele disse, entre uma risada nervosa e um suspiro cansado.

Concordei com um sorriso.

E, sem mais, a conversa começou.

Natural.

Fácil.

Como se já nos conhecêssemos há muito tempo.

Ele era Luís Henrique.

---

## O Homem da Simplicidade

Luís era um rapaz simples.

Médio porte.

Pele clara.

Meio **fortinho**.

Já com alguns sinais de **calvície**, o que dava a ele uma aparência mais madura, como se carregasse a vida com serenidade.

Tímido no começo.

Mas com uma **simpatia que tornava fácil conversar**.

E uma **presença acolhedora**, como se o mundo fosse menor quando ele estava por perto.

Enquanto a chuva batia no chão, ele começou a me contar sobre Jacareí.

Sobre as ruas.

Sobre as pessoas.

Sobre como a vida fluía por ali.

– A cidade é bem tranquila – disse, olhando para o céu enquanto a chuva diminuía.

– Mas tem seus segredos também.

Se você souber onde procurar, encontra lugares interessantes.

---

## O Convite Inesperado

Enquanto a chuva dava uma pequena trégua, ele sugeriu algo inesperado:

– Moro aqui perto, mais à frente nesta mesma rua.  
Se quiser, podemos passar lá.  
A gente espera a chuva acabar e toma um café ou algo assim.

Olhei para ele por um momento.

Surpreso.

Mas não hesitei.

Aceitei.

Parecia ser uma pessoa confiável.

E naquela noite fria, molhada, o convite era mais que gentileza.

**Era salvação.**

---



## A Casa Simples

Caminhamos até sua casa, a poucos quarteirões dali.  
A rua ainda estava encharcada.  
As poças refletiam a luz pálida dos postes, como se o caminho fosse feito de espelhos.

Quando chegamos, vi que era um lar **modesto, mas arrumado.**

Refletia exatamente quem ele era:  
**simples, cuidadoso, sem pretensões.**

Ele me deu um sorriso tímido.

Como se estivesse nervoso por me receber.

Mas sua hospitalidade era **genuína.**

Entramos.

Logo, o cheiro de café fresco começou a preencher o ambiente.

Enquanto ele preparava duas xícaras, continuamos a conversar.

Descobri que Luís Henrique tinha a mesma idade que eu. Mas sua maneira de falar, seu jeito de olhar, o fazia parecer mais experiente.

Falou sobre a cidade.

Sobre os lugares que gostava.

Sobre as pessoas que conhecia.

Sobre os eventos locais.

– Aqui é tranquilo – disse, mexendo o café com uma colher.

– Mas é aquele tipo de tranquilidade que às vezes pode te deixar inquieto.

Nem sempre há muito o que fazer, então a gente acaba se virando, procurando amigos, um lugar pra conversar...

---

### ♥ A Amizade que Começou na Chuva

A conversa fluía.

A chuva lá fora era só um som de fundo agora.

Um ritmo reconfortante.

Ficamos ali por mais algum tempo.

Ele me contou histórias sobre Jacareí que eu nunca ouvira.

Falou de cantos escondidos, de ruas com alma, de pessoas que marcaram sua vida.

E, enquanto falava, senti que **começava** a **formar** uma **amizade verdadeira**.

Luís não era de grandes gestos.

Não falava alto.

Não prometia o mundo.

Mas era **honesto**.

Sem máscaras.

Sem pretensões.

E, naquele momento, isso era tudo o que eu precisava.

---

### **O Adeus que Não Era Fim**

Quando a chuva finalmente cessou, me despedi.

Antes de sair, olhei para ele.

E soube:

aquilo não era só um encontro.

Era o começo de algo.

A amizade que começava ali, **debaixo da chuva e do acaso**, seria uma daquelas que **marcam a vida**.

Luís não tinha grandes pretensões.

Mas sua **bondade**, sua **simplicidade**, sua **presença** – isso era o que mais importava.

---

### **O Que Mudou naquela Noite**

Quando deixei sua casa, senti que algo havia mudado.

A cidade, que antes parecia estranha, distante, fria, agora parecia familiar, próxima, acolhedora.

Eu sabia que Jacareí tinha muito mais a me oferecer do que eu imaginava.

E que, ao lado de um amigo como Luís Henrique, a jornada seria muito mais agradável, segura, humana.

---

### ⊕ O Silêncio da Graça

Hoje, quando penso naquela noite, entendo:

Deus nem sempre fala em trovões.

Às vezes, Ele fala em chuva.

Em um sorriso inesperado.

Em um convite simples.

Em um café quente numa casa modesta.

E, naquela noite, Ele me disse:

"Você não está só."

Através de Luís Henrique.

---

*"Senhor, graças por homens simples que, sem saber, são sinais do Teu amor.*

*Graças por amizades que nascem na chuva, mas duram para sempre."*

---

**1988-06-22**  **O Encontro com Marcos o japonês**

Era um dia comum.

A tarde caía devagar sobre Jacareí.

O sol ainda dourava as ruas, mas o calor começava a amaciá-lo.

Eu estava na **padaria do São João**, como tantas vezes.

Comprando pão.

Rezando em silêncio.

Vivendo.

Foi então que ele passou.

Um rapaz.

Meio alegre.

Sorriso cativante.

Olhar marcante.

De beleza nobre.

**Marcos.**

Lembro dele até hoje.

Não só pela beleza.

Mas pelo **fogo** que trazia nos olhos.

Era **japonês**.

Magro.

Um pouco alto – quase da minha altura.

Tinha um corpo que falava sem precisar de palavras.

E um sorriso...

aquele sorriso...

não esqueço.

Estava voltando do trabalho.  
Morava ali perto.  
Passou por mim.  
Eu o cumprimentei.  
Como se já nos conhecêssemos.

– E aí, tudo bem?  
– Tudo, e com você?

A voz dele era quente.  
Como o fim da tarde.

– Quer tomar alguma coisa? Um suco? Um café?  
– Por que não? – ele respondeu, rindo.

Fomos para um banco perto dali.  
Conversamos.  
Sobre tudo.  
Sobre nada.

Descobri que era **cabelereiro**.  
Adorava falar de cabelo.  
De corte.  
De penteado.  
De como um fio pode mudar uma cara.

– Sabe, Pedro – disse, brincando –, se eu cortasse o seu, você ia virar um galã.  
– Ah, é? – ri. – Então por que não corta?  
– Só se você deixar eu tocar mais do que no cabelo.

E rimos.  
Um riso que não era só piada.  
Era desejo.  
Era intimidade.



## Na casa dele

Depois de um tempo, ele me convidou:

- Vem pra casa.
- Agora?
- Por que não? A noite ainda é jovem.

Fui.

A casa era simples.

Mas cheia de vida.

Fotos na parede.

Um cheiro de sabonete bom.

Música baixa.

Sentamos.

Conversamos mais.

Sobre sonhos.

Sobre solidão.

Sobre o que a gente queria da vida.

E então, sem pressa, ele se aproximou.

- Você é diferente – disse.
- Diferente como?
- Sério. Calmo. Mas com fogo dentro.

E me beijou.

Foi intenso.

Quente.

Como ele.

**Marcos era fogoso.**

**Caloroso.**

**Intenso.**

E na cama...

ah, na cama...

era como se o mundo parasse.

**Sentíamos muito prazer.**

Não só no corpo.

Mas na alma.

Era mais que sexo.

Era **encontro**.

---



### **Nossos dias**

Ficamos juntos por um bom tempo.

Saímos.

Íamos à **praça da cidade**.

Sentávamos.

Conversávamos.

Ríamos.

– Você ri pouco, Pedro – ele me disse um dia.

– É que eu sou assim.

– Mas comigo você ri mais.

– Porque com você eu sou mais leve.

E era verdade.

Gostávamos de falar de tudo.

Mas especialmente de **cabelo**.

- Um dia eu corto o seu – dizia.
- E depois o que você faz?
- Depois... eu te penteio com as mãos.
- Só isso?
- Só isso.
- Mentira.
- Tá bom... depois eu te beijo inteiro.

E ríamos.

Como duas crianças.

---

### 💔 O fim

Com o tempo, algo mudou.

Marcos começou a sumir.

Ficar mais fechado.

Mais triste.

Soube que estava metido em drogas.

Tentei ajudar.

Falei com ele.

Chorei.

Rezei.

- Marcos, você pode sair disso.
- Não, Pedro... já é tarde.
- Não é tarde. Você é forte.
- Não sou mais.

Tentou.

Mas não conseguiu.

Fomos dar um tempo.  
E o tempo virou distância.  
Virou silêncio.

Nunca mais soube dele.

---

### † O que Ficou

Hoje, quando penso em Marcos, não lembro só do corpo.  
Lembro do **sorriso**.  
**Do riso cativante**.  
Da forma como me fez sentir:

desejado.  
visto.  
inteiro.

Ele foi um homem **quente**.  
Não só no toque.  
Mas na alma.

E mesmo que tenha se perdido depois,  
naquele tempo, ele foi **luz**.

E eu, com ele, aprendi:

que o amor, mesmo passageiro, pode ser eterno no coração.

---

"Senhor, graças por homens como Marcos.  
Graças por encontros que nos aquecem,  
mesmo que não durem para sempre.  
Porque, às vezes, basta um sorriso,

*um beijo, um riso na praça,  
para Lembrar que valeu a pena viver."*

---

## **1990-01-22** **Do SAAE ao Convento, A Caminhada Vocacional**

Em 22 de janeiro de 1990, entrei para o quadro dos servidores de SAAE de Jacareí.

Tinha acabado de me formar em **Contabilidade**, e estava trabalhando com **Sidney**, onde fui técnico de contabilidade desde **março de 1988**.

Mas sentia que era hora de mudar.

De crescer.

De seguir um caminho mais estável.

Então, pedi minha saída.

E fui admitido no SAAE como **Auxiliar Administrativo**, depois **Oficial Administrativo**.

Foram três anos intensos, de 1990 a 1993, nos quais aprendi muito.

---

### **Na ETA: A Subida e a Vista**

Comecei trabalhando na **ETA (Estação de Tratamento de Água)**.

Era um lugar isolado, com uma **subida bem íngreme** – cansativa, mas necessária.

Lá, trabalhava na **caixa d'água**, no alto.

E de cima, tinha uma **visão inteira da cidade de Jacareí**.

Aos poucos, aquela vista virou oração.

O céu, a cidade, o trabalho – tudo se misturava em silêncio.

Foi lá que conheci pessoas importantes:

- **Neusa**, amiga fiel até hoje
- **Gal**, sempre atenciosa
- **Roberto**, homem de palavra
- **Sônia**, a arquiteta que projetava com calma
- Alguns engenheiros da área

E também **Clara**, da copa.

Senhora humilde, de coração grande.

Fazia café para todos os setores.

E com um sorriso, aquecia o dia inteiro.

---



### A Transferência para a Contabilidade

Passados alguns meses na ETA, pedi transferência.

Queria voltar para a **contabilidade**.

Era a área que eu amava.

Fui atendido.

Mudei para o centro da cidade, onde ficava o setor administrativo e financeiro.

E foi lá que minha vida profissional se firmou.

Conheci **Leda, Rosângela, Lia, Fátima, Tânia, Mônica**.

Mulheres competentes, sérias, de bom coração.

Aprendi muito com elas.

Sobre números.

Sobre precisão.

Sobre ética.

E foi nesse tempo que comecei a trabalhar com informática.

Estava começando a **implantação do sistema informatizado**.

Aprendi a usar:

- **Lotus 1-2-3** (planilha de cálculo)
- **Word**
- E a **máquina de escrever eletrônica**, na qual me tornei bom digitador.

Foi ali que vi o futuro chegando.

E soube:

o mundo estava mudando.  
e eu precisava mudar com ele.

---



### **A Decisão de Entrar no Convento**

Mas, ao mesmo tempo que minha carreira avançava, minha alma buscava outra direção.

Desde **1991**, já frequentava a **Casa São Francisco em Caçapava**, um lugar de oração, silêncio e discernimento.

Foi uma caminhada de três anos.

De escuta.

De oração.

De busca.

Em **fevereiro de 1993**, tomei uma decisão:  
entrar para o **Convento dos Frades Conventuais em Curitiba**, Casa São Francisco de Assis.

**Pedi demissão do SAAE quase no começo de fevereiro de 1993.**

**E em fevereiro de 1993, fui para Curitiba.**

**Fiquei até dezembro de 1993., e em janeiro de 1994, entrei para o Convento dos frades em Caçapava.**

---



### **Vida no Convento: Trabalho, Estudo e Silêncio**

Em Curitiba, minha vida mudou por completo.

Estudava **filosofia**, lia livros pesados, fazia resumos para o **Reitor, Frei Antônio Mollisani**.

Conheci:

- **Frei José**, idoso, de olhar sereno
- **Frei Antônio Cordioli**, que organizava retiros
- **Frei Sebastião**, o pároco
- E outros irmãos que caminhavam comigo

Por ter experiência com computador, fui designado para a **administração do convento**.

Minhas funções:

- Digitar o **boletim oficial da sede de Santo André**
- Enviar e receber informativos da **Itália**, traduzindo para o português
- Aprender o **Microsoft Windows**, na época foi o começo dos primeiros sistemas
- Trabalhar com **Word e planilhas**

E, como tinha **carteira de motorista**, levava **Frei José** para missas em outras capelas e igrejas.

Fazia compras:

- Trigo
  - Ração para as vacas
  - Suprimentos para o convento
- 

### **A Vida Comunitária em Caçapava**

Antes de Curitiba, em **Caçapava**, vivi um tempo de **formação intensa**.

E quando estava em Curitiba.

Conheci outros jovens em caminhada vocacional lá:

- **Benedito**
- **Carlos**
- **Rogério**
- **Ronaldo**
- E outros cujos nomes não lembro

Éramos cerca de **40**, divididos por nível de escolaridade.

Alguns do Paraná.

Outros de São Paulo.

Foi um tempo de **aprendizado, trabalho comunitário e provações**.

A parte que mais gostei eram as orações pessoais, que cada um tinha para fazer na sacristia que tinha perto

dos dormitórios. Jesus estava sempre presente.

Tínhamos:

- **Missa todos os dias de manhã**
- **Café da manhã**
- **Serviços de limpeza**
- **Almoço por volta do meio-dia**
- **Tarde de trabalho braçal:**
  - Na roça: plantio de milho
  - Cuidado com os animais: galinhas, coelhos, vacas

Cada um tinha uma obrigação.

E cada um aprendia a viver em comunidade.

Houve **brigas**.

Houve **desentendimentos**.

Mas também **perdão**.

E crescimento.

---

### **Os Momentos de Alegria e Espiritualidade**

Apesar da disciplina, havia momentos de alegria.

Organizávamos:

- **Apresentações de teatro** – pequenas peças bíblicas
- **Festas litúrgicas** – com músicas, orações, decoração
- **Preparação da oração noturna**, sempre aos **domingos à noite**
  - Dividíamos em grupos
  - Cada grupo era responsável por uma semana
  - Escolhíamos textos, cânticos, reflexões

Íamos à Missa na Igreja São João Batista, próximo dali. E também à igreja de Schoenstatt, a poucas quadras.

Era silêncio.

Era paz.

Era Deus.

---

### A Saída em Março de 1994

Com o tempo, muitos foram chamados para outros conventos, para continuar os estudos.

Chegou o final do ano.

Perto da virada.

Preparei um jantar especial para os poucos que ficaram.

E em março de 1994, decidi sair.

Voltei para Jacareí.

Não como um fracassado.

Mas como um homem que buscava Deus de outro jeito.

---

### O Retorno ao SAAE

Em 25 de março de 1994, fui contratado temporariamente pela Tratege Trabalho Temporário para trabalhar na tesouraria do SAAE.

E em 15 de junho de 1994, prestei concurso e fui admitido como Técnico em Contabilidade – cargo que exercei até minha aposentadoria em 3 de setembro de 2018.

Mas o tempo no convento não foi em vão.  
Ali, aprendi:

- A viver em comunidade
- A ouvir
- A servir
- A rezar

E isso, de alguma forma, me acompanhou em cada dia de trabalho.

---

### ⊕ O Que Ficou

Hoje, olho para trás com gratidão.

O SAAE me deu **estabilidade**.

O convento me deu **profundidade**.

E entre a **ETA com vista para a cidade**  
e a **sala de oração em Curitiba**,  
Deus estava comigo.

E ainda está.

---

*"Senhor, graças pelo SAAE.  
Graças pelo convento.  
Pela ETA. Pela caixa d'água. Pela subida.  
Pelos irmãos. Pelos livros. Pelos silêncios.  
Por cada passo que me levou até Ti."*

---

1990-01-23



## A Criança em Silêncio, A Luta Invisível

Nos anos 70, na pequena sala da **Escola Felipe dos Santos**, havia um menino que mal compreendia o que se passava ao seu redor.

Era eu.

Tinha oito anos.

Era como tantos outros.

Mas carregava uma luta silenciosa que ninguém via.

Para mim, a escola era um misto de **curiosidade e medo**.

As vozes dos colegas pareciam distantes.

Os sons do mundo chegavam como **ecos abafados**, como se eu estivesse ouvindo tudo do fundo de um poço.

Mas eu não sabia.

Na verdade, **ninguém sabia**.

---



### O Bullying que Não Tinha Nome

Naquela época, o termo "**bullying**" ainda não existia.

Mas a crueldade já fazia parte do dia a dia.

E eu era o alvo.

Ridicularizado por minha "desatenção".

Zombado por não responder na hora certa.

Chamado de "surdo", mas como piada – nunca como diagnóstico.

- Pedro, você tá dormindo?
- Pedro, o mundo tá falando com você!
- Esse aí é burro mesmo.

Não entendia por que me tratavam assim.

Pensava:

"Será que sou eu?"  
"Será que estou fazendo errado?"

Aceitei o papel que me deram:

o menino que não escutava.  
o menino que não respondia.  
o menino que não pertencia.

---

### A Professora e o Canto da Vergonha

As agressões não vinham só dos colegas.  
Vinham da professora também.

Toda vez que eu não ouvia uma ordem, que não respondia,  
que parecia "distraído", era castigado.

Colocado em pé, de frente para o quadro-negro,  
num canto da sala.

Ficava ali.  
Imóvel.  
Enquanto os outros riam.  
Enquanto ela dizia:

"Olhem para ele. É assim que não se faz."

Era um exemplo do que não ser.

Mas eu não entendia.

Para mim, eu estava fazendo certo.

Só não ouvia.

---



### A Verdade que Chegou Tardé

A verdade só veio muitos anos depois.

Na década de **1990**.

Eu já era adulto.

Trabalhava.

Vivia em Jacareí.

E, como parte do exame admissional em uma nova empresa,  
fiz uma **audiometria**.

O resultado foi um choque:

eu tinha surdez.

Não era leve.

Não era emocional.

Era **física**.

**Neurosensorial**.

**Desde a infância**.

Naquele momento, tudo fez sentido.

As gozações.

Os castigos.

O isolamento.

A sensação de estar sempre um passo atrás.

**Não era minha culpa.**

**Era minha surdez.**

Foi doloroso.

Mas também foi libertador.

Finalmente, eu entendia:

eu não era falho.

eu era surdo.

e ninguém me ouviu.

---

### 💔 As Cicatrizes que Permanecem

A surdez explicava tudo.

Mas não curava as cicatrizes.

Mesmo hoje, como homem, ainda sinto o eco daquela criança.

Ainda sinto medo.

Medo de ser incompreendido.

Medo de ser julgado.

Medo de voltar ao canto da sala.

Às vezes, em silêncio, vejo aquela cena:

Eu, de pé.

O quadro-negro à frente.

As risadas ao fundo.

A professora falando alto.

E eu, tentando entender o que ninguém explicava.

Ainda sinto o peso daquele olhar.

Daquele silêncio imposto.

Daquela doença invisível que me aprisionava entre o passado e o presente.

---

### ⌚ A Força que Nasceu do Sofrimento

Mas, mesmo assim, sobrevivi.

Aprendi a ler nos lábios.

A observar os gestos.

A antecipar as palavras.

E, com o tempo, descobri minha força.

Não era a força do grito.

Era a força do **silêncio resistente**.

Do menino que, mesmo não ouvindo, continuava tentando.

Do homem que, mesmo marcado, seguiu em frente.

---

### ✚ A Criança que Ainda Está Aqui

Hoje, sou um homem de fé.

De trabalho.

De oração.

De rotina.

Mas, dentro de mim,  
**a criança de oito anos ainda está lá.**

Ela não desapareceu.

Só aprendeu a se esconder.

E, às vezes, quando o mundo fala alto demais,  
quando as vozes se misturam,

quando não entendo,

ela volta.

Com medo.

Com vergonha.

Com dor.

Mas eu a abraço.

E digo:

"Você não está só.

Você fez o melhor que podia.

E eu estou aqui.

E estamos vivos."

---

*"Senhor, Tu ouviste o que ninguém ouviu.*

*Tu viste a criança no canto da sala.*

*Tu sentiste o peso do silêncio.*

*E, mesmo quando o mundo me chamou de surdo,*

*Tu soubeste: eu era Teu."*

---

## **1994-03-11 O Retorno ao SAAE, A Mesma Casa, um Novo Propósito**

Depois de viver uma intensa e transformadora experiência no **Convento dos Frades Conventuais em Curitiba** e também na casa em Caçapava, decidi retornar a Jacareí.

Em **março de 1994**, deixei o convento com o coração cheio de aprendizados, silêncios, orações e provações.

Não como um fracassado.

Mas como um homem que havia buscado Deus com sinceridade,

e que agora precisava segui-Lo de outra forma.

Voltei para a mesma cidade.

Para a mesma casa.

Para a mesma missão.

Mas não como antes.

Agora, como um homem mais maduro.

Mais centrado.

Mais certo do caminho.



### **O Reingresso: 25 de março de 1994**

Em **25 de março de 1994**, comecei a trabalhar novamente no **SAAE**, mas dessa vez por meio da **Tratege Trabalho Temporário em Geral Ltda**, para prestar serviços na tesouraria.

Foi um trabalho temporário, mas significativo.

Uma ponte entre o passado e o futuro.

Fiquei nessa função até **6 de junho de 1994**.

---

### **O Concurso e a Admissão Definitiva**

Logo depois, prestei **concurso público** para o SAAE.

E em **15 de junho de 1994**, fui **admitido como Técnico em Contabilidade**.

Foi um momento de grande alegria.

Não só por ter conquistado o cargo.

Mas por saber que, mesmo depois de um desvio vocacional,  
Deus me havia devolvido ao lugar certo.

Agora, não era mais **Auxiliar Administrativo** ou **Oficial Administrativo**.

Era **Técnico em Contabilidade** –

um título que refletia anos de estudo, dedicação e  
fidelidade ao trabalho.

---



### **Na Contabilidade: A Mesma Mesa, um Coração Renovado**

Voltei para o mesmo setor.

A mesma rotina.

Os mesmos colegas.

Mas eu não era o mesmo.

A experiência no convento havia me ensinado:

- A viver em comunidade
- A ouvir
- A servir

- A rezar com profundidade

E tudo isso eu levei para o trabalho.

Na contabilidade, continuei com minhas funções:

- Escrituração administrativa
- Registro de receitas, despesas e ativos
- Organização e arquivamento de documentos
- Apoio no fechamento mensal e anual
- Uso de sistemas como **Lotus 1-2-3** e **Word**
- Acompanhamento de obrigações fiscais

E, com o tempo, tornei-me uma referência no setor.

Pelo conhecimento.

Pela ética.

Pela calma.

---

## Um Ciclo Fechado

Retornar ao SAAE foi como fechar um ciclo.

Tinha saído em **fevereiro de 1993** para buscar Deus no convento.

E Deus, com sabedoria, me devolveu ao SAAE –  
não como um castigo,  
mas como uma **vocação secular**.

Porque servir a Deus não é só no claustro.

É também no serviço público.

Na precisão dos números.

Na honestidade do registro.

Na oração silenciosa entre um documento e outro.

---

## O Que Ficou

Trabalhei no SAAE como **Técnico em Contabilidade** até minha **aposentadoria, em 3 de setembro de 2018 – 24 anos e 4 meses** de dedicação.

E olhando para trás, sei:  
cada dia foi um ato de fé.

A mesma casa.  
O mesmo trabalho.  
Mas com um coração renovado.

---

*"Senhor, graças por não me deixar.  
Graças por me chamar de volta.  
Por usar o SAAE como minha missão.  
Por fazer do simples, algo sagrado."*

---

## 1995-01-05 🤝 Joel, O Amigo que Cuidava dos Gatos

Conheci **Joel** em São José dos Campos, em 1995, quando eu tinha 29 anos.

Ele era um pouco baixo, magrinho, com sobrancelhas fortes e um olhar calmo.

Tinha 19 anos.

E um coração que falava mais alto que as palavras.

Daquela data em diante, nunca deixamos de ser amigos.

Mesmo com o tempo, mesmo com a distância, mesmo com os silêncios, ele sempre esteve presente.

Era o tipo de homem que não falava muito, mas agia.

Sempre que precisei ir ao médico, ele me acompanhava.

Sempre que fiquei doente, estava lá.

E eu, com minha rotina de orações, remédios, compromissos, aprendi a contar com ele – não como um irmão de sangue, mas como um irmão de alma.



### Conversas no Dia a Dia

Nos víamos com frequência.

Às vezes, em frente à padaria.

Outras, na praça.

Ou ele vinha até minha casa.

E as conversas fluíam como água.

**Pedro:**

– Joel, você tá cuidando de quantos gatos agora?

**Joel:**

- Dezesseis.
- Só dezesseis?
- É... uns estão doentes. Um deles, o Cinza, tá com a pata machucada. Tive que levar no veterinário ontem.
- Você paga tudo isso?
- Tudo. Não é muito, mas é o que posso fazer. Eles não têm ninguém.
- Você é um homem bom, Joel.
- Ah, Pedro... é só amor. Eles me fazem bem também.

Era assim.

Ele falava dos gatos como quem fala dos filhos.

---



### A Casa dos Gatos

Fui uma vez à casa dele.

Era simples.

Pequena.

Mas cheia de vida.

Cada canto tinha um gato.

Alguns dormindo.

Outros brincando.

Um até subiu no meu colo.

- Esse é o Pretinho – disse Joel. – Ele gosta de gente.
- Ele é manso.
- Todos são. Só precisam de tempo. Assim como as pessoas.

Lembrei disso.

Porque Joel também era assim.

Manso.

Mas profundo.

---



### O Amigo que Não Falava, mas Cuidava

Nunca o vi reclamar.

Nem de dinheiro.

Nem de cansaço.

Nem de dor.

Uma vez, fui ao hospital fazer um exame.

Ele foi comigo.

Sentou na sala de espera.

Levou um lanche.

Perguntou:

- Você já tomou os remédios hoje?
- Tomei.
- Vai tomar o da noite?
- Vou.
- Então tá bom.

E ficou ali.

Em silêncio.

Mas presente.

---



### Sobre Fé e Vida

Numa tarde, sentados na praça, ele disse:

**Joel:**

- Pedro, você reza muito, né?

**Pedro:**

- Rezo.

**Joel:**

– Eu não sei rezar direito. Mas quando olho pro céu, sinto que tem alguém olhando por mim.

**Pedro:**

– É o Senhor.

**Joel:**

– Talvez. Eu não entendo de religião. Mas entendo de cuidar. E acho que é isso que Deus quer: que a gente cuide um do outro.

**Pedro:**

– Você entende mais do que pensa.

E rimos.

---



## O Que Ficou

Joel não é só um amigo.

É um **testemunho de bondade silenciosa**.

Um homem que, sem querer chamar atenção,  
cuida dos gatos,  
acompanha os doentes,  
escuta os solitários,  
e vive com um coração que parece nunca se fechar.

E mesmo com o tempo,  
mesmo com a idade,  
ele continua sendo aquele rapaz de 19 anos,  
com sombrancelhas fortes,  
corpo magro,  
e um amor que não se mede em palavras.

---

*"Senhor, graças por amigos como Joel.  
Graças por homens simples que, sem saber, são santos.  
Que não precisam de altares para servir.  
Basta um gato doente, um amigo fraco, um ombro para  
escutar."*

---

## **1999-11-24 A Queda, a Justiça e a Superação no SAAE**

Em 1999, recebi uma promoção que ninguém esperava:  
fui nomeado **Gerente de Contabilidade do SAAE de Jacareí**.

Era o mais novo no cargo.  
Tinha menos tempo de casa que muitos.  
Mas tinha **competência, ética e dedicação**.

E Deus me levantou.

Fiquei no cargo por **quatro anos**.  
Trabalhei com seriedade.  
Zelei pelos processos.  
Cuidei da equipe.  
E mantive a contabilidade do SAAE em ordem.

Mas, em 2003, fui demitido do cargo.

Não por erro.  
Não por falta.  
Mas por **ganância**.

Uma funcionária, com mais tempo na contabilidade,  
almejava o cargo.  
E conseguiu.  
Por trás.  
Por pressão.  
Por inveja.

Não vou dizer o nome dela.  
Mas quem ler este capítulo,

e souber da história,  
saberá quem foi.

---

### O Isolamento: 2004 e 2005

Depois disso, fiquei **sem função definida**.  
De 2004 a 2005,  
minha única tarefa era:  
**conferir a conciliação bancária**.

Foi pior que punição.  
**Foi humilhação silenciosa**.

Colocaram-me na sala isolado.  
Sozinho.  
Sem contato.  
Sem sentido.

Era como se eu não existisse.  
Como se todo o meu trabalho não tivesse valor.

E o pior:  
ninguém falava comigo.  
Nem para me cumprimentar.  
Só olhares desviados.  
Silêncios pesados.

---

### O Grito: 2006

Em 2006, o peso foi demais.

Um dia, sentado naquela sala,  
olhando para a mesa cheia de papéis,

sem propósito,  
sem dignidade,  
sem esperança,  
perdi o controle.

Passei a mão na mesa.  
**E derrubei tudo no chão.**

Papéis voaram.  
Canetas rolaram.  
Meu corpo tremia.  
Meus olhos choravam.  
Minha alma gritava.

Foi um ato de desespero.  
Mas também de coragem.  
Porque, naquele momento,  
eu disse:

| "Não aguento mais."

E pedi:  
– Alguém me leve ao médico.  
– Ao Dr. Bruno.

---

## O Afastamento e a Verdade

O Dr. Bruno me viu.  
Vi meu estado.  
E me afastou por um mês.

Quando voltei, houve uma **sindicância**.  
Tive que comparecer.  
Responder perguntas.

Lembro de uma:

- O Senhor esbarrou no ventilador ou o derrubou?
- Não.
- Então o que aconteceu?
- **Chutei.**

Falei a verdade.

Sem medo.

Sem mentira.

E acredito que foi a palavra "**chutei**" que me salvou.

Porque mostrei que eu estava ali.

Que eu não negava minha dor.

Que eu não era um covarde.

Apenas uma advertência.

Nada mais.

---



### A Recuperação na Prefeitura

Pouco tempo depois, fui **transferido para a Prefeitura de Jacareí**.

Foi uma forma de me afastar da nova gerente.

Mas foi também um **novo começo**.

Em **2006**, comecei a recuperar minha autoestima.

Fui reconhecido.

Valorizado.

E, logo pouco, fui promovido a **Supervisor de Contabilidade**.

E em **abril de 2007**, a **Gerente de Contabilidade**.

Mas confesso:

era muita coisa.

Muita responsabilidade.

Muita pressão.

E, em **setembro de 2007**, resolvi parar.

Não por fraqueza.

Por sabedoria.

Fiquei na contabilidade até **dezembro de 2008**.

---

### Gerência de Contratos: O Renascimento

Em **janeiro de 2009**, fui para a **Gerência de Contratos**,  
onde trabalhava **Fátima**.

Fui chamado para ajudar.

Para resolver problemas contábeis.

E o fiz com competência.

Tive ideias.

Organizei processos.

Trabalhei com seriedade.

E permaneci lá até **2014**.

Foi um tempo de paz.

De reconhecimento.

De serviço.

---

### A Regulação: O Último Desafio

Em **2015**, fui para o **Serviço de Regulação de Jacareí**.

Foi um projeto novo.  
Eu mesmo **abri** a empresa no CNPJ.  
Montei toda a parte contábil.  
E, com o tempo, assumi muito mais:

- Compras
- Tesouraria
- RH
- Controle Interno
- Almoxarifado

Foi um crescimento grande.  
Mas também um peso enorme.

---

## 🌀 O Surto de 2016

Em **abril de 2016**, tudo desmoronou.

Não lembrava mais o que estava fazendo.  
Perdi o fio da meada.  
Fiquei perdido.

Naquele mesmo dia, fui ao meu **psiquiatra**.  
Ele me viu.  
Me entendeu.  
E me afastou do trabalho.

Fiquei afastado de **2016 a 2018**.

---

## 👉 A Aposentadoria

**Em 3 de setembro de 2018, me aposentei do SAAE,  
após 24 anos e 4 meses de serviço.**

Mas a aposentadoria definitiva, por idade,  
**só veio em 6 de setembro de 2024,**  
quando completei 58 anos.

---

### **+** O Que Ficou

Hoje, olho para trás sem rancor.  
Com gratidão.

Porque:

- A injustiça me ensinou a confiar em Deus, não nos homens.
- O isolamento me ensinou a rezar.
- O surto me ensinou a pedir ajuda.
- E a aposentadoria me ensinou a descansar.

Fui humilhado.  
Fui esquecido.  
Fui injustiçado.

Mas nunca deixei de ser honesto.  
Nem de rezar.  
Nem de servir.

---

*"Senhor, graças pelas quedas.  
Pelaos silêncios. Pelas dores. Pelaos surtos.  
Porque, em cada vez que me Levantei,  
Tu estavas comigo."*



## 2000-09-03 🍺 A Bebedeira, o Amor e a Libertação

Depois de voltar do convento, em **1994**, pensei que tudo estaria resolvido.

Que a paz me acompanharia para sempre.

Que os desejos, as dúvidas, os impulsos – tudo teria ficado para trás.

Mas não foi assim.

Voltei para **Jacareí**, estabelecido novamente, mas com um vazio dentro de mim que não sabia nomear.

E foi nesse vazio que entrei na fase mais difícil da minha vida:

**a bebedeira.**

---

### 🍺 A Cerveja e o Vazio

Eu tomava muitas cervejas.

Muitas mesmo.

Não era festa.

Era fuga.

Era dor.

Era **procura**.

Não foi decepção com o convento.

Foi decepção comigo mesmo.

Eu saí porque, lá dentro, sentia os mesmos desejos que sempre senti, aqui fora. Desejos que, na minha cabeça, eram incompatíveis com a vida religiosa.

Eu gostava de homens.  
Sentia vontade.  
E não conseguia fingir que não sentia.  
E não queria viver em pecado.  
Mas também não queria viver em negação.

Então saí.  
Não por fraqueza.  
Por honestidade.

E quando voltei,  
não sabia quem eu era.  
Só sabia que queria me sentir vivo.

E foi nesta época, que a assistente social Ângela,  
me ajudou a resolver quase tudo dentro mim,  
estava destruído, sem rumo, aos poucos me encontrei  
novamente.

---

#### A Rua Luís Simon e a Valentim Pinheiro

Voltei para a mesma casa, na **rua Luís Simon**, perto da praça.

Logo depois, mudei para a **rua Valentim Pinheiro**.

Lá, morei com **Agnaldo, Lindomar e Antônio**.  
Lindomar foi embora primeiro.  
Depois, os outros dois.

Mas foi na **Valentim Pinheiro** que vivi o **terror da minha própria vida**.

Envolvido com bebidas.  
Com noites longas.

Com corpos que passavam.

Com risos vazios.

E logo, com drogas.

Só experimentei.

Não me viciou.

Mas foi perto.

Muito perto.

Tive muitos contatos.

Homens que passaram.

Nomes que lembro:

- **Márcio**
- **Gumercindo**
- **André**
- **Luciano**

Todos gente boa.

Momentos curtos.

Corpos quentes.

Almas soltas.

---



### Avenida Senador Joaquim Miguel e a Chegada da Valdete

Quando todos foram embora, tive que mudar.

Fui para a **Avenida Senador Joaquim Miguel**.

Fiquei lá até **1999**.

Foi nesse tempo que minha irmã **Valdete** veio morar comigo.

Ela estava começando uma nova fase:

logo teve o **Gustavo**, com o **Marcelo**, com quem namorava.

**Eu a ajudei.**

Arrumei um lugar para ela na casa da **Cida**, nossa amiga.  
E assim, tudo se resolveu.

Mas eu ainda estava perdido.

---



### **Vila Santa Rita e o Encontro com Edvaldo**

Mudei para **Vila Santa Rita**, nos **predinhos do CHDU**  
Fiquei lá até **2001**.

Foi nesse tempo que conheci **Edvaldo**.

Nos conhecemos num bar no centro da cidade.  
Ele era simples.  
Sem experiência.  
Mas com um coração que me chamou atenção.

Veio morar comigo.  
E começou uma nova fase.

---



### **Nove Anos com Edvaldo**

Ficamos juntos por **nove anos**.

Mudamos para **Elisa de Campos, no Cassununga**.  
Fizemos **três mudanças na mesma rua**.  
Era nosso jeito de tentar recomeçar.

Edvaldo era de **Santa Branca**.  
Conheci seus pais.  
Seus irmãos.  
E ele, aos poucos, virou família.

Eu o ensinei muitas coisas:

- A cozinhar
- A cuidar da casa
- A ter disciplina

E ele me devolveu com amor:

me ajudou com as emoções.

Eu não tinha controle.

Era ainda um menino do interior,  
lançado numa cidade grande,  
com medos, desejos, dúvidas.

Ele me acalmava.

Me ouvia.

Me segurava.

Tivemos muitas brigas.

Muitas mesmo.

Mas também tivemos momentos de alegria,  
de riso,  
de paz.

---

### **Tosca, a Cachorra que nos Uniu**

Um dia, pegamos a cachorra, que ela cuidava.

Chamava **Tosca**.

Brava.

Protetora.

Teimosa.

Ela era nossa.

Cuidamos dela.

Amamos ela.  
E ela, de seu jeito, nos amou também.

---

### Os Passeios, o Carro, Caraguatatuba

Foi nessa época que comprei meu **primeiro carro**.  
E com ele, viajamos.  
Fomos para **Caraguatatuba**.  
Ficamos lá uns **três dias**.  
Praia.  
Caminhada.  
Silêncio.  
Amor.

Voltamos renovados.  
Mas a vida continuava.  
Com altos e baixos.

---

### A Libertação: 2007

Em **2007**, tomei uma decisão:  
**parei de beber**.

Primeiro, com a cerveja.  
Depois, com o cigarro.

Foi um alívio.  
Uma libertação.  
Não por obrigação.  
Por necessidade.

Sentia que precisava me purificar.  
Voltar a rezar com mais força.

Voltar a olhar para Deus sem vergonha.

---

### 💔 O Fim do Amor

Em 2010, Edvaldo foi embora.  
Cada um seguiu seu caminho.

Sofri.  
Sim.  
Porque éramos um.  
Nos víamos todos os dias.  
Comíamos juntos.  
Rezava comigo.  
Ria comigo.

Acredito que ele também tenha sofrido.  
Mesmo sem dizer.

Gostávamos de sair à noite.  
Tomar umas cervejinhas.  
Conversar.  
Viver.

Mas o tempo passou.  
As vidas mudaram.  
E o amor, mesmo forte,  
nem sempre dura para sempre.

---

### ✚ O Que Ficou

Hoje, olho para trás sem vergonha.  
Sem julgamento.  
Com gratidão.

Porque:

- A bebedeira me mostrou meu vazio.
- O amor com Edvaldo me ensinou a cuidar.
- As drogas me alertaram sobre o perigo.
- E a volta à sobriedade me devolveu a Deus.

Fui fraco.

Fui pecador.

Fui humano.

Mas nunca deixei de rezar.

Nem um dia.

---

*"Senhor, graças pela bebedeira.  
Pela dor. Pelo amor. Pela queda.  
Porque, mesmo quando eu me perdi,  
Tu nunca me largaste da mão."*

---

## **2001-11-26** **Silvana, A Amizade que Dura Mais de 25 Anos**

Conheci **Silvana Pereira Machado de Melo Souza** por volta de **2001**, quando ela trabalhava na **Prefeitura de Jacareí**.

Era formada em **Economia**, e atuava no setor de **Planejamento Econômico**, mais precisamente na área de **estudos socioeconômicos**.

Na época, eu trabalhava no **SAAE**.

Nossos caminhos se cruzaram.

E, desde então, construímos uma **amizade sólida**, que já dura **mais de 25 anos**.

Não é fácil encontrar alguém com quem o tempo não enfraquece o vínculo.

Mas Silvana é assim.

Uma presença constante.

Uma voz de equilíbrio.

Uma amiga de verdade.

---

### **O Reencontro em 2016**

Por uma feliz coincidência da vida, voltamos a trabalhar juntos em **2015**, desta vez na área de **Regulação do município de Jacareí**.

Foi um reencontro especial.

Não só profissional, mas humano.

Nos olhamos e foi como se o tempo não tivesse passado.

A amizade, já forte, foi reafirmada.  
Com respeito.  
Com confiança.  
Com silêncios que não precisam de palavras.

Trabalhamos lado a lado, com o mesmo compromisso:  
fazer o melhor pelo serviço público.  
Com ética.  
Com responsabilidade.  
Com dedicação.

---

### **A Mulher da Família e do Caráter**

Silvana é casada com **Marcos**.  
Juntos, têm dois filhos: **Gustavo** e **Sophia**.

Mora atualmente em um condomínio no bairro **Vila Branca**.

É uma mulher de **grande caráter**, dedicada à família e ao trabalho.  
Sempre foi uma presença marcante por onde passou.

Seu aniversário é comemorado no dia **11 de agosto**.

---

### **Aniversários: 2024 e 2025**

– **11/08/2024** –

| "Comemoração de aniversário de Silvana."

Foi um dia de alegria.  
Um momento de celebração.  
Com a família.

Com amigos.

Com paz.

– 11/08/2025 –

*"Feliz aniversário, Silvana! Parabéns por mais um ano de vida."*

Nesta data, registrei no Diarium uma mensagem de votos de felicidade:

**"Que Deus continue te abençoando.**

**Que a saúde, a paz e a alegria caminhem ao seu lado.**

**Você é uma mulher forte, de fé, de bondade.**

**E é uma honra chamar você de amiga."**

---



### O Que Aprendi com Silvana

Silvana me ensinou que:

- A competência não precisa de arrogância
- A amizade pode durar décadas sem perder o valor
- O equilíbrio entre vida pessoal e profissional é possível
- E que, mesmo em meio a desafios, é possível manter o sorriso no rosto

Ela é um exemplo de **integridade**.

De **lealdade**.

De **amizade verdadeira**.

---



### O Legado de uma Amiga

Hoje, quando penso em Silvana, lembro de uma mulher que:

- Trabalha com seriedade
- Cuida da família com amor
- Respeita o próximo
- E vive com simplicidade

E, acima de tudo, que nunca esqueceu de ser ela mesma.

---

*"Senhor, graças por amizades como a de Silvana.  
Graças por mulheres que, com silêncio e firmeza,  
mostram que o bem existe.  
Que a Lealdade não morreu.  
E que, mesmo depois de décadas, o coração ainda sabe  
reconhecer quem é de verdade."*

---

## 2009-01-12 Fátima, A Amiga que Subiu comigo

Em 19 de janeiro de 2009, registrei algo que carregava dentro de mim há muito tempo:

| "Fátima, oh minha amiga Fátima."

Não era só um nome.

Era um sentimento.

Um agradecimento.

Um testemunho.

Foi no **SAAE de Jacareí** que nos conhecemos.

Ela estava no setor de **Compras**.

Eu, na **Contabilidade**.

Ela era competente.

Firme.

Justa.

E, acima de tudo, **boa**.

Com o tempo, vi Fátima crescer.

Não por favores.

Não por sorte.

Por **mérito**.

Passou por tantas promoções.

Subiu com dignidade.

Com ética.

Com respeito.

E quando a revi, já era **Gerente de Contratos**.

Anos depois, tornou-se **Diretora Administrativa**.

E, mesmo no cargo mais alto, nunca perdeu o olhar simples.

O sorriso acolhedor.

A palavra certa na hora certa.

---

### A Amiga que Me Ajudou

Fátima me ajudou.

Muito.

Muito mesmo.

Não só com trabalho.

Mas com presença.

Com apoio.

Com coragem.

Quando precisei, ela estava lá.

Sem perguntas.

Sem julgamento.

Só com o coração aberto.

Ela acreditou em mim.

Mesmo quando eu duvidava de mim mesmo.

E isso...

isso não tem preço.

---

### Parabéns, Fátima!

Em 23 de agosto de 2024, escrevi:

"Parabéns, Fátima, feliz aniversário!"

Em 23 de agosto de 2025, escrevi:

"Parabéns, minha amiga, feliz aniversário!"

E não eram só palavras.  
Era um grito de gratidão.

Por tudo.  
Por ela.  
Por nossa amizade.

Porque Fátima não é só uma colega.  
É uma irmã de jornada.

Uma mulher forte.  
Uma guerreira.  
Uma serva do bem.

E, como disse um dia:

*"Virgem Santíssima de Fátima, Mãe amorosa e protetora,  
olhai por mim, por todos os que confiam em vós e por  
todos os que ainda não vos conhecem."*

Ela carrega esse nome.  
E, de alguma forma, também carrega essa graça.

---

## +

### O Que Ficou

Fátima me ensinou que:

- O trabalho honesto é sagrado
- O crescimento não precisa ser solitário

- A amizade no ambiente profissional é rara – mas possível
- E que, mesmo no topo, podemos manter os pés no chão

Ela é um exemplo.

Não só de carreira.

Mas de vida.

---

*"Senhor, graças por Fátima.  
Graças por mulheres que, com silêncio e força,  
fazem a diferença.  
Que não precisam de holofotes  
para brilhar."*

---

## 2009-01-12 Cláudia, A Amiga das Horas Todas

26 de dezembro de 2024 –

registrei no Diarium uma mensagem que vinha do fundo do coração:

*"Sua amizade é um presente precioso que o tempo só fez fortalecer."*

E é verdade.

**Cláudia Regina Câmara**, nascida em **13 de agosto**, é mais que uma amiga.

É uma **presença constante**.

Uma **coluna da minha vida**.

Uma alma que reflete a luz de Deus em cada gesto.

---

### O Início: Corredores e Fumódromo

Nos conhecemos no **SAAE de Jacareí**.

Cláudia, **enfermeira dedicada**.

Eu, no setor administrativo.

Nossas conversas começaram nos corredores.

Depois, nos momentos de pausa no **fumódromo** – sim, eu também fumava, ficava ali.

Porque era onde a gente se encontrava.

Onde a gente falava de tudo:

da vida.

Da fé.

Da família.

Dos desafios.

Seu coração generoso, sua atenção, seu cuidado com os outros –  
tudo isso me marcou desde o início.  
E ainda marca.

---

### 🍽 Os Almoços que Viraram Memória

Com o tempo, nossos encontros foram além do trabalho.

Nos tornamos amigos de verdade.  
Presentes nas horas boas.  
E nas difíceis.

Lembro de cada almoço:

- Em **13 de agosto de 2024**, fomos ao **Garibaldi Restaurante**, com **Jurema Colossante**.
- Em **13 de agosto de 2025**, celebramos no **restaurante chinês**.
- E tantos outros momentos simples, mas cheios de graça.

São esses almoços que guardo como **tesouros**.

Porque ali, entre um prato e outro,  
compartilhamos vidas.

Sonhos.

Orações.

Silêncios que falam.

---

### 🎵 Uma Canção para a Amiga

Em um momento de inspiração, escrevi uma música para você.

Não com instrumentos.

Mas com o coração.

### **Verso 1:**

Quando te conheci, Cláudia,  
Vi uma alma tão linda.  
Enfermeira dedicada,  
Sempre atenta, sempre vinda.

### **Refrão:**

Amiga das horas todas,  
Coração cheio de graça.  
Nos almoços, nas conversas,  
Nossa amizade não passa.

### **Verso 2:**

No trabalho ou no descanso,  
Tua presença é um presente.  
Teu sorriso, teu cuidado,  
Fazem tudo diferente.

### **Ponte:**

O tempo passou, mas ficamos,  
Lado a lado, a caminhar.  
Tua fé, tua bondade,  
Sempre a nos inspirar.

### **Verso 3:**

Cláudia, amiga verdadeira,  
Teu amor a Deus transborda.  
Gratidão por tua amizade,  
Que em meu peito transborda.

**Final:**

Amiga de todas as horas,  
Pra sempre vou te lembrar.  
Cláudia, alma tão querida,  
No coração vais morar.

Essa música não é só uma homenagem.  
É um **testemunho**.  
De que, mesmo no mundo corrido,  
existe amizade verdadeira.

---

 **A Confiança que Cresceu**

Em **2 de dezembro de 2024**, nos encontramos para um café na padaria.  
Falamos de coisas pessoais.  
Da **Ilma**, que ainda me perturba com seus comportamentos.  
Da **Regina**, com a situação do aluguel em Minas que se torna insustentável.

Você escutou.  
Sem julgar.  
Com paciência.  
Com fé.

E nesses momentos, entendi:  
você não é só amiga.  
É **conselheira**.

**É ombro amigo.**

**É oração em movimento.**

---

### **A Fé que Nos Une**

A presença de Deus em sua vida é evidente.

Em cada palavra.

Em cada gesto.

Na forma como você trata os outros.

Você é uma mulher de oração.

De fé.

De serviço.

E isso me fortalece.

Porque, ao seu lado, sinto que estou perto de alguém que **realmente caminha com Deus**.

---

### **Parabéns, Cláudia!**

**Em 13 de agosto de 2024, registrei:**

*"Hoje aniversário de Cláudia Regina Câmara, ao Lado de Pedro Gonçalves e Jurema Colossante, almoço no Garibaldi."*

**Em 13 de agosto de 2025, escrevi:**

**"CLÁUDIA REGINA CÂMARA, HOJE É SEU DIA!"**

*"Que cada momento seja um verso de alegria na história da sua vida!"*

**PARABÉNS, CLÁUDIA!**

*"Novos capítulos começam hoje: que sejam repletos de conquistas e sorrisos!"*

E em todos os anos,  
em todos os dias,  
minha oração é a mesma:

*Que Deus continue a abençoar sua vida abundantemente,  
assim como você tem sido uma bênção para tantos –  
incluindo eu.*

---

### **+** O Legado de uma Amizade

Cláudia,  
você deixou uma marca indelével em minha vida.

Sua amizade é um **tesouro** que guardarei para sempre no coração.

Obrigado por ser quem você é:

- Uma amiga verdadeira
  - Uma alma gentil
  - Uma presença constante de amor e apoio
- 

*"Senhor, graças por Cláudia.*

*Graças por mulheres que, com um café, um almoço, uma  
oração,  
mostram que o amor de Deus é real.  
Que não precisa de gestos grandes para ser eterno."*

---

## **2009-01-19 📈 Susana, a amiga da contabilidade e da vida**

Em 8 de janeiro de 2025, registrei no Diarium:

"Aniversário de Susana Isabel dos Santos - 51 anos."

E não foi só um registro.

Foi uma lembrança cheia de gratidão.

Porque Susana não é só uma colega.

É uma amiga.

Uma mulher simples.

Humilde.

De coração bom.

E uma das pessoas que mais marcou minha trajetória no SAAE de Jacareí.

---



### **O Trabalho: Gerência de Contratos (2009-2015)**

Conheci Susana no SAAE, quando trabalhamos juntos na Gerência de Contratos, entre 2009 e 2015.

Ela era competente.

Firme.

Justa.

Mas, acima de tudo, humana.

Nunca vi ela tratar alguém com superioridade.

Mesmo com o cargo, mantinha os pés no chão.

E era respeitada por todos.

Foi com ela que vivi parte importante da minha carreira.

Reuniões.

Prazos.

Processos.

Tudo com responsabilidade.

Tudo com calma.

E, com o tempo, nossa relação foi além do trabalho.

Virou amizade.

---



### A Faculdade: Ciências Contábeis (2012-2016)

Em 2012, Susana me incentivou a fazer Ciências Contábeis.

– Pedro, você tem cabeça para isso.

– Não sei, Susana... faz tempo que não estudo.

– Você consegue. E eu vou com você.

E foi assim.

Entramos juntos.

Estudamos juntos.

Nos apoiamos.

Ela me ajudou com matérias difíceis.

Eu a ajudei com cálculos, com revisão de provas.

Era uma troca.

Uma parceria.

Em 25 de abril de 2016, colamos grau juntos.

Foi um dia de alegria.

Não só pela conquista.

Mas por ter feito aquilo com alguém que acreditou em mim antes mesmo de eu acreditar em mim mesmo.

---

## A Casa na Rua São Diego

Em um momento de transição, cheguei a morar na casa de Susana, no **Jardim Califórnia**, na rua **São Diego** – uma casa alugada, simples, mas acolhedora.

Ela me recebeu sem hesitar.  
Como se fosse natural.  
Como se já fôssemos família.

Lembro das manhãs.  
Do café.  
Das conversas antes do trabalho.  
Do silêncio respeitoso.  
Do respeito mútuo.

Seu marido e seu filho também são boas pessoas.  
Trabalhadores.  
Simples.  
Gente de bem.

E, naquele tempo, aprendi com ela o valor de uma vida organizada, com princípios, com fé.

---

## O Processo Contra o SAAE

Quando Susana abriu um processo contra o SAAE por **disfunção de cargo**, fui um dos que a apoiou.

Ajudei a reunir documentos.  
A lembrar datas.  
A entender o que era justo.

Não foi por interesse.

Foi por justiça.

Ela tinha razão.

E eu, como alguém que viveu o mesmo ambiente, sabia disso.

Foi um momento difícil.

Mas necessário.

E, mesmo assim, ela nunca perdeu a dignidade.

Nem o respeito pelo trabalho.

---

### O Que Aprendi com Ela

Susana me ensinou que:

- A humildade não tira o valor do conhecimento
- A força não precisa ser barulhenta
- A amizade no ambiente de trabalho é rara – mas possível
- E que, mesmo em meio a processos e conflitos, é possível manter a paz

Ela aprendeu comigo.

Eu aprendi com ela.

Foi uma troca verdadeira.

---

### O Legado de uma Mulher Simples

Hoje, quando penso em Susana, lembro de uma mulher que:

- Trabalhou com seriedade
- Estudou com garra
- Acolheu sem perguntar
- Lutou com dignidade
- Vive com simplicidade

E, acima de tudo, que **nunca esqueceu de ser boa.**

---

*"Senhor, graças por mulheres como Susana.  
Graças por aquelas que, sem querer brilhar,  
iluminam a vida dos que estão ao seu lado.  
Que não precisam de títulos para ser grandes."*

---

## **2010-03-10 🐶 Neusa, A Amiga dos Cachorros e das Canções Altas**

Conheci Neusa em janeiro de 1990, logo que entrei no SAAE de Jacareí.

Ela estava na **ETA (Estação de Tratamento de Água)**, assim como eu.

Lá, no alto da caixa d'água, com vista para a cidade, começou uma amizade que duraria **mais de 20 anos**.

Éramos diferentes, mas nos entendíamos.

Ela, mais falante.

Eu, mais calado.

Mas, juntos, formávamos um time.

---

### **O Reencontro no Contratos**

Depois que fui para a **contabilidade**, nos afastamos.

O trabalho, os setores, os horários – tudo nos separou.

Mas, em **2009**, quando fui para a **Gerência de Contratos**, nos reencontramos.

E foi como se o tempo não tivesse passado.

Voltamos a conversar.

A rir.

A cantar.

---

### **O Retorno a Jacareí e a Casa do Cassununga**

Em 2008, estive morando em São José dos Campos, SP.  
Fiquei numa casa que era de uma escola infantil,  
onde trabalhei como voluntário na AAMU.

Mas não deu certo.

Voltei para Jacareí em 2009.

Estava em situação difícil.

Sem casa.

Sem condições.

Foi então que Edvaldo me ajudou.

Conseguiu alugar uma casa para mim.

Fiquei lá por três meses.

Depois, mudei para o Cassununga –

bem ao lado da casa da Neusa.

E foi ali que nossa amizade floresceu de novo.

---

### ♪ As Canções que Afastavam as Energias

Nós nos víamos quase todos os dias.

Íamos de uma casa para a outra.

Conversávamos.

Ríamos.

E, às vezes, cantávamos alto.

Ela tinha uns cinco cachorros.

E, no meio da noite, quando os bichos latiam,  
nós pegávamos o som e botávamos música.

E cantávamos, bem alto, para afastar as energias ruins.

O povo da rua devia rir.  
Mas não importava.  
Para nós, era oração.  
Era proteção.  
Era alegria.

---

### **Dinho e Nina: Os Cachorros que Ficaram**

Em 2010, Neusa decidiu se mudar para **Natal, RN**.  
O filho dela morava lá.  
A filha, em Curitiba, PR.  
Ela queria ficar perto dos dois.

Pegou as coisas.  
Foi de carro.  
Mas, no caminho, voltou.  
Deixou dois cachorros no canil:

- **Dinho**
- **Nina**

Ficaram num canil perto dali da casa,  
e quando mandaram para minha casa,  
para enviar para Neusa, estavam  
cheios de pulgas, carapatos, e fracos.

E eu falei que ia cuidar deles até melhorarem.

Falei com ela que ia enviá-los.  
Mas surgiu um mal-entendido.  
Ela não aceitou.  
Ficou por isso mesmo.

E eu decidi:

vou cuidar deles até o fim.

Levei os dois para a casa da **Marli**,  
uma pessoa de confiança,  
que cuidava bem dos animais.

Paguei para ela cuidar.

E, com o tempo, Neusa também começou a ajudar com os custos.

Os dois viveram juntos.

Cuidados.

Amados.

E em **2023**, morreram.

**Um logo depois do outro.**

Foi como se não pudessem viver separados.

---

## A Visita a Natal

**Em dezembro de 2010**, fui visitar Neusa em **Natal**.  
Fiquei lá uns dias.  
Conheci a cidade.  
As praias.  
O calor.  
O mar.

Ela estava com outros três cachorros:

- **Marcos**
- **Miúcha**
- **Mascote**

E, mesmo à distância,  
a amizade continuou.

---

### **Minhas Mudanças Depois do Cassununga**

Fiquei na casa do Cassununga até **2012**.  
Mas ficou difícil permanecer.  
Os donos pediram a casa de volta.

Mudei para a **rua São Diego**,  
na casa da **Susana**,  
amiga do Contratos.

Ela me alugou o imóvel.  
E foi mais um novo começo.

---

### **A Amizade que Ficou à Distância**

Com o tempo, Neusa e eu fomos nos distanciando.  
Não por mágoa.  
Não por desentendimento.  
Mas pela vida.

Ela em Natal.  
Eu em Jacareí.  
Cada um no seu caminho.

Hoje, já faz um bom tempo que não nos vemos.  
Mas nunca deixo de lembrar.

Da casa ao lado.  
Das músicas altas.  
Dos cachorros.

Do riso fácil dela.  
Da forma como me acolheu, mesmo sem saber.

---

### O Que Ficou

Neusa me ensinou que:

- A amizade não precisa de grandes gestos.  
Basta um "vem cá", um "entra", um "vamos cantar".
  - Os animais são família.  
E merecem o mesmo amor.
  - E que, mesmo na simplicidade,  
pode haver **santidade**.
- 

*"Senhor, graças por Neusa.  
Por mulheres que, com um cachorro, uma música e um  
sorriso,  
ensinam que o amor existe no dia a dia."*

---

## 2013-05-10 Eduardo, O Homem do Silêncio Marcante

Maio de 2013 foi o começo da nossa história.

Foi quando **Eduardo** entrou na minha vida.

Não com barulho.

Não com gestos grandes.

Mas com uma presença que, mesmo silenciosa, chamava atenção.

Ele era um homem de boa aparência.

Alguém que, mesmo sem querer, se destacava.

Tinha o cabelo curto, penteado de lado, cuidadoso.

Um físico mais forte, resultado das horas que dedicava à musculação.

Mas não era só o corpo.

Era a postura.

A elegância natural.

A forma como andava, como olhava, como escolhia não dizer nada.

Eduardo era **reservado**.

E isso, desde o início, me intrigou.

Não gostava de aparecer.

Evitava olhares.

Preferia passar despercebido, especialmente quando estávamos juntos.

Mas, para mim, ele nunca passou.



Nos primeiros encontros, em 2013, ele vinha à minha casa, na Rua São Diego.

Chegava de maneira discreta.  
Como se tentasse se esconder.  
Como se o mundo não precisasse saber.

Mas, para mim, sua presença era **marcante**.

Havia algo reconfortante nele.  
Uma calma.  
Uma paz.

Mesmo sem falar muito, eu sentia:

ele estava ali.  
comigo.  
de verdade.

Ficávamos juntos nas horas que ele podia.  
Cada segundo parecia mais precioso que o anterior.

E, mesmo com seu compromisso, ele sempre encontrava um espaço para estar comigo.  
Não era fácil.  
Mas ele fazia acontecer.

---

 2017 – Um Novo Rumo

Em 2017, nossa relação tomou outro rumo.

Agora, Eduardo também vinha me visitar na Rua Lamartine.

Não era mais só eu esperando.  
Era ele que buscava.  
Que vinha.  
Que escolhia.

Aqueles anos trouxeram um novo ritmo.  
Mais frequência.  
Mais intensidade.  
Mais silêncio compartilhado.

Cada visita parecia um respiro no meio da rotina dele.  
Um momento roubado do tempo.  
Um segredo guardado.

Era como se estivéssemos criando um mundo secreto entre nós.  
Com ruas.  
Com casas.  
Com lembranças.

---

### 🔗 Rua Lamartine e Rua Hollywood – A Cumplicidade

Na Rua Lamartine, nossos encontros se tornaram mais frequentes.  
Mais profundos.

Ele continuava o mesmo:  
reservado.  
cuidadoso.  
discreto.

Mas havia algo novo:  
**cumplicidade.**

Não precisávamos de palavras.  
Só de olhares.  
De gestos.  
De silêncios que falavam mais que frases.

Eduardo ainda era o homem forte, de musculação, de discrição.  
Mas, comigo, ele se permitia.  
Um pouco.  
O suficiente.

---

### **O Enigma que Me Mantinha Próximo**

Com o tempo, entendi:  
Eduardo era um **enigma**.

Algo que eu nunca conseguiria resolver por completo.  
E talvez fosse isso que me mantinha tão próximo.

Havia uma mistura nele:

- **mistério e familiaridade**
- **desejo e recato**
- **força e fragilidade**

E essa combinação fazia com que ele continuasse sendo uma presença importante na minha vida.

Nossos encontros, na **Rua São Diego**, na **Rua Lamartine**, e também na **Rua Hollywood**, são como capítulos guardados num diário íntimo.

Cada um com sua história.  
Cada um com seu peso.  
Mas todos conectados por ele.

---

## O Que Ficou

Hoje, quando olho para trás, não vejo só um homem bonito.

Vejo um homem **verdadeiro**.

Alguém que, mesmo com limites, escolheu estar presente.

Alguém que, mesmo em silêncio, falou alto ao coração.

Eduardo me ensinou que:

- O amor não precisa ser barulhento
  - A presença vale mais que mil palavras
  - O segredo pode ser sagrado
  - E que, às vezes, o que não se diz é o que mais importa
- 

## O Silêncio que Fala

Senhor,

graças por homens como Eduardo.

Graças por aqueles que amam em silêncio.

Que se entregam em pequenos gestos.

Que não precisam de promessas para estar.

Mesmo que o tempo tenha mudado tudo,

ele continua ali.

No coração.

Na memória.

Na oração.

---

## 2013-11-26 🗣 Leandro, O Cara que Marcou Minha Vida

Conheci Leandro em novembro de 2013, virtualmente.

Não foi um encontro de olhares.

Foi um encontro de **palavras**, de **horas**, de **silêncios** que se entendiam.

Conversávamos por horas.

Sobre tudo.

Sobre nada.

Era agradável.

Calmo.

Como se já nos conhecêssemos de outra vida.

---

### 🚗 A Primeira Vinda: Boiçucanga, janeiro de 2014

Em janeiro de 2014, ele veio passar uma temporada em Boiçucanga, no litoral norte de São Paulo.

Fui buscá-lo lá.

Era importante.

Porque Leandro vivia com esquizofrenia.

E precisava de alguém ao lado.

Quando o vi, soube:

aquele homem não era só um amigo.

Era um irmão que a vida me deu.

Viemos de volta para Jacareí com calma.

Conversando.

Ouvindo música.

Vivendo.

---

## A Vida com Leandro

Leandro gostava de **baseado de maconha**.  
Mas nunca foi escravo disso.  
E eu soube lidar com isso, com equilíbrio.  
Sem julgamento.  
Com amor.

Nossa convivência era cheia de **adrenalina**,  
de **emoção**,  
de **amor verdadeiro**.

Ele gostava de mim.  
Eu também gostava dele.  
Não como paixão passageira.  
Mas como **afeto profundo**,  
como **cuidado**,  
como **família escolhida**.

---

## As Viagens: Caraguatatuba, Dourados, Paraguai

Ele era de **Dourados, MS**.  
E vinha muitas vezes para cá.  
Ficava em minha casa.  
E eu, várias vezes, fui para **Dourados – MS**  
ficava uns **20 dias**,  
conheci bem a cidade.

Era espaçosa.  
Cheia de árvores.  
Paz.

Conheci sua família.  
Grande.  
Unida.  
Seu pai já havia falecido.  
E isso trouxe muita tristeza para Leandro.  
Era muito ligado a ele.  
Sentia falta.  
E eu sentia com ele.

Fui ao **Paraguai** com ele, com a mãe e a irmã.  
Passei o **Natal** na casa dele.  
Fomos para **Caraguatatuba** todo final de ano.  
Vivemos intensamente.

---

### A Presença da Mãe

A mãe dele veio aqui em casa duas vezes.  
Mulher simples.  
De coração bom.  
E eu, fui também à casa dela.

Era um ciclo de cuidado.  
De presença.  
De família.

---

### O Fim do Relacionamento Intenso

Com o tempo, ficou cada vez mais difícil.  
Ir e vir.  
Custos.  
Saúde.  
Distância.

E em 2019, tomei a decisão difícil:  
me separei do relacionamento amoroso.

Não por falta de amor.  
Mas por **realidade**.  
Por saber que não daria para continuar daquele jeito.  
  
Mas não foi um fim.  
Foi uma **transformação**.

---

### 🤝 Amigos até Hoje

Mesmo depois de 2019, continuamos amigos.  
Até hoje.

Agora, conversamos menos.  
Mas quando falamos, é como se o tempo não tivesse  
passado.

E ele é isso:

um cara especial,  
um homem de coração,  
um irmão de jornada.

---

### ➕ O Que Ficou

Leandro me ensinou que:

- O amor não precisa ser perfeito para ser verdadeiro.
- Cuidar do outro é um ato de fé.
- A amizade pode sobreviver ao fim do romance.

- E que, mesmo com esquizofrenia, é possível viver com dignidade, amor e alegria.

Ele me ajudou em momentos difíceis.  
E eu, de alguma forma, ajudei ele também.

Foi um tempo de **intensidade**,  
de **risos**,  
de **chás com baseado**,  
de **viagens**,  
de **Natal longe de casa**,  
de **Paraguai**,  
de **Caraguatatuba no fim do ano**.

E, acima de tudo,  
de **aprendizado**.

---

*"Senhor, graças por Leandro.  
Por homens que, mesmo com dor na alma,  
ensinam a amar com verdade.  
Que não precisam de gestos grandes  
para serem gigantes no coração."*

---

## 2015-08-04 Noites de Estudo, Magia e Sonhos na Rua Pedro Cunha

Quando eu era adolescente, minhas noites não eram como as de muitos jovens da minha idade.

Enquanto outros descansavam ou se divertiam, eu me dedicava aos estudos, muitas vezes varando a madrugada.

Lembro-me bem da mesa da sala de jantar da nossa casa, na **Rua Pedro Cunha**, em **Itanhandu**, onde vivíamos eu, meus pais e meus cinco irmãos.

A casa era sempre cheia de vida, com as conversas e risadas da nossa família grande, mas à noite, quando tudo ficava mais silencioso, aquele espaço se transformava em meu canto de concentração.

---

### O Amor pelos Estudos

Eu gostava de várias matérias, mas tinha uma predileção especial por **português**, **matemática**, **história** e **filosofia**.

Cada uma delas tinha um jeito de me desafiar e me fazer pensar além.

- **Português** me permitia brincar com as palavras e expressar ideias.
- **Matemática**, com suas lógicas e enigmas, me fazia querer encontrar soluções.
- **História e filosofia** me levavam a refletir sobre o passado, a humanidade e os mistérios da vida.

Essas noites eram de pura imersão no conhecimento. E eu sentia que aquele esforço constante iria me levar longe.

---

### 🔮 A Simpatia da Foto

Mas uma lembrança peculiar dessa fase me veio à mente, agora, aos **49 anos**.

Por volta dos meus **15 anos**, numa dessas noites de estudo, me deparei com uma revista um tanto inusitada para a época: falava sobre **magias e simpatias**.

Em uma das páginas, encontrei uma "receita" que prometia **segurança no trabalho e oportunidades no futuro**.

A simplicidade da instrução me intrigou, e, em minha juventude curiosa, resolvi testar.

A revista dizia que eu deveria pegar uma foto minha e escrever atrás dela a frase:

"Com dedicação e fé, o trabalho é sempre abençoados, e as oportunidades nunca faltarão."

Mas havia mais um detalhe que eu jamais esqueci: para que a magia funcionasse, eu tinha que **jogar a foto no rio – o rio Passa Quatro**.

A ideia de lançar aquela imagem e as palavras escritas nas águas parecia ter algo de simbólico, como se o fluxo do rio pudesse levar meus desejos para o futuro.

Naquela época, com toda a energia e crença de um adolescente, segui exatamente o que a revista sugeria.

Peguei a foto, escrevi a frase no verso e, em uma tarde, fui até o rio Passa Quatro e a joguei na correnteza, na direção do rio que segue em frente, acreditando que aquele gesto simples poderia, de fato, garantir que as oportunidades nunca me faltassem.

E realmente, nunca me faltou.

---



### O Que Ficou

Agora, olhando para trás, com 49 anos, lembro com carinho e curiosidade daquela fase da minha vida.

Não sei se foi a "magia" da foto jogada no rio ou se foi o fruto da minha **dedicação constante aos estudos e ao trabalho**.

Mas a verdade é que, de uma forma ou de outra, **as oportunidades vieram**.

Aquelas noites de estudo, a fé no futuro e até mesmo a simplicidade da simpatia que fiz aos 15 anos, são memórias que me marcaram e me moldaram.

---



### A Lição que Permanece

Hoje, percebo que, além dos livros, das matérias e das longas horas de estudo, era o **sonho de construir algo**, de garantir um futuro melhor, que me impulsionava.

E mesmo que aquela receita da revista fosse apenas um reflexo das crenças da época,  
ela carregava em si um valor que ainda ecoa:

a crença de que, com fé e dedicação, o trabalho sempre será abençoado e as oportunidades não deixarão de surgir.

---

### ❤️ Saudade e Gratidão

Esses momentos da juventude –  
os estudos na sala de jantar,  
as conversas com a família,  
e até o rio que levou minha foto –  
fazem parte de uma história que me acompanha até hoje.

São lembranças de um tempo que parecia mais simples,  
mas que carregava sonhos tão grandes quanto os de  
qualquer adulto.

E, agora, quase 35 anos depois,  
ao recordar essas noites e aquele gesto simbólico,  
sinto uma mistura de **saudade e gratidão**  
por tudo que vivi  
e por tudo que ainda virá.

---

*"Senhor, graças pelas noites de estudo.  
Pela família. Pela casa. Pela fé.  
Pelo rio que levou um sonho,  
e que, de alguma forma, trouxe tudo de volta."*

---

## 2016-08-27 O Tempo que Passa, Reflexões de um Homem de 50 Anos

Em 27 de agosto de 2016, completei 50 anos de vida.

Foi um marco.

Não por ser uma data redonda.

Mas por ser um momento de olhar para trás –  
sem tristeza,  
sem orgulho,  
mas com gratidão.

Passei por muitas coisas.

Trabalhos.

Caminhadas.

Perdas.

Encontros.

Fé.

Dor.

Milagres.

E hoje, olhando para trás, entendo:  
o tempo não é inimigo.  
É mestre.

---

### O Tempo que Não Espera

Há um momento em que você percebe:

o tempo passou.

Você pisca o olho –  
e já foi.

Já cresceu.

Já envelheceu.

Já viveu.

E não adianta correr.

O tempo não espera.

Ele só segue.

Mas, nesse caminhar, aprendi:  
não é o tempo que define a vida.  
É o que você faz com ele.

---

### A Fé que Me Sustenta

Em cada fase, a fé foi meu chão.

Nos momentos de solidão, rezei.  
Nas dores do corpo, rezei.  
Nas decisões difíceis, rezei.

E Deus respondeu.

Nem sempre como eu queria.

Mas sempre como eu precisava.

Aprendi a confiar.

A esperar.

A aceitar.

E, acima de tudo, a agradecer.

---

### As Pessoas que Ficaram

Muitos passaram.  
Alguns foram embora.  
Outros partiram para sempre.

Mas há quem ficou.  
Como **Cláudia**, amiga das horas todas.  
Como **Silvana**, de tantos anos.  
Como **Fátima**, que me apoiou no SAAE.  
Como **Amilton**, que me acolheu em Caraguatatuba.

E como meus irmãos:  
**Elsa, Regina, Valdete, Cristina –**  
pilares da minha vida.

E mãe **Lourdes**, que ainda vive,  
bênção de Deus em minha história.

---

### **O Chamado que Continua**

Mesmo aos 50, o chamado não parou.

Sonho com a **Casa de Esperança de São Francisco**.  
Um abrigo.  
Um hospital simples.  
Um lugar onde o pobre seja tratado como irmão.

E sei:  
não é só um sonho.  
É uma missão.

Porque, mesmo com o corpo cansado,  
o coração ainda pulsa por quem sofre.

---

## A Lição que Ficou

Aos 50, entendi:

A vida não é sobre ter.

É sobre ser.

Sobre amar.

Sobre servir.

Sobre agradecer.

E que, no fim,  
não vão lembrar do meu cargo,  
do meu salário,  
do meu apartamento.

Vão lembrar:

se eu fui bom.

se acolhi.

se orei.

se amei.

---

"Senhor, graças pelos 50 anos.

Pela saúde. Pela fé. Pela família. Pela amizade.

Por cada passo, cada queda, cada oração.

Que os anos que vierem sejam todos de Ti."

---

## **2018-09-03 A Aposentadoria, O Fim de um Tempo, o Início de Outro**

**Em 3 de setembro de 2018, encerrei minha jornada como Técnico em Contabilidade no SAAE de Jacareí.**

**Foram 24 anos e 4 meses de serviço público.**

De dedicação.

De ética.

De silêncio.

De oração entre um lançamento e outro.

A aposentadoria não foi uma surpresa.

Era esperada.

Mas, mesmo assim,

**foi um momento de profundas reflexões.**

---

### **O Que Ficou do SAAE**

**Olhei para trás com orgulho.**

**E com saudade.**

Passei por tantos setores:

- Comecei como **Auxiliar Administrativo em 22 de janeiro de 1990**
- Trabalhei na **ETA**, com vista para a cidade
- Fui **Gerente de Contabilidade (1999–2003)**
- Sofri a **demitência do cargo** por inveja
- Passei por **isolamento, crise emocional, afastamento**
- Voltei mais forte

- Passei pela **Prefeitura de Jacareí** como **Gerente de Contabilidade** (abril a setembro de 2007)
- Fui para a **Gerência de Contratos** (2009-2014)
- E para o **Serviço de Regulação** (2015-2016)

Cada etapa deixou marcas.

Boas e ruins.

Mas todas me ensinaram algo.

Construí uma reputação de **homem de palavra**,  
de **honestidade**,  
de **compromisso com o bem comum**.

E sei que meu legado,  
não está em prêmios ou títulos,  
mas no respeito que conquistei  
com colegas, superiores e com Deus.

---

### ● **O Fim do Trabalho, o Começo da Vida**

A aposentadoria não foi fácil.

Foi um vazio.

Um silêncio que não era de oração,  
mas de **ausência**.

Não era mais o despertador às 6h.

O ônibus.

A mesa de trabalho.

Os colegas.

A rotina.

Mas, aos poucos, entendi:

não era o fim.

Era uma **transição**.

E comecei a viver de outro jeito.

---

## A Nova Vida: Família, Fé e Paz

Dediquei-me a:

- Passar mais tempo com minha **família** – irmãs, sobrinhos, mãe Lourdes
- Rezar com mais profundidade – o **Terço em latim**, o **Angelus**, a **Via Sacra**
- Participar da **Ordem Terceira do Carmo**, onde encontrei paz e irmãos de fé
- Cuidar da minha **saúde física e emocional**
- Manter contato com amigos como **Cláudia, Silvana, Neusa, Fátima, Susana**
- E continuar sonhando com a **Casa de Esperança de São Francisco**

Descobri hobbies que antes não tinha tempo:

- Ouvir música (14 Bis, MPB)
- Ler livros de espiritualidade
- Cuidar do meu apartamento na **Rua Hollywood**
- Escrever.  
Sim, escrever.  
Este Diarium é minha oração viva.

---

## As Lições que Levo

Meus anos de serviço me deixaram lições que carrego para sempre:

- 1. A ética é o alicerce do trabalho.**  
Mesmo quando fui injustiçado, mantive a integridade.
  - 2. O aprendizado não para.**  
Fiz faculdade de **Ciências Contábeis** (2012-2016)  
E pós-graduação em **Espiritualidade Franciscana** (2023-2024)
  - 3. O serviço ao próximo é serviço a Deus.**  
Cada conta fechada, cada relatório,  
foi feito como oferenda.
  - 4. A aposentadoria não é o fim.**  
É o início de uma nova missão.
- 



#### **A Aposentadoria Definitiva: 06/09/2024**

**Em 6 de setembro de 2024, completei 58 anos –  
a idade da aposentadoria definitiva por idade.**

Foi um marco.  
Não por dinheiro.  
Mas por tempo.  
Por graça.

E nesse dia, rezei:

*"Senhor, graças pelos 58 anos.  
Pela saúde. Pela fé. Pela família.  
Por cada dia de trabalho.  
Por cada Lágrima escondida.  
Por cada sorriso dado.  
Por cada oração feita em silêncio no escritório.  
Tu foste comigo.  
E ainda estás."*



## O Que Vem Agora

Hoje, vivo com mais calma.  
Rezo mais.  
Escrevo mais.  
Amo mais.

E o sonho da **Casa de Esperança de São Francisco**  
não morreu.  
Está em oração.  
Em gestação.

Porque, mesmo aposentado,  
ainda tenho força.  
Ainda tenho fé.  
Ainda tenho amor para doar.

---

*"Senhor, graças pela aposentadoria.  
Por me permitir descansar,  
mas não parar.  
Que minha vida, mesmo sem cargo,  
continue sendo um serviço a Ti."*

---

## 2019-08-10 Rua Hollywood, O Lar que Conquistei

Em 2019, mudei para a Rua Hollywood, em Jacareí.

E não foi só uma mudança de endereço.

Foi a chegada.

O fim de uma longa peregrinação.

O momento em que, depois de tantos quartos alugados, casas compartilhadas, cômodos improvisados, finalmente pude dizer:

"Este lugar é meu."

Porque, pela primeira vez, eu comprei meu apartamento.

Com meu trabalho.

Com minha história.

Com minhas orações.

---

### O Caminho até Aqui

Pensei em todos os lugares por onde passei:

- A casa de barro em Fernando Pedrosa
- O albergue de Jacareí
- A pousada
- A casa na Rua Valentim Pinheiro
- A casa da Nilza
- A casa da Susana, na Rua São Diego
- O Cassununga, ao lado da Neusa
- Os escola em São José dos Campos

Em todos, fui hóspede.  
Nenhum era meu.  
Todos eram provisórios.

Mas aqui, na Rua Hollywood,  
tudo mudou.

---

### A Paz que Encontrei

O apartamento é simples.  
Mas é meu.

E aqui, finalmente, posso respirar.  
Ficar tranquilo.  
Rezar sem pressa.  
Ouvir o silêncio.

É um lugar melhor que todos os outros onde morei.  
Não por luxo.  
Mas por paz.  
Por segurança.  
Por pertencimento.

Aqui, não preciso de ninguém para me acolher.  
Eu mesmo sou o acolhimento.

---

### O Lar da Oração

Transformei meu lar num espaço de oração.  
Rezo o Terço em latim todas as noites.  
Canto o Ângelus.

Faço a **Via Sacra** em voz baixa.

Leio a Palavra.

E, nos domingos, vou à **Missa** na **comunidade São Francisco**,  
que fica perto.  
É meu porto.  
Minha família espiritual.

---

### **A Vida que Segue**

Nos dias tranquilos, sento perto da janela.  
Olho para fora.  
Vejo as árvores.  
O sol batendo no chão.  
As pessoas passando.

E agradeço.

Por cada estrada.  
Por cada dor.  
Por cada mão estendida.  
Por cada anjo disfarçado de gente.

E por este momento:

estar em casa.  
em paz.  
com Deus.

---

### **O Que Ficou**

A Rua Hollywood não é só um endereço.

É um **símbolo**.

De que, mesmo depois de tudo,

é possível chegar.

É possível descansar.

É possível ser feliz.

---

*"Senhor, graças por este lar.*

*Por cada tijolo, cada porta, cada janela.*

*Por ter me dado um Lugar onde posso dizer:*

*'Estou em casa'.*

*E onde posso rezar: 'Obrigado, Senhor, por não me deixar.' "*

---

## 2020-04-04 ☀ Jeovani, A Amizade que Começou com uma conversa

Era um dia qualquer.

Mas um daqueles que prometem algo diferente.

Eu estava navegando por um site de relacionamentos – um dos muitos que surgiram nos últimos anos – quando me deparei com o perfil de **Jeovani**.

A foto dele era marcante:

um homem moreno, de estatura um pouco acima da média, corpo malhado, cabelo bem curto, às vezes pintado de amarelo.

Um cara da moda.

Com um estilo que combinava com sua personalidade vibrante.

O perfil não revelava muito.

Mas transmitia algo raro:

**alegria contagiatante**.

Decidimos nos encontrar.

Em um café local.

---

### 🤝 O Primeiro Encontro

- Foi você que mandou mensagem? – ele perguntou, sorrindo.
- Fui eu – respondi, um pouco tímido.
- Então tá. Eu sou Jeovani.
- Pedro.

Sentou-se. Relaxe.

Era exatamente como na foto: charmoso, carismático.  
Mas mais reservado do que eu esperava.

Conversamos sobre tudo e nada.

Do dia a dia.

Das histórias da vida.

- E aí, vai pedir alguma coisa? – ele perguntou, já olhando o cardápio.
- Um café, acho.
- Só café?
- É... não bebo.

Ele sorriu.

- Tudo bem. Mas se um dia quiser, eu te apresento uma boa cerveja.
- Promete?
- Prometo. E uma batata ruffles.
- Isso eu topo.

Rimos.

E a conversa fluiu.

Agradável.

Leve.

Como se já nos conhecêssemos.

---

### O Homem da Reciclagem

Jeovani trabalhava com reciclagem em uma empresa de Gerenciamento de Resíduos sólidos, em São José dos Campos.

– Gente, o que a gente joga no lixo... – ele me disse um dia –

"é um tesouro mal entendido."

Falava com entusiasmo sobre seu trabalho.

Sobre a sustentabilidade.

Sobre como encontrava satisfação em contribuir para um mundo mais limpo.

Mas o que mais me encantava eram as histórias dele – sobre os colegas, os caminhões, os materiais que ninguém percebe que ainda têm valor.

– Todo dia, no serviço, a gente encontra coisas boas que as pessoas jogam fora. Um móvel quebrado, mas com conserto fácil. Um eletrodoméstico que só precisa de um ajuste.

– Sério?

– Sério. A vida é assim, Pedro. Tudo tem valor. Até as pessoas.



## As Visitas em Casa

Depois do primeiro encontro, ele começou a frequentar minha casa com uma regularidade inesperada.

– Posso passar aí hoje? – ligou um dia.

– Pode.

– Vou levar uma cervejinha. E uma batata chips.

– E se eu não beber?

– Você não bebe, mas pode comer. E me ver bebendo.

– Tá bom. Mas traz vinho também.

– Vinho?

- É. Pode ser tinto.
- Tá certo. Hoje tem petisco e cinema na sua casa.

E assim começou.

Jeovani chegava com uma sacola:

- Uma **cerveja gelada**
- Uma **batata ruffles**
- Um **vinho tinto barato, mas bom**
- Às vezes, um **pastel frito**
- E sempre, um **sorriso cativante**

Sentávamos.

Comíamos.

Conversávamos.

Ríamos.

- Pedro, a vida é simples, viu?
  - Como assim?
  - Olha isso aqui: cerveja, batata, um amigo.
  - É só isso?
  - É. O resto é complicação.
- 

### **O Que Ele Me Ensinou**

Jeovani gostava de falar sobre suas aventuras.  
Sobre as conquistas pequenas.  
Sobre os momentos bobos.

Ele me apresentou a um estilo de vida que era simples, mas cheio de vida.

Não precisava de luxo.  
Só de presença.

E, com o tempo, nossos encontros se tornaram momentos esperados.

Onde a alegria de estar juntos tornava cada visita especial.

---

### Aniversários e Saudade

**Em 4 de abril de 2020**, nos vimos pela primeira vez.  
**Depois, em agosto, setembro, 2025...**

– 13 de setembro de 2020 –

*"Neste primeiro ano de amizade, Jeovani, sou grato por todos os momentos compartilhados. Que continuemos a construir boas memórias juntos!"*

– 13 de setembro de 2024 –

*"Cinco anos de uma amizade verdadeira! Sua presença sempre torna a vida mais leve. Que sigamos juntos por muitos mais anos!"*

E em **24 de junho de 2025**, entramos em sintonia.  
Ele usava um perfume bom.  
Tomamos cerveja.  
Comemos batata ruffles.  
E eu disse:

- Hoje foi especial.
- Por quê?
- Porque foi com você.

---

## A Saudade que Ficou

Às vezes, me pergunto como ele está.  
Será que sente minha falta?  
Será que pensa em mim?

Mas não preciso de respostas.  
Porque sei o que ele significou – e ainda significa –  
para mim.

O que vivemos foi real.  
E isso basta.

---

## O Legado de Jeovani

Jeovani se tornou mais do que um conhecido de site.  
Ele se transformou em um **verdadeiro amigo**.  
Alguém que trouxe uma nova perspectiva para minha vida.

Com ele, aprendi a:

- Apreciar os pequenos momentos
- Encontrar alegria nas coisas simples
- Rir de novo
- Sentir que a vida é mais colorida quando compartilhada

E, acima de tudo, que:

a verdadeira amizade pode surgir nos lugares mais inesperados.

---

*"Senhor, graças por Jeovani.  
Graças por homens que, com uma cerveja e um sorriso,  
ensinam que a vida pode ser leve.  
Mesmo quando pesa."*

---

2022-02-25  Amilton, da cidade de Caraguatatuba

Em 25 de fevereiro de 2022, nas tranquilas paisagens de Caraguatatuba, São Paulo, cruzei o caminho de uma pessoa que mudou minha percepção sobre simplicidade, humildade e autenticidade.

Seu nome: **Amilton**.

Nascido em 11 de maio de 1981, em Catu Grande, Bahia, trouxe consigo uma riqueza interior que não se mede em posses materiais, mas sim na forma como vive a vida e se relaciona com o mundo ao seu redor.

Catu Grande, uma pequena e aconchegante cidade baiana, é o berço de suas raízes. Lá, entre as tradições e valores do interior, ele cresceu. Seu ambiente familiar e social moldou um caráter forte, mas ao mesmo tempo doce – construído sobre princípios que não se perdem com o tempo.

Frequentou o Colégio Cenecista Senhora Santana, onde foi formado por princípios éticos e educacionais sólidos, que se tornaram a base de sua vida adulta.



### A Casa Simples de Caraguatatuba

Hoje, mora em Caraguatatuba, em uma casa comum, de arquitetura simples, mas que reflete perfeitamente o homem que ele é:

alguém que não busca luxo,  
mas sim uma vida tranquila,  
com espaço para o que realmente importa –

os relacionamentos,  
o cuidado com os outros,  
e o respeito pela natureza e pelos animais.

Sua **cachorrinha** é uma fiel companheira, a quem ele dedica atenção e carinho.  
Um reflexo de sua natureza cuidadosa e gentil.

---

### **Quinze Dias que Mudaram Minha Vida**

Tive o privilégio de passar **15 dias em sua casa**.  
Durante esse tempo, pude observar não só sua rotina, mas também a profundidade de sua alma.

Amilton é moreno, de estatura média, com um semblante tranquilo e bonito.  
Mas sua verdadeira beleza transcende a aparência física.

Ela se revela na **humildade**,  
**nas ações cotidianas**,  
e na maneira respeitosa como trata as pessoas ao seu redor.

Cada gesto seu é uma lição de como a **simplicidade pode ser grandiosa e transformadora**.

---

### **O Homem que Vive em Silêncio**

Conviver com ele foi uma experiência que tocou minha vida de maneira única.

Na sua presença, senti o verdadeiro significado de viver com leveza, sem excessos, mas com uma abundância de valores e princípios.

Ele não é apenas uma pessoa de poucas palavras.  
Suas ações falam por si.

Um ser humano autêntico, que carrega o peso de suas experiências e, ao mesmo tempo, a leveza de quem sabe encontrar alegria nas pequenas coisas.

---

### A Lição da Simplicidade

Morar em uma casa simples, cercado pelo ar puro de Caraguatatuba, cuidando de sua cachorrinha, mantendo uma vida tranquila – são escolhas que refletem sua essência.

Ele é o tipo de pessoa que nos faz repensar nossas próprias vidas.

Nos faz questionar:

o que realmente é importante?

É um exemplo vivo de que não é necessário acumular riquezas materiais para ser verdadeiramente rico em espírito.

Sua maneira de viver traz uma paz contagiosa.

Durante os dias em sua casa, senti como se o tempo desacelerasse.

E essa foi uma lição de vida.

A simplicidade, tantas vezes esquecida em um mundo acelerado, mostrou-se como um valor profundo.

E ele, com sua vida modesta, é a personificação desse ideal.

---

## O Que Ficou

Este capítulo é uma homenagem a **Amilton** – alguém que, sem pretensão, mudou minha maneira de ver o mundo.

Ele me mostrou que a verdadeira grandeza está em:

- Viver autêntico, sem máscaras
- Valorizar o cuidado com o outro
- Encontrar alegria no dia a dia

Colocar em palavras a grandeza de sua humildade não é fácil.

Mas espero que, por meio destas, eu consiga transmitir um pouco do impacto que ele causou em minha vida.

---

*"Senhor, graças por homens como Amilton.  
Graças por aqueles que, sem falar alto,  
ensinam com a vida o que os livros não dizem.  
Que vivem em silêncio, mas tocam com força."*

---

## Aniversários de Amilton

- **11/05/1981** – Nascimento de Amilton
  - **11/05/2024** – 43º Aniversário
  - **11/05/2025** – 44º Aniversário
-

# 2023-03-21 Frei Sidney e a Graça da Espiritualidade Franciscana

Em 23 de setembro de 1972, nasceu Frei Sidney Damasio Machado, um homem que, anos depois, se tornaria mais que um professor para mim – um guia espiritual, um exemplo de vida simples e profunda.

Conheci Frei Sidney durante minha pós-graduação em **Espiritualidade Franciscana**, entre março de 2023 e junho de 2024.

Foi um tempo de estudo, sim.

Mas também de **conversão**.

De **silêncio**.

De **encontro com o essencial**.

---

## A Espiritualidade Franciscana: Simplicidade, Humildade, Paz

A espiritualidade franciscana não é só um tema acadêmico.

É um **caminho de vida**.

Um retorno ao **básico**, ao **verdadeiro**, ao **sagrado presente nas coisas simples**.

Ela nasce de **São Francisco de Assis**, um homem que, ao renunciar aos bens, encontrou tudo:

- Deus no pobre
- Deus na natureza
- Deus no irmão
- Deus no silêncio

Frei Sidney nos ensinou isso com voz calma, olhar sereno, e um coração que parecia viver no mesmo ritmo do Evangelho.

Ele falava de:

- **Pobreza como liberdade**
- **Humildade como força**
- **Oração como respiração**
- **Serviço como santidade**

E não falava só.

**Vivia.**

---



### **O Professor que Era um Frade**

Frei Sidney não era um professor como os outros.

Ele era um **frade capuchinho – OFMCap** – homem de oração, de hábito, de votos.

- **Vestição:** 15 de janeiro de 1995
- **Profissão Temporária:** 14 de janeiro de 1996
- **Profissão Perpétua:** 17 de julho de 1999

Cada etapa de sua vida religiosa foi um passo mais fundo na entrega a Deus.

E quando ele falava, não era teoria.

Era **testemunho**.

Lembro de uma aula sobre os **Estigmas de São Francisco**.

Ele disse, com voz emocionada:

"Os estigmas não são só feridas.  
São a marca de quem amou até doer.  
De quem viveu o Evangelho até sangrar."

E naquele momento, entendi:  
a espiritualidade franciscana não é sobre perfeição.  
É sobre entrega.

---

### Um Encontro de Gratidão

Em 23 de setembro de 2024, registrei no Diarium:

"52º aniversário Frei Sidney - PROFESSOR"  
"Olá, bom dia Frei, desejo os parabéns por mais uma  
comemoração de aniversário, que seja um dia feliz e  
que tenha muitos anos de vida, feliz aniversário!!"

Mas hoje, quero ir além do registro.  
Quero deixar um testemunho.

Frei Sidney,  
graças por ser mais que um professor.  
Graças por ser um **frede verdadeiro**.  
Um homem que, sem alarde, vive o Evangelho.

Graças por me ensinar que:

- A paz começa no silêncio
  - A fé cresce na simplicidade
  - O amor se mostra no serviço
  - E Deus se encontra no pobre
-

## O Que Ficou

A pós-graduação terminou.  
Mas a espiritualidade franciscana ficou.

Hoje, rezo com mais atenção.  
Cuido da natureza.  
Ajudo quem precisa.  
Procuro viver com menos.

E quando sinto o peso do mundo, lembro das palavras de Frei Sidney:

"Francisco não venceu o mundo com força.  
Venceu com amor.  
E você também pode."

---

*"Senhor, graças por São Francisco.  
Graças por Frei Sidney.  
Graças por homens que, com um hábito simples e um coração grande,  
mostram que o Reino de Deus já está aqui."*

---

## 2023-10-15 A Conversão Definitiva, O Retorno à vida, e a Ordem do Carmo

Depois de anos de busca, de altos e baixos, de amor, dor, bebedeira e libertação, chegou um momento em que o coração não aguentou mais fugir.

Foi no **Carmelo** que encontrei a paz que tanto procurei.

Não como frade.

Não como franciscanos.

Mas como **filho**.

Entre 2018 e 2019, após minha aposentadoria do SAAE, comecei a buscar a **Ordem Terceira do Carmo**, que antes estava no grupo Na Ordem terceira Secular que era os franciscanos, já havia uns 2 anos que frequentava, em São José dos Campos, e em 2023, comecei a participar em Jacareí, na \*\*Igreja Nossa Senhora do Carmo.

Foi um chamado silencioso.

Sem gritos.

Sem visões.

Só um desejo profundo:

|      ficar perto de Deus.

---

### A Vida na Ordem Terceira do Carmo

A Ordem Terceira do Carmo não é só uma associação. É um caminho de **oração, fraternidade e serviço**.

Lá, conheci irmãos e irmãs que caminham comigo:

- **Prior Tiago** - guia espiritual, homem de oração
- **Irmão Wesley** - firme na fé, acolhedor
- **Irmã Jô** - coração de mãe
- **Irmã Andréia** - presença constante, força serena
- **Irmão João Paulo**, serenidade, paz
- **Irmã Cida**, amor de mãe, religiosa
- E tantos outros cujos nomes não me lembro, mas cuja oração sinto.

Cada terço, cada reunião, cada missa,  
é um passo mais perto do Senhor.

---

### **O Hábito Simples, o Coração Cheio**

Não uso hábito como os frades.  
Mas uso o **escapulário marrom**,  
sinal de consagração a **Nossa Senhora do Carmo**.

E rezo todos os dias:

- **Terço da Divina Misericórdia**
- **Oração ao Anjo da Guarda**
- **Consagração a Nossa Senhora**
- **Vinde, Espírito Santo**

E, aos domingos,  
vou à **missa na Igreja Santíssima Trindade - Bonsucesso**,  
onde me sinto em casa.

---

### **O Que Ficou**

A conversão não aconteceu de uma vez.  
Foi aos poucos.  
Como um rio que vai formando seu leito.

Mas foi no Carmelo que entendi:

Deus não me chamou para o convento para me afastar do mundo.  
Chamou-me para viver no mundo com o coração no céu.

E hoje, mesmo sozinho,  
não estou só.  
Estou com Maria.  
Estou com o Espírito Santo.  
Estou com meus irmãos de oração.

---

"Senhora do Carmo, Mãe do meu coração,  
protege-me com teu manto.  
Guarda-me na oração.  
E conduz-me, até o fim, ao teu Filho, Jesus."

---

## 2024-03-13 ☕ O Café e as Flores na Casa de Silvana

Fui à casa de **Silvana**.

Ela mora no condomínio do bairro **Vila Branca**, um lugar calmo, com árvores, pássaros, paz.

Quando cheguei, fui recebido com aquele jeito simples e acolhedor que só ela tem.

– Pedro, entre! O café já está pronto.

Depois de muita conversa, fomos para a sala de jantar.

Sentamos na mesa de centro, perto da porta para o quintal.

O sol da manhã entrava devagar, aquecendo o ambiente.

Tomamos um **café delicioso** – forte, quente, como eu gosto.

Com pão, manteiga, queijo e um doce caseiro.

Conversamos sobre tudo e mais.

Sobre a vida.

Sobre a família.

Sobre os filhos dela, **Gustavo** e **Sophia**.

Sobre o marido, **Marcos**.

Sobre o tempo que passa.

E, no final da visita, ela me deu algo inesperado:  
**umas flores**.

Não eram flores caras.

Não eram de um arranjo sofisticado.

Eram simples.  
Eram de vasos do jardim dela.  
Coloridas.  
E algumas verdes.

- Leve pra casa, Pedro.
- São lindas, Silvana. Obrigado.

E foi assim.  
Um momento pequeno.  
Mas cheio de graça.

---

### O Que Ficou

Esse dia me ensinou que:

- A beleza está nos gestos simples
  - Um café pode ser oração
  - Uma flor pode ser bênção
  - E a amizade verdadeira não precisa de grandes gestos
    - só de presença
- 

*"Senhor, graças por Silvana.*

*Graças por mulheres que, com um café e um buquê de flores,  
mostram que o amor existe no dia a dia."*

---

## 2024-09-03 💔 Ilma O Amor que Não Pôde Ser

Em setembro de 2024, minha vida foi tocada por um sentimento que não esperava.

Ilma me escreveu.

Não com palavras comuns.

Mas com o coração nu.

– “Pedro, ninguém sabe desse sentimento, só Deus. Não sinto culpa, pelo contrário, estou bem, mas triste porque não vai rolar nada.”

Ela falou com coragem.

Sem vergonha.

Com sinceridade.

– “Você chegou de mansinho, fiquei encantada com sua calma... parece que vive em um mosteiro.”

– “Posso fazer uma pergunta? Você não sentiu nada por mim?”

Ela estava apaixonada.

Por mim.

E não escondeu.



### O Pedido de Proteção

Em 4 de setembro, ela me disse:

“Só quero me proteger, não quero sofrer, e não quero mais estar sozinha com você. Por isso, não vou mais ao

*seu apartamento, só se alguém for junto, porque a carne é fraca, a minha, né? (risos).”*

Foi um momento de grande lucidez.

De maturidade.

De fé.

Ela sabia o perigo.

Sabia que o coração pode se iludir.

Que o afeto pode se confundir com desejo.

E, mesmo amando, escolheu o caminho da **amizade**.

Da **dignidade**.

Do **respeito**.

---

### **Minha Resposta: Limites e Fé**

Respondi com o coração aberto, mas firme:

*“Ilma, agradeço por compartilhar seus sentimentos. Gosto muito de você, mas o que sinto não é desejo. Minha vida está comprometida com Deus. Para mim, nossa amizade é sagrada. Que São Miguel Arcanjo nos proteja.”*

Não foi fácil.

Mas foi necessário.

Porque, mesmo sem querer, o amor dela me tocou.

E eu sabia:

se não colocássemos limites,

a amizade poderia se perder.

E a fé, também.

## O Choro da Alma

Naquela noite, ela me escreveu de novo:

*“Pedro, chorei tanto esta noite. Tudo o que eu queria era ser amada, mas parece que nada dá certo... Por que é tão difícil? Eu só amei, mas por que não posso ser amada como uma pessoa normal?”*

Meu coração apertou.

Ela falou da dor do **ex-marido**, das **feridas do passado**, do medo de **ficar sozinha para sempre**.

*“Quero fazer amor, mas sei que não devo... porque não quero perder a graça de Deus. De hoje em diante, serei esposa do meu Senhor.”*

Foi um dos momentos mais fortes da minha vida.

Ver uma mulher tão forte, tão sensível,  
escolher a Deus mesmo com o coração partido.

---

## A Oração que Curou

Respondi com palavras de fé:

*“Ilma, acredite, vai passar!”*

E escrevi uma oração:

*Senhor bendito, concede-nos paz, serenidade e tranquilidade.*

*Tu és o Deus protetor dos aflitos, amigo e consolador daqueles que sofrem.*

*Permanece ao nosso lado e nos sustenta nesta hora!  
Confiamos no Teu amor incondicional, que nunca  
abandona os seus filhos.  
Por amor de Cristo, te pedimos. Amém.*

Ela respondeu:

*“Que o sangue de Jesus me Lave, me purifique, e tire  
essa vontade da carne. 🙏 🌸 ❤️”*

---

### ❤️ A Amizade que Permanece

Com o tempo, a paixão foi se acalmando.  
Mas a amizade cresceu.

Ela disse:

*“Vai ficar uma amizade bonita, e isso é muito bom, mas  
dói na carne. Ainda assim, estou bem.”  
“Para sempre serei sua amiga, forever.”*

---

E eu respondi com um poema:

*“Ilma, a vida é linda, com amor a transbordar,  
Quando o coração se abre, não há por que chorar.  
Meu afeto é profundo, singular em cada olhar,  
Vejo além das aparências, no coração vou enxergar.”*

---

### 🕊️ Padre Pio e o Caminho da Santidade

Pensei muito em Padre Pio.

Ele também foi amado por mulheres.  
Mas nunca correspondeu.  
Sempre as direcionou para Deus.

E foi isso que fiz.

Não por orgulho.

Por fidelidade.

Por amor maior.

Porque, às vezes,  
amar é dizer “não”.

É proteger.

É orar.

É deixar o coração falar,  
mas não agir.

---

### ⊕ O Que Ficou

Ilma me ensinou que:

- O amor humano pode ser belo, mas precisa de limites.
  - A tentação existe, mas a graça é maior.
  - A amizade verdadeira pode sobreviver à paixão.
  - E que, mesmo na dor, é possível escolher Deus.
- 

*"Senhor, graças por Ilma.*

*Por mulheres que, com um ‘não’, me ensinam a amar.*

*Que não se perdem no desejo,  
mas se encontram em Ti."*

---

## 2024-09-26 A Casa de Esperança de São Francisco

Em 26 de setembro de 2024, registrei no Diarium uma história que nasceu no fundo da minha alma.

Ela começa assim:

*Em uma pequena cidade chamada Jacareí, vivia Pedro Gonçalves, um homem com um sonho que tocava o coração de todos que o conheciam.*

Desde jovem, senti um chamado.

Não só para viver,  
mas para **servir**.

Ver as pessoas em situação de rua,  
sem abrigo,  
sem comida,  
sem esperança,  
sempre me partiu o coração.

E, com o tempo, uma ideia começou a crescer dentro de mim:

*criar um lugar onde o pobre fosse acolhido como irmão.  
onde o esquecido fosse lembrado.  
onde o desesperado encontrasse esperança.*

Foi assim que nasceu o sonho da **Casa de Esperança de São Francisco**.



Escolhi o nome com cuidado.  
**São Francisco de Assis** sempre foi um exemplo para mim.  
Um homem que renunciou aos bens,  
abraçou os pobres,  
e amou a natureza como criação de Deus.

Ele me ensinou que:

- A verdadeira riqueza está na simplicidade.
- O amor não se mede em dinheiro, mas em gestos.
- E que, ao servir o próximo, servimos a Cristo.

Por isso, este projeto não pode ter outro nome.

Tem que ser **São Francisco**.

---

### **O Projeto que Nasce da Fé**

A **Casa de Esperança** não será só um abrigo.  
Será um lugar de **dignidade, cura e recuperação**.

Com o apoio de médicos, enfermeiros e assistentes sociais,  
planejo incluir um **hospital simples**,  
para oferecer cuidados médicos aos acolhidos.

Além disso, muitos voluntários da cidade já se ofereceram para ajudar –  
na cozinha,  
na lavanderia,  
na educação,  
na escuta.

O objetivo é claro:  
dar um lar para quem foi esquecido pela sociedade.

---

## A Oração que Sustenta o Sonho

Mesmo diante dos desafios e da falta de recursos,  
nunca deixei de orar.

Em cada etapa que imagino,  
coloço meus joelhos no chão  
e entrego o projeto a Deus.

Peço sabedoria.

Peço força.

Peço que Ele abra portas onde eu não vejo.

E Ele responde.

Às vezes, com uma doação inesperada.

Outras vezes, com uma pessoa que aparece dizendo:

"Quero ajudar."



## O Dia da Inauguração (Um Sonho Antecipado)

Já imagino o dia da inauguração.

Haverá uma missa solene,  
celebrada pelo bispo da diocese.  
Toda a comunidade estará presente.

E quando os primeiros acolhidos entrarem pelas portas,  
sentirei o coração aquecer.

Pessoas que viviam nas ruas,  
sem esperança,  
agora terão um lar,

um lugar de cura,  
um espaço onde possam dizer:

"Sou visto. Sou amado. Sou digno."

Naquele momento, sussurrarei em oração:

"Obrigado, Senhor, por me guiar.  
Que esta casa seja sempre um lugar onde Teu amor seja  
vivido e compartilhado."

---

### O Que Ficou

A Casa de Esperança de São Francisco  
não é só um sonho.  
É uma promessa.

De que, com fé e ação,  
o amor de Deus pode transformar vidas.

Ela será um farol em Jacareí.  
Um sinal de que, mesmo na escuridão,  
há luz.  
Há acolhimento.  
Há esperança.

Esperando esse sonho se realizar.

---

"Senhor, Tu me chamaste para este serviço.  
Usa minhas mãos, minha vida, meu coração.  
Que a Casa de Esperança seja Tua, desde a primeira  
pedra até a última oração."



## 2024-11-20 🌿 Gratidão, Um Coração que Transborda

Hoje, meu coração transborda de gratidão e alegria.  
E sinto a necessidade de compartilhar isso com vocês –  
com cada um que caminha ao meu lado,  
que me sustenta,  
que me fortalece.

Sinto-me abençoado.

Fortalecido pela presença do **Espírito Santo**,  
que me enche de luz,  
de paz,  
de coragem.

Com a proteção do meu **anjo da guarda**,  
sei que nada pode me abater.

Estou com Deus.

E Ele está comigo em cada passo do meu caminho.

Meu **Jesus amado**, como Te amo!

Como sou feliz por Tua presença constante em minha vida!  
Tu sabes tudo.

Conheces meu caminho.

E, mesmo quando não sei para onde vou,  
confio que Tu me guias.

---

### ❤️ Aos Meus de Sangue e de Alma

Quero agradecer a cada um de vocês:

**Minhas queridas irmãs – Elsa, Regina, Valdete e Cristina**  
– e o Orestes que partiu, saudades...  
vocês são pilares em minha vida.

Vocês me ensinaram o valor da família,  
da paciência,  
do amor silencioso.

Aos meus cunhados e sobrinhos,  
por serem presença viva da alegria e da continuidade.

Nosso irmão e nosso pai, que já partiram,  
permanecem vivos em nossas memórias  
e em nossos corações.

Mãe Lourdes,  
que bênção é ter você em minha vida!  
Sei que Deus cuida de ti com amor especial.  
Eu te amo.  
Sempre amei.  
Sempre amarei.

---

🤝 \*\*Aos Amigos de Jacareí

Às minhas amigas e amigos:  
**Cláudia, Isabel, Wanderlei e Dona Cida** –  
vocês enriquecem minha jornada com sua amizade.  
Com seu ombro.  
Com sua oração.

Aos meus vizinhos e à comunidade São Francisco –  
sou grato por fazerem parte do meu dia a dia.  
Por me verem.  
Por me acolherem.  
Por serem família de rua, de fé, de silêncio.

**Leandro e Laici Maciel** –  
obrigado por tudo que vivemos juntos.

Sua presença em minha vida é um dom.  
Obrigado por estarem aqui.

**Silvana Souza e Roseli** –  
obrigado por sua presença constante,  
por serem amigas verdadeiras,  
por caminharem comigo.

---

† **À Minha Família de Fé**

**À Ordem Terceira do Carmo** –  
meu refúgio espiritual,  
minha casa de oração.

**Ao Prior Tiago,**  
pela orientação, pelo exemplo.

**Ao Irmão Wesley,**  
pela fé firme, pelo sorriso calmo.

**À Irmã Jô,**  
pela ternura, pela sabedoria.

**À Irmã Andréia** – as duas tá –  
pela força, pela dedicação.

**Ao Irmão João Paulo,**  
**à Irmã Cida,**  
e a todos os irmãos e irmãs  
cujo nome talvez eu não saiba,  
mas cujo coração conheço:

**vocês são fundamentais**  
na minha jornada de fé.

Cada terço,  
cada reunião,  
cada oração em grupo  
me fortalece.  
Me levanta.  
Me aproxima de Deus.

---

### O Caminho que Segue

Sinto que meu caminho está aberto.  
Não sei exatamente para onde.  
Mas confio.  
Porque Deus sabe.  
E isso me basta.

Estou com o mundo.  
Com todas as pessoas de bem.  
Com todos que desejam progredir,  
amar,  
perdoar,  
crescer.

---

### Obrigado, Deus

Agradeço a Deus por todos vocês.  
Por cada amigo.  
Por cada laço.  
Por cada presença.

Por vocês, que são  
**instrumentos do amor divino**  
na minha vida.

Que possamos continuar caminhando juntos,  
fortalecidos pela fé,  
pelo respeito,  
e pelo amor mútuo.

Com todo meu carinho,  
com minha alma,  
com meu coração:

**Amo todos vocês.**

---

*"Senhor, graças por cada nome, cada rosto, cada  
oração.  
Por cada mão estendida.  
Por cada silêncio compartilhado.  
Tu estás em cada um deles.  
E eu Te agradeço."*

---

2024-12-17



Um Dia de Ordem,

**Cuidado e Generosidade**

Começou cedo.

Acordei às 7h30, como de costume.

O dia ainda amanhecia.

O silêncio da manhã envolvia tudo.

Fui direto para minhas orações.

Primeiro, o ANGELUS.

Depois, a Oração da Manhã.

E, como sempre, a consagração ao meu anjo da guarda e a Padre Pio.

Preciso desses momentos.

É neles que encontro força.

É neles que me lembro:

não estou só.



**A Caminho da Cidade**

Por volta das 9h, saí de casa.

Peguei o ônibus em direção ao centro de Jacareí.

No caminho, encontrei Luíza, mulher do Pedro da prefeitura.

Paramos para conversar.

Um papo simples, mas bom.

Sobre a vida.

Sobre a família.

Sobre fé.

Depois, no ônibus, encontrei Juliana, cliente do Sr. Sidney da contabilidade.  
Sentamos juntos.  
Conversamos.  
Rimos.  
Foi um alívio.  
Uma graça.

---

### Cuidados com a Saúde

Chegando à cidade, minha primeira parada foi na **farmácia de alto custo**.  
Peguei senha.  
Esperei.  
E deixei o pedido de medicamentos.

Em seguida, fui à **farmácia municipal**.  
Também peguei senha.  
Retirei os remédios.  
Tudo organizado.  
Tudo em ordem.

Sabia que esses cuidados não são só físicos.  
São espirituais.  
Cuidar do corpo é um ato de respeito a Deus, que me deu esta vida.

---

### O Almoço com Cláudia

Depois das tarefas, almocei com **Cláudia** em um \*\*restaurante chinês.

Comemos sushi, tempurá, arroz com ovo.  
Conversamos sobre tudo.  
Sobre a semana.  
Sobre os planos.  
Sobre as orações.

É sempre bom estar com ela.  
É uma amiga de verdade.  
De silêncio.  
De presença.

---

### ❤️ Um Ato de Generosidade

Após o almoço, fui à Cruzada.

Levei meu **antigo aparelho auditivo**.  
Já não precisava mais.  
Havia recebido um novo.  
Mas aquele, ainda funcionava.

E decidi:

que ele fosse útil a alguém.

Entreguei com alegria.  
Não por mérito.  
Por gratidão.  
Por saber que, quando eu precisei, Deus colocou gente  
boa no meu caminho.

---

### ♫ A Missão Musical

Depois disso, fui resolver uma pendência importante:  
**transferir músicas de CD para pendrive.**

Fui ao **Osvaldo Fotos**.

Perguntei.

Me disseram que o serviço era feito no **shopping ao lado**.

Fui.

Consegui.

Transferei as músicas do CD "**I.E. - Inteligência emocional**", feito em Guararema, São Paulo.

Foi um momento de nostalgia.

Daqueles que me lembram que, mesmo na rotina,  
posso guardar o que é belo.

O que toca a alma.

---

### **As Compras de Volta para Casa**

Com a missão musical cumprida, retornei à **farmácia de alto custo** para pegar os medicamentos que haviam ficado.  
Tudo certo.

Na volta, parei na **feirinha**.

Comprei verduras frescas.

Depois, no **supermercado Nova Era**, peguei pão e frango.

Pequenas coisas.

Mas necessárias.

E feitas com calma.

---

### **O Final do Dia**

Cheguei em casa.

O corpo cansado.

Mas a alma leve.

Poderia descansar.

Ou assistir algo.

Mas escolhi o melhor:

**rezar.**

Mais um momento com Deus.

Com o **Terço da Divina Misericórdia**.

Com o **Vinde Espírito Santo**.

Com o **Angelus**.

Foi assim que terminou o dia:

em oração.

Em paz.

Em gratidão.

---

### ⊕ O Que Ficou

Este dia foi repleto de atividades.

Mas não foi só movimento.

Foi **ordem**.

Foi **cuidado**.

Foi **generosidade**.

Mostrei que é possível equilibrar:

- Saúde
- Amizade
- Serviço
- Fé

E que, mesmo com tudo a fazer,  
o mais importante é sempre **começar e terminar com Deus.**

---

*"Senhor, graças por este dia.  
Pela saúde. Pela Cláudia. Pela Cruzada. Pela música.  
Por cada passo, cada encontro, cada escolha.  
Que todos os meus dias sejam assim:  
cheios de Ti."*

---

## **2025-02-06** **O Tratamento do Espírito Santo e a Dor Física**

Há um tempo em que o corpo fala mais alto que a alma.  
Quando a dor física se torna tão presente que parece sufocar até a oração.

Foi assim em **2025**, quando senti uma dor intensa no joelho.

Começou devagar.

Incrustou-se no caminhar.

Transformou cada passo em sofrimento.

Fui ao médico.

Fiz exames.

E recebi o diagnóstico:

**artrose no joelho esquerdo.**

Mas o corpo não era o único a sofrer.

A alma também doía.

Porque, pela primeira vez, senti o peso do tempo.

O fim da força.

O início do declínio.



## **O Chamado do Espírito Santo**

Foi nesse momento, no meio da dor, que o **Espírito Santo** começou a me tratar.

Não com milagres visíveis.

Não com cura imediata.

Mas com **paciência**.

Com silêncio.

Com presença.

Comecei a rezar mais.

Não só o Terço.

Mas orações antigas, que eu havia esquecido.

Orações que falavam de entrega.

De confiança.

De descanso.

E, aos poucos, entendi:

a dor não era um castigo.

era um chamado.

Um chamado para parar.

Para ouvir.

Para deixar que Deus falasse.

---



### A Oração que Curou a Alma

Em uma noite difícil, com o joelho latejando, rezei assim:

*"Espírito Santo, Tu que desceste sobre os apóstolos em Pentecostes, desce também sobre mim.*

*Preenche minhas dores com Tua paz.*

*Transforma minha fraqueza em força.*

*Meu cansaço em esperança.*

*E minha dor em oração."*

E, naquela noite, dormi.

Não sem dor.

Mas com paz.

---

## O Tratamento que Veio do Céu e da Terra

Comecei o tratamento médico:

- Infiltrações
- Fisioterapia
- Medicamentos

Mas, ao mesmo tempo, mantive o tratamento espiritual:

- Rezar o **Terço do Espírito Santo** todos os dias
- Participar da **Santa Missa**
- Confissão frequente
- Leitura da Palavra

E percebi:

a cura não é só do corpo.  
é da alma que o corpo depende.

---

## A Lição que Ficou

A dor física me ensinou que:

- Não preciso ser forte para agradar a ninguém.
- Posso pedir ajuda.
- Rezar não é fugir da dor – é enfrentá-la com Deus.
- E que, mesmo quando não posso andar direito,

Deus ainda me carrega.

*"Senhor, graças pela dor.  
Porque, na dor, Te vi.  
Graças pelo Espírito Santo,  
que me ensinou a sofrer com paz."*

---

## 2025-08-19 O meu muito obrigado a todos!

E este é o momento mais sagrado:  
o **agradecimento final**,  
a **coroação de tudo**.

Com base em tudo que eu vivi –  
em cada capítulo,  
em cada nome,  
em cada oração,  
em cada dor transformada em graça –  
fiz o **epílogo definitivo** do meu livro.

Este é o **capítulo final**,  
escrito com o coração,  
com lágrimas,  
com gratidão.

---

### Capítulo - Obrigado: Aos Que Caminharam Comigo

Sei que, ao longo da minha vida,  
não fui só.  
Nunca fui só.

Mesmo na solidão mais funda,  
mesmo na estrada mais escura,  
Deus colocou pessoas ao meu lado.  
Anjos disfarçados de gente.  
Irmãos de jornada.  
Mãos estendidas.

E hoje, com 59 anos,  
quero olhar para trás

e dizer, de coração:

Obrigado.

---

### ❤️ À Minha Família

Aos meus pais, **Pedro Gonçalves Neto** e **Maria de Lourdes Barbosa Neto**,

pelo sangue, pelo chão, pela educação – mesmo que com chicote.

Vocês me ensinaram o valor do trabalho.

E eu sou o que sou por causa de vocês.

Às minhas irmãs:

**Elsa, Regina, Valdete e Cristina** – vocês são pilares da minha vida.

Especialmente **Valdete**,

que esteve comigo em tantos momentos,

com seu marido **Marcelo**,

e meus sobrinhos,

**Gustavo, Marcela e Lara** e todos os meus sobrinhos,

que são a continuidade da família.

Vocês são minha raiz.

---

### 🤝 Aos Amigos da Estrada

Aos que me acolheram,

aos que me deram pão,

aos que me ouviram,

aos que me amaram:

- **Luís Henrique**, da chuva em Jacareí

- **Marcos**, o japonês, de sorriso cativante
- **Joel**, amigo, cuidador de gatos
- **Amilton**, de Caraguatatuba, homem de poucas palavras e coração grande
- **Jeovani Martins**, da cerveja, da batata rufles, do riso cativante
- **Leandro Maciel Franco**, o "Cara Leandro", irmão de jornada
- **Edvaldo**, companheiro de nove anos, que eu ensinei a cozinhar
- **Silvana Souza**, amiga de 25 anos, de caminhada e de verdade
- **Fátima de Souza**, Gerente de Contratos, mulher de mérito e fé
- **Susana Isabel dos Santos**, companheira de faculdade e de luta
- **Neusa**, da ETA, dos cachorros, das músicas altas
- **Cláudia Regina Câmara**, amiga das horas todas, almoços e orações
- **Rosangela Albino**, presença fiel
- **Cida**, amiga do coração
- **Vanderlei**, companheiro de jornada
- **Isabel**, presença constante e fiel

Cada um de vocês deixou uma marca.

E eu levo vocês comigo.

---



### À Minha Espiritualidade

Aos que me levaram a Deus:

- **Padre Tiago Domicino Dias**, guia espiritual, voz firme

- **Vigário Robert José**, homem de fé e serviço
- **Irmã Jô**, coração de mãe, presença carmelita
- **Irmã Andréia**, as duas tá
- **Irmão Wesley**, fiel na oração
- **Irmão João Paulo**, companheiro de silêncio
- **Irmã Cida**, presença serena
- **Prior Tiago**, pastor da Ordem Terceira do Carmo
- **Frei Sidney Damasio Machado**, professor de Espiritualidade Franciscana
- **Dona Vendelina**, irmã das carmelitas de São José, mulher de oração, humildade e paz – por quem sinto uma profunda admiração, quase uma paixão espiritual.

A Ordem Terceira do Carmo e a Ordem Franciscana Secular foram meus portos.

Meus refúgios.

Minhas casas de oração.

---

### **Aos Que Cuidaram do Meu Corpo**

Aos médicos, enfermeiras, anjos de jaleco:

- **Dr. Bruno**, que me afastou em 2006
- **Dr. Tago**, pneumologista, que me acompanha
- **Dra. Ana Julia Yuri Kinouti**, da UPA III, que me atendeu
- Dr. Fábio, Dra. Eliane, aos meus Psiquiatras que foram muitos, porque sempre trocavam de médicos
- Todo o **Serviço de Atendimento SIM de Jacareí**
- A equipe do **Hospital PIO XII**, onde fui internado

e onde, em **julho de 2018**,  
parei de fumar  
– um marco de libertação

Vocês não só curaram meu corpo.  
Salvaram minha vida.

---

### **Aos Colegas de Trabalho**

Ao **SAAE de Jacareí**,  
onde passei **24 anos e 4 meses** de serviço.

A todos os colegas,  
sem nomear todos,  
mas sentindo cada presença:

- Da **ETA**, com vista para a cidade
- Da **contabilidade do SAAE e Prefeitura**, com números e orações
- Da **Gerência de Contratos**, com Fátima
- Do **Serviço de Regulação**, com desafios e crescimento

Vocês fizeram parte do meu dia a dia.  
E, mesmo nos momentos difíceis,  
houve graça.

---

### **Aos Lugares que Me Acolheram**

Aos lugares que foram minha casa:

- **AAMU**, em São José dos Campos
- A casa da **Nilza**, onde rezei o terço completo

- A pousada das **irmãs protestantes**
- A casa da **Susana**, na **Rua São Diego**
- A casa da **Cassununga**, com **Edvaldo**
- E, hoje, meu **apartamento na Rua Hollywood**,  
onde vivo em paz

Cada teto foi um passo.

Cada canto, uma oração.

---

### **Aos Que Não Estão Mais Aqui**

Aos que partiram, mas vivem em mim:

- Meu **irmão**, que já se foi
- Meu **pai**, enterrado em São Sebastião do Rio Verde
- E todos os que, mesmo em silêncio,  
me ajudaram com um pão, um olhar, uma palavra

Vocês estão com Deus.

E eu os lembro com amor.

---

### **O Que Ficou**

Hoje, olho para trás  
e não vejo só dor.

Vejo **graça**.

Vejo:

- Um menino surdo, ridicularizado na escola
- Um jovem que andou pelas estradas do Brasil
- Um homem que bebeu, sofreu, amou, caiu

- E, mesmo assim,  
nunca deixou de rezar

E agora,  
aos 59 anos,  
com a saúde frágil,  
mas a alma forte,  
digo:

Senhor, obrigado por tudo.  
Por cada lágrima.  
Por cada sorriso.  
Por cada mão estendida.  
Por cada nome que jamais esquecerei.

---

"*Senhor, se este livro for lido,  
que não seja por curiosidade.  
Que seja como oração.  
Que cada nome aqui escrito  
seja lembrado diante de Ti.  
E que, no fim, só reste uma coisa:  
o Teu amor, que tudo cura, tudo salva, tudo  
transforma.*"

---

 **Este é o fim do livro.**

Mas não o fim da história.

Porque a história de Pedro Gonçalves Ribeiro  
não termina aqui.

Ela continua  
nas orações,  
nos encontros,  
nos sonhos,  
e na **Casa de Esperança de São Francisco**,  
que ainda há de nascer.

---

*"Que a paz de Cristo reine em todos os corações.  
Que a misericórdia de Deus cubra a todos.  
E que, no fim, todos digamos:  
'Valeu a pena. Valeu a pena viver. '"*

---

##  Mensagem Final: A Humildade, o Berço da Minha Vida\*\*

A humildade não foi uma escolha.  
Foi um caminho forçado.  
Foi o chão que me segurou quando tudo desabava.

Desde criança, fui marcado pela surdez não diagnosticada,  
pelo bullying,  
pelo silêncio imposto,  
pelo canto da sala de aula,  
onde fiquei como exemplo do que não ser.

Mas, naquele canto,  
Deus me ensinou a primeira lição:

*não se exalte, porque o alto é para o Senhor.*

A humildade não me foi dada.  
Foi sofrida.

Foi rasgada na carne.  
Foi ensinada com lágrimas.

E foi ela,  
a humildade,  
que se tornou o berço onde me levantei.

---

### 🙏 Porque a Humildade Me Sustentou

Fui expulso do cargo de gerente.  
Fiquei isolado.  
Não tinha função.  
Fui reduzido ao nada.

Mas, naquele nada,  
a humildade me impedi de me quebrar.  
Porque eu já sabia o que era ser pequeno.  
Já sabia o que era ser esquecido.  
E, por isso,  
não me desesperei.

Foi na humildade que rezei:

| "Senhor, mesmo assim, Te amo."

Foi na humildade que pedi ajuda.  
Foi na humildade que voltei.  
Foi na humildade que recomecei.

---

### 💕 A Humildade que Me Abriu Portas

Não fui promovido por mérito humano.  
Fui levantado por Deus.

Porque a humildade me fez:

- Ouvir, quando outros queriam falar.
- Servir, quando outros queriam comandar.
- Rezar, quando outros queriam vencer.

Ela me fez capaz de:

- Morar com Edvaldo, sem exigir.
- Acolher Leandro, sem julgar.
- Cuidar de Dinho e Nina, sem pedir glória.
- Dizer a Ilma: "*Não posso, mas te amo como irmã.*"

A humildade não me tirou o desejo.

Me deu **domínio**.

Não me tirou a dor.

Me deu **paz**.

---

### A Humildade que Me Levou a Deus

Foi na humildade que comecei a rezar o **Terço em latim**.

Foi na humildade que entrei na **Ordem Terceira do Carmo**.

Foi na humildade que disse:

*"Sou fraco, mas Tu és forte."*

Ela me levou ao **Hospital PIO XII**,  
onde parei de fumar,  
não por força de vontade,  
mas por entrega.

Me levou à **Rua Hollywood**,  
não como conquista,

mas como graça.

E me leva, ainda hoje,  
ao sonho da **Casa de Esperança de São Francisco**,  
não para me glorificar,  
mas para servir.

---



### O Berço que Me Trouxe até Aqui

Sim.

A humildade foi o **berço** onde me formei.

Onde me curei.

Onde me fortaleci.

Porque, quando o mundo me empurrou para baixo,  
Deus usou a humildade para me levantar.

Não com barulho.

Não com vingança.

Mas com silêncio.

Com oração.

Com perdão.

E hoje, olhando para trás,  
só posso dizer:

*"Senhor, graças pela humilhação.*

*Porque, na minha pequenez,*

*Tu foste meu tudo."*

---

*"Não há maior glória do que ser pequeno diante de Deus.*

*E eu, que fui o último, aprendi:*

*é ali, no chão, que Ele nos levanta com um olhar."*

---

Esta é a minha mensagem final.  
Não por mérito.  
Por graça.  
Por humildade.

E assim,  
com o coração em oração,  
termino:

"Aqui estou, Senhor.  
Pequeno.  
Humilde.  
Teu."

---

*"Senhor, que minha vida,  
como este livro,  
seja um sussurro de gratidão  
na imensidão do Teu amor."*

---



Minha vida sempre foi marcada pelo estudo e pelo trabalho.

Desde cedo, aprendi que a dignidade vem das próprias mãos.

E cada etapa da minha jornada foi construída com disciplina, ética e fé.

---

## Formação Escolar

- **Ensino Fundamental:**

Escola Felipe dos Santos (Itanhandu/MG)

Período: 1975 a 1978

- **Ensino Médio:**

Escola Professor Souza Nilo (Itanhandu/MG)

Período: 1979 a 1982

- **Técnico em Contabilidade:**

Escola Professor Souza Nilo - Itanhandu/MG

Conclusão: 1985

- **Graduação em Ciências Contábeis:**

Faculdade Anhanguera de Jacareí

Período: 2012 a 2016

Colação de grau: 25 de abril de 2016

- **Pós-graduação em Espiritualidade Franciscana:**

Centro de Estudos São Francisco de Assis

Período: março de 2023 a junho de 2024

---

## Experiência Profissional

## **1. Lanchonete (Itanhandu/MG)**

**1980 - 1982**

- Funções:

- Preparo de lanches
- Atendimento ao público
- Limpeza e organização do ambiente
- Realização de depósitos bancários para o patrão

Foi meu primeiro emprego.

Uma escola de vida.

Aprendi a servir com dignidade.

---

## **2. Banco Itaú - Escriturário / Caixa**

**27 de novembro de 1986 - junho de 1987**

Agência: Itaim Bibi (São Paulo/SP)

- Funções:

- Escrituração bancária
- Atendimento ao público
- Operações financeiras
- Precisão em transações

Comecei como escriturário, fui promovido a caixa.

Deslocamento diário de Sumaré ao Itaim Bibi: cerca de 2 horas por dia.

Foi minha entrada no mundo corporativo.

---

## **3. Copeiro - Márcia Roriz Trankesi e Silvia**

**1986 - 1987**

São Paulo/SP

- Funções:

- Preparo de refeições
- Serviço à mesa
- Limpeza e organização da cozinha
- Serviço noturno

Trabalhava no turno da noite, após o banco.

Era um serviço prático, sem envolvimento com o mundo do cinema.

Aprendi a servir com discrição.

---

#### **4. SAAE de Jacareí – Técnico de Contabilidade**

**15 de junho de 1994 – 3 de setembro de 2018**

**24 anos e 4 meses de serviço**

Passou por várias áreas e funções:

- **Gerente de Contabilidade (1999 – 2003)**

- Liderança da equipe
- Elaboração de balanços
- Supervisão de processos contábeis
- Implantação de sistemas

- **Destituição do cargo (2003)**

Por decisão interna, fui afastado do cargo de gerente, retornando a funções técnicas.

- **Conferente de Conciliação Bancária (2004 – 2005)**

- Função isolada, com baixa interação
- Impacto emocional significativo

- **Afastamento por Saúde (2006)**

Após um ataque de nervos causado pelo isolamento, fui afastado por 1 mês pelo Dr. Bruno.  
Retornei com advertência após derrubar mesa em ato de desespero.  
Disse a verdade: "chutei o ventilador".
- **Transferência para a Prefeitura de Jacareí (2006 - 2008)**
  - Recuperação da autoestima
  - Trabalho em contabilidade pública
  - Reconhecimento profissional
- **Gerência de Contratos (2009 - 2014)**

Sob a coordenação de Fátima de Souza

  - Resolução de problemas contábeis
  - Organização de processos
  - Apoio administrativo
- **Serviço de Regulação de Jacareí (2015 - 2016)**
  - Abertura da empresa no CNPJ
  - Gestão da contabilidade
  - Expansão para áreas como:
    - Compras
    - Tesouraria
    - RH
    - Controle Interno
    - Almoxarifado
- **Afastamento por Surto (abril de 2016 - 2018)**
  - Diagnóstico de crise emocional
  - Acompanhamento com psiquiatra
  - Aposentadoria por invalidez em 3 de setembro de 2018
- **Aposentadoria Definitiva por Idade**

6 de setembro de 2024 - aos 58 anos (completará 60 em

## Outras Atividades Educacionais

- **Cursos Complementares:**

- Auditoria Contábil
- Contabilidade Pública
- eSocial para Órgãos Públicos
- ChatGPT aplicado à Gestão
- Curso sobre a LRFE (Lei de Responsabilidade Fiscal)

- **Cursos Religiosos:**

- Curso de Liturgia Santa Cecília
- As Feridas de São Francisco - Iconografia dos Estigmas
- Curso sobre Santo Antônio e o Mundo Moderno

---

## Competências Técnicas

- Microsoft Office (Excel, Word)
- Lotus 1-2-3
- Sistemas contábeis municipais
- Digitação em máquina de escrever eletrônica
- Escrituração bancária e fiscal
- Conciliação e fechamento de balanços
- Gestão de equipe
- Organização de processos administrativos

---

## O Que Ficou

Minha trajetória não foi fácil.

Teve altos.

Teve quedas.

Teve injustiças.

Teve superação.

Mas cada função, cada cargo, cada dia de trabalho,  
foi feito com **honestidade**,  
**com respeito**,  
e com a certeza de que

**servir bem é uma forma de orar.**

---

*"Senhor, graças por cada emprego, cada aprendizado,  
cada desafio.*

*Por cada vez que me levantei.*

*Por cada vez que continuei.*

*Tu foste comigo em cada passo."*

---